



Sequerane, discriminada pelo Governo conquista título mundial

Desporto PÁGINAS 22-23

Pergunta à Tina

SMS
email

90 441

averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA



Inércia dos tribunais impera em Nampula

Sociedade PÁGINA 06



A volta da epidemia do ébola

Democracia PÁGINA 15



Sónia André, a feminista durona

Plateia PÁGINA 26

Mwaa @_Mwaa_
O incêndio foi grave?
RT @verdademz

CIDADÃO REPORTA: In-
cêndio na clínica cruz azul
#Maputo pic.twitter.com/
kRa0x6jEBs

Faizal abudo @
Faizal abudo Forças
Armadas de
Moçambique (FADM),
#ameaça paralisar com
actividades culturais da casa
velha em Nampula. @
verdademz-

UNICEF Moçambique
@UNICEF_Moz RT @
verdademz: Os
Artigos 219, 220 e 223 do
Código Penal #Moçam-
bique parecem violar os
direitos das #crianças
verdade.co.mz/tema-de-
fundo/...

Sérgio Fernando @
FernandoSrgio
No hospital 1o de
Maio em #Nampula os
doentes são vacinados
nessas condições. @
verdademz pic.twitter.com/
mKTqPkBOTk



iDinoCross @
DinoCross Eu tou
desconfiar que o
mundo ta acabar... "@
verdademz: Filhos vendem
casa e deixam os pais ao
relento em #Nampula
verdade.co.mz/
nacional/48309"

Derson Manhique @
DersonManhique
@MrsVancovick RT
@verdademz: Confirmam-
se problemas psíquicos
do jovem que matou à
dentada verdade.co.mz/
newsflash/48218

Lio Dêngua @
VirgilioDengua

Um cidadão que
em vida respondia pelo
nome de Jadali Afai,
morreu carbonizado na
noite da terça-feira (12),
b. #Carrupeia #Npl @
verdademz

Major Djamass @
BoyDjamass
Odeio mandar um
e-mail para @verdademz
denunciando um caso
urgente e eles nao entrarem
em contacto comigo

Sérgio Fernando @
FernandoSrgio
Segundo a
presidente do Fórum
da Medicina Tradicional,
#Moçambique poderá num
futuro não distante ter
hospitais tradicionais @
verdademz

Editorial

averdademz@gmail.com

Pouco importa se é entre Guebuza e Dhlakama

Depois do sprinter que permitiu alcançar o “Memorando de Entendimento”, os “Mecanismos de Garantias” e os “Termos de Referência da Missão dos Observadores Militares Internacionais” e, consequentemente, a aprovação da Lei de Amnistia, o diálogo político volta a estar estagnado e cai num impasse em virtude de um novo “braço-de-ferro” causado pela falta confiança entre as partes. Acabem como isso de uma vez.

O Governo pretende que Afonso Dhlakama saia da “parte incerta” e se dirija à capital moçambicana, onde deve assinar a declaração de cessar-fogo com Armando Guebuza. Mas a Renamo, qual um asno, finca o pé e diz que enquanto não houver cessar-fogo, o seu líder jamais virá a Maputo. Por outras palavras, a condição para Dhlakama vir à capital do país é haver cessão das hostilidades cuja efectivação quer que seja por via Saimone Macuiane, o que significa que se isso não acontecer não há acordo válido para os desideratos dos moçambicanos. Este tipo de negociações, em que “do pé para a mão” tudo fica condicionado a um jogo de paciência por uma das partes, não interessa a ninguém, neste momento nem depois.

Nesta tendência de se transformar o que parecia ser fácil num quebra-cabeça, a “Perdiz” argumenta que os documentos ora a serem homologados podem ser levados até onde Dhlakama está com vista a rubricá-los e voltarem à origem para Guebuza fazer, também, o que lhe compete. Caso contrário, insiste, Macuiane pode fazê-lo, em Maputo, em nome do seu líder. Aqui, o Executivo, receoso, desconfia que mais tarde pode se levantar problemas relacionados com a fiabilidade e credibilidade das assinaturas. Vamos ficar cativos do encontro entre Guebuza e Dhlakama?

É desnecessária esta prova de força entre as partes. Aliás, apesar de se ter aprovado e publicado a Lei de Amnistia, Afonso Dhlakama tem, até certo ponto, uma série de factos e argumentos para recusar vir à capital moçambicana. Para entendê-lo, basta apenas que nos recordemos da forma ditatorial e despota como António Muchanga, ora em liberdade, foi detido na Presidência da República, após uma sessão do Conselho do Estado. Quaisquer entendidos na matéria podem desvalorizar este assunto mas o mesmo deixou claro como alguém pode e tem capacidade de manipular as leis a seu favor e da sua estirpe, bem como conforme apraz-lhe. Temos no país um problema bastante sério e básico em relação à credibilidade das instituições de justiça e das pessoas que estão em frente delas.

Todavia, alcançados os consensos, pouco ou nada importa que a declaração do cessar-fogo seja, terminantemente, efectuada por Dhlakama e Guebuza. Sem depreciar o valor, a segurança, o alívio e o conforto que, talvez, transmitiria um aperto de mão e abraços entre estes dois dirigentes, depois de muito tempo distantes um do outro e a trocaram palavras pouco afáveis, parece-nos razoável que nada impede que o cessar-fogo seja declarado por algum representante da Renamo com poderes bastantes e pelo Presidente da República. Este, também, se o julgar pertinente, pode fazê-lo por intermédio de alguém do seu Executivo. O que interessa aos moçambicanos é a suspensão das hostilidades entre as partes beligerantes, e não todo este “teatro político”.



Boqueirão da Verdade

“Nós também queremos garantias de que não haverá mais guerra, a Renamo vai ser completamente desarmada, podemos circular sem problemas, em todo o território nacional, e podemos realizar a nossa vida sem sobressaltos. Agora que os consensos se traduziram num memorando de entendimento, seria bom que fossem também consagrados neste as garantias que devem ser dadas ao povo moçambicano para viver em paz. Aliás, não se pode aceitar que num Estado de Direito um grupo tenha um tratamento especial em detrimento da maioria, tudo por causa da paz! Se desta vez se aceita o que será outra?”, Benjamin Alfredo

“É um erro pensar que a Renamo é o beneficiário da Lei de Amnistia que foi promulgada pelo Presidente da Armando Guebuza. Eu sei que muitos moçambicanos pensam que o Governo, ao propor a Lei de Amnistia, pretendia essencialmente perdoar a Renamo. Isso não é verdade. É preciso notar que a Renamo e eu Afonso Dhlakama não ficaremos eternamente na oposição. Nas eleições de Outubro próximo, poderemos sair vitoriosos e formar um governo. Garanto que usaremos esta lei. Portanto, a Frelimo pode ficar à vontade, que não perseguiremos ninguém”, Afonso Dhlakama

“A declaração de cessar-fogo. É só isso o que falta. Deixámos isso muito claro... Em meu nome assina o Macuiane. Eu sei que as pessoas querem ver o aperto de mão, mas por razões de segurança não posso ir assinar a declaração. Agora já não me podem prender, mas posso ser abatido, como acontece em todo o mundo. Eu não tenho medo, mas o meu partido está a aconselhar-me e é assim que devo proceder”, idem

“Eu não preciso de que alguém crie logística para vir buscar-me. Desconfio muito desta aparente boa-fé do Governo. Para mim, este gesto do Governo de alugar helicóptero para me transportar para Maputo é suspeita. Eu, Afonso Dhlakama, com os meus 60 anos de idade, inteligente como sou, jamais aceitaria este gesto. Quando chegar a altura, usarei meios próprios para me deslocar para qualquer ponto do país. (...) por razões de segurança não posso circular pelo país, sob o risco de ser abatido por alguém de má-fé”, ibidem

“Lamento o facto de os moçambicanos, uma vez mais, terem ficado sem a oportunidade de mais uma opção, uma candidatura amante da paz, democracia e desenvolvimento. Não conheço os métodos de trabalho do CC, mas tenho dúvidas sobre o grau de atenção com que analisou as assinaturas dos apoiantes dos candidatos chumbados, uma vez que eles tiveram pouco tempo para realizar esse trabalho. No jogo político, há o desejo de querer tirar vantagens, recorrendo a um jogo de palavras que visa contornar as questões fundamentais do país”, Raul Domingos

“(...) foi aprovada, em passo de corrida acelerado, na Assembleia da República, a Lei da Amnistia. Também com subtilidades que não percebo totalmente. Mas foi aprovada, em mais uma demonstração cabal de que as

teorias ‘académicas’ dos pobres pagaios dos G40, sobre a separação de poderes que impede o Executivo de dar ordens ao Legislativo não passa de balelas para fazer o boi dormir de pé, como dizem os brasileiros. Com o partido Frelimo a dirigir o Governo e, ao mesmo tempo, uma maioria esmagadora no Parlamento, essa separação não existe”, Machado da Graça

“Deve ser muito humilhante ser G40 num contexto como o nosso em que as coisas se estão a resolver nos campos militar e político e os textos jurídicos sofrem todo o tipo de tropelias para acomodar o que as armas e a esgrima política impõem. Ter agora que chamar irmãos queridos a quem, há duas ou três semanas, chamávamos bandidos armados deve ser duro. Engolir sapos sempre me pareceu que deve ser coisa bem desagradável... Enfim, há que esperar que as águas se clarifiquem para podermos saber o que o futuro nos reserva. A saída da clandestinidade de Afonso Dhlakama, em completa segurança, poderá ser um bom passo nesse sentido”, idem

“Amnistiámo-nos mutuamente por forma a assegurar que uma nova página da nossa história seja escrita dentro de um processo normal de convivência sociocultural, económica e política. Optamos pelo ‘esquecimento’ do punível tornando-o legalmente impunível. Não basta que os mesmos se reconciliem com outros. A auto-reconciliação deve vir em primeiro lugar. Caso contrário, a máscara e o respectivo ‘faz de conta’ cairão e de nada terão valido nem a amnistia, nem a reconciliação. O momento da campanha poderá vir a ser um bom indicador de reconciliação derivada da amnistia. Conseguirão os nossos políticos, da ‘Amnistia’ para a frente, discursar proactivamente sem recorrer ao guilhotinamento deste e daquele?”, Luís Guevane

“Não admira que haja tanta desconfiança. Querem apresentar ao mundo uma imagem de pureza e de responsabilidade digna de governantes compenetrados dos interesses dos cidadãos, mas na verdade estão a fabricar ou a cozinhar as condições para mais uma fraude. Cimentar a separação dos poderes democráticos, profissionalizar as instituições de soberania, trazer confiança e credibilidade aos órgãos de administração da justiça e da administração eleitoral, pôr fim às manobras de carácter militar e policial visando a eliminação física dos opositores, enfim reconhecer que a PAZ é a única alternativa válida são os caminhos a seguir. Esqueçamo-nos dos legalismos de pouca consistência e validade”, Noé Nhantumbo

“As hesitações no processo negocial são fruto duma desconfiança efectiva entre as partes. Parece que estes negociadores necessitam dum ‘puxão de orelhas’ muito forte para que se desfaçam de sonhos ditatoriais. Políticos transformados em ‘playboys’, segurando-se ao poder através de todo o tipo de esquemas não têm decerto tempo para governar com dignidade e responsabilidade.”, idem

OBITUÁRIO:

Lauren Bacall
1925 – 2014
89 anos



A actriz norte-americana, Lauren Bacall, morreu na terça-feira passada, 12 de Agosto, aos 89 anos de idade, na sua casa em Nova Iorque, vítima de um acidente vascular cerebral.

Lauren Bacall, nome artístico de Betty Joan Perske, estudou na American Academy of Dramatic Arts, onde obteve os seus primeiros trabalhos da sua carreira e foi uma das artistas mais importantes da “era de ouro de Hollywood”. Ela ficou conhecida no cinema e teatro pela sua voz rouca e sensual e pelo seu olhar insolente.

Chamaram-lhe The Look (é só olhar para as fotografias para perceber porquê), brilhou com uma insolência que nunca se vira antes na Hollywood dos anos 1940 e 50, era dura, sem paciência para a falta de carácter, e democrata até ao osso. Ensinou Humphrey Bogart a fumar e a fazer outras coisas. Foi uma working girl até ao fim, segundo descreve o Público.

Lauren Bacall foi considerada uma das mulheres mais bonitas do cinema, além de modelo, e conseguiu ser capa da “Harper’s Bazaar”, conquista que captou os olhares da mulher do famoso realizador Howard Hawks, que a convidou para uma audição, da qual o resultado foi a sua primeira participação, aos 19 anos de idade, num filme de longa-metragem denominado “Ter ou não ter” (1944), no qual contracenou com Humphrey Bogart.

O casal Bogart/Bacall tiraria ainda partido da sua química cinematográfica em “Dark Passage” (1947) e “Key Largo” (1948), mas Lauren dedicou-se à vida familiar, escolheu que, assumiu, prejudicou a evolução da sua carreira. Também não ajudou o facto de ter entrado em vários litígios com o estúdio, a Warner, por recusar papéis, sendo suspensa (12 vezes).

Mesmo parecendo sempre inquebrantável, por exemplo ao lado de Marilyn Monroe em “How to Marry a Millionaire” (1953) – um suplemento de fibra para prender a volátil loura à terra –, ou ainda em melodramas de Vincent Minnelli (“Cowboy”, 1956, “Designing Woman”, 1957), ou Douglas Sirk (“Escrito no Vento”, 1958), Bacall cedo demais ficou um magnífico side-show. Bogart, de quem teria dois filhos, Steve e Leslie, morreria em 1957 e, entre 1961 e 1969, foi casada com Jason Robards, com quem teve Sam, e de quem se separou ao fim de 12 anos devido ao alcoolismo dele, refere o diário português.

Na lista dos melhores filmes, Lauren Bacall está quase sempre ao lado de Bogart. “Paixões em Fúria” (1948), “Como Agarrar um Milionário” (1953) e “A Beira do Abismo” (1946), são algumas dessas obras.

Os seus trabalhos mais recentes incluem “Politicamente Incorreto” (1996) e “O Castelo Andante” (2004). Lauren ficou em sexto lugar na lista da “Empire Magazine” das 100 atrizes mais sexy da história do cinema e foi eleita a “Woman of the Year” (1981). Nunca ganhou um Óscar, mas foi considerada a “Melhor Actriz Secundária” pela sua prestação em “The Mirror Has Two Faces”, em 1996. A Academia de Hollywood entregou-lhe um Óscar Honorário, em 2010.

Ficha Técnica

MAPUTO-Av. Mártires da Machava 905
NAMPULA-Av. 25 de Setembro 57 A
Telemóvel+258 86 75 81 784
Telemóvel+258 84 39 98 624
Telemóvel+258 82 30 56 466
Fax+258 21 490 329
E-mail:averdademz@gmail.com

Jornal registado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda; Fundador: Erik Charas.

Director: Adérito Caldeira; Director-Adjunto: Sérgio Labistour; Chefe de Redacção: Emildo Sambo; Redacção: David Nhassengo, Inocência Albino, Alfredo Manjate, Coutinho Macanandze, Duarte Siteo, Reinaldo Nhalivilo, Reginaldo Mangue, Intasse Siteo; NAMPULA - Delegado: Hélder Xavier; Chefe de Redacção: Júlio Paulino, Sérgio Fernando, Sebastião Paulino; Colaboradores: Milton Maluleque (África do Sul), Alexandre Chaúque (Inhambane), John Chékwa (Catandica), Fernando Domingos (Búzi); Director Gráfico: Nuno Teixeira; Paginação e Grafismo: Danúbio Mondlane, Hermenegildo Sadoque, Avelino Pedro; Revisor: Mussagy Mussagy; Director de Distribuição: Sérgio Labistour, Carlos Mavume (Sub Chefe); Administração: Sânia Tajú; Internet: Francisco Chuquela; Periodicidade: Semanal; Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 12 Nelspruit 1200.



Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

Adolescentes que praticaram sexo e se expuseram nas redes sociais

Na semana passada, um grupo de xicos ainda na flor da idade recendeu, pelo piores motivos, um debate que parecia estar abafado, ao praticarem sexo com uma miúda e, em seguida, difundido as imagens e um vídeo do acto numa rede social. As fotos, totalmente vergonhosas e que expõem a nudez da menina, foram repassadas por aquelas pessoas que, em vez de condenarem, julgaram se tratar de um acontecimento de humor. Os xicos, não só trouxeram à superfície as consequências de se ter filhos sem escrúpulos, como também alertaram alguns círculos de opinião, sobretudo a sociedade, sobre a necessidade de se orientar os meninos e as meninas no sentido de se precaverem dos riscos de expor a privacidade própria ou alheia nas redes sociais que têm sido usadas de forma abusiva.

Comissão Nacional de Eleições

Alguém ainda tem dúvidas de que a Comissão Nacional de Eleições (CNE) é composta xicos-mor? Ali, está instalada uma nova confusão no processo eleitoral moçambicano, em resultado da descoberta adicional de mais de 177 mil eleitores recenseados. O facto foi anunciado, descaradamente, pelos próprios xicos que integram aquela instituição, que teima em resvalar em actos e acções que a descredibilizam. E disse que mais: a maior mudança é na Zambézia, onde cerca de 78 mil eleitores a mais foram encontrados, uma diferença que foi suficiente para dar a esta província dois assentos extras na Assembleia da República (AR), devolvendo-a 45 assentos, o mesmo que no presente parlamento. Refira-se que em Maio último, a CNE tinha anunciado que a Zambézia teria apenas 43 assentos.

Afonso Dhlakama

No seu estilo característico, o xico e líder do “prejuízo” – outro significado de “Perdiz” – veio a público, através de alguns jornais e algumas televisões da praça, dizer que é um erro pensar que a Renamo é o beneficiário da Lei de Amnistia e ele sabe que muitos moçambicanos pensam que o Governo pretendia com a tal norma perdoar a Renamo. E anotou que era preciso as pessoas perceberem que e ele o seu partido não vão ficar eternamente na oposição. Disto não se pode ter dúvidas mas haja um ponto de ordem no pensamento deste homem que vive em parte incerta há tempos: em nenhuma parte do mundo se chega ao poder estando escondido algures. Os nossos leitores fazem questão de lembrar a Afonso Dhlakama que o diálogo com os eleitores é face a face, vendendo-lhes o seu peixe – fresco ou putrefacto – e as suas mentiras e verdades como o fazem os outros. E a caravana já vai longe...

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt), uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2ACBB9D9) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Boatos sobre a eclosão do ébola em Moçambique

Brincadeira deve ter hora... Há dias, pessoas mal-intencionadas tentaram divertir-se às custas dos seus compatriotas, ao inventarem e porem a circular, através das redes sociais, uma xiconhoquice dando conta de que existiam casos confirmados do ébola no território moçambicano. Esta brincadeira de mau gosto criou um mal-estar entre os cidadãos e gerou alvoroço. Contudo, os responsáveis do Ministério da Saúde (MISAU), do Instituto Nacional de Saúde (INS) e do Hospital Central de Maputo (HCM) asseguram não haver nenhum caso de referida enfermidade nem pacientes suspeitos de ter contraído o vírus da mesma, pelo contrário, os profissionais de saúde entrevistaram e entrevistam pessoas que entram no país através de fronteiras terrestres e marítimas. Há dezenas de indivíduos que estão a ser seguidos e identificou-se os seus locais de residências e contactos. Eles foram aconselhados a contactarem as autoridades em caso de se aperceberem de sinais e sintomas da doença, devendo comunicar às autoridades logo que sentirem algo de anormal nos seus organismos. Aliás, no âmbito do combate desta doença, o país aplicou 30 milhões de meticais na compra de luvas, capacetes, fatos-macaco, botas, mascaras e outro equipamento impermeável ao contágio do vírus”.

Desentendimento para assinatura de cessar-fogo

O Executivo da Frelimo, liderado pelo cidadão Armando Guebuza, exige que Afonso Dhlakama saia da “parte incerta” e se dirija à capital moçambicana, onde deve se encontrar com Guebuza com vista à assinatura da declaração de cessar-fogo. Todavia, a Renamo, como sempre, finca o pé, trava o braço de ferro e prova que é casmurra ao defender que, enquanto não houver cessar-fogo, não há condições objectivas para o seu líder se deslocar a Maputo. Isto, Segundo os nossos leitores, é xiconhoquice na medida em que as partes devem, rapidamente, encontrar formas de homologarem o “Memorando de Entendimento”, os “Mecanismos de Garantias” e os “Termos de Referência da Missão dos Observadores Militares Internacionais”, em prol do bem-estar dos moçambicanos, da paz e da prosperidade. Pesa bastante para esta xiconhoquice, também o facto de o Governo precisar de analisar e aprofundar o ideia da “Perdiz” para depois tomar uma posição com nexos. E há desconfiança de que os documentos podem ser adulterados e, mais tarde, aparecerem com assinaturas não fiáveis e creíveis.

Regime especial para Anadarko e ENI

Foi aprovado um Projecto de Lei de Autorização Legislativa atinente ao Regime Especial referente aos Projectos de Liquefacção do Gás Natural (GNL) das Áreas 1 e 4 da Bacia do Rovuma. O dispositivo vai permitir ao Governo aprovar um Decreto-Lei que estabelece um regime jurídico contratual especial para os Projectos da Bacia do Rovuma e introduzir alterações ou isenções e celebrar acordos contratuais. Visa facilitar a concepção, construção, instalação, propriedade, financiamento, operação, manutenção, uso de poços, instalações e equipamento conexo, seja em terra ou no mar, para a produção, mas não limitado a unidades de GNL, cais multiusos, cais de descarregamento de materiais, base de construção de equipamento de superfície, instalação para operações marítimas e modificações, incluindo sem limitação a optimização da capacidade e as respectivas expansões necessárias para produção, processamento, liquefacção, armazenamento, transporte e entrega do gás natural, dos depósitos de petróleo da Áreas 1 e/ou 4 da Bacia do Rovuma e a venda do mesmo. Mas os nossos leitores consideram este feito uma xiconhoquice alegadamente porque os rendimentos da produção inicial de gás natural liquefeito, por exemplo, na ordem dos 20 milhões de toneladas por ano, pouco ou de nenhuma forma vai beneficiar o povo.

A educação básica está longe de ser abrangente no país

A educação básica, ou seja, o acesso universal (equitativo) ao ensino primário, ainda constitui um direito fundamental que não abrange todas as crianças em Moçambique. E concorrem para esta situação problemas tais como pouco tempo de permanência dos alunos na escola durante o ano lectivo, comparativamente a outros países da região e do mundo; o rácio alunos/professor prevalece bastante alto; a falta de docentes, sobretudo com formação psico-pedagógica; a desistência da instrução por parte dos educandos e as reprovações.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Arquivo

Além disso, o número de estabelecimentos de ensino continua longe de responder à demanda de ingressos, pese embora a construção de salas de aula em curso; os fundos para a materialização das actividades de ensino e aprendizagem são insuficientes; várias raparigas interrompem os estudos devido ao trabalho infantil e a casamentos prematuros.

Por causa destes e outros problemas, o país está na lista das nações que não vão garantir que todas as crianças, em ambos os sexos, tenham acesso universal à educação ou conclua o ensino primário básico, até 2015, no âmbito dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM). Por conseguinte, os factores acima enumerados concorrem para que a qualidade de educação ainda esteja longe do desejável.

Eurico Banze, porta-voz do Ministério da Educação (MINED), disse ao @Verdade que até 2015 “não vamos ter todas as crianças a estudar”. É que, apesar de as taxas de admissão e conclusão escolar terem melhorado substancialmente, um número demasiado elevado de crianças ainda está fora da escola ou desiste.

Há vários factores que concorrem para esta situação, tais como as longas distâncias que separam as escolas das comunidades, o que faz com que os instruídos ainda percorram quilómetros para estudar, principalmente nas zonas rurais. Esta situação deve-se, em parte, à contante mobilidade populacional e ao seu crescimento que não é acompanhado pelas acções do sector da Educação, reconheceu o nosso entrevistado.

Segundo ele, actualmente, no ensino primário existe um total de 5.545.896 educandos, dos quais 4.782.227 alunos no primeiro ciclo e 793.669 no segundo ciclo. Esta estatística demonstra que menos de um milhão de crianças em idade escolar não terá acesso ao ensino em 2015.

No seu recente relatório intitulado “Situação das Crianças em Moçambique 2014”, o UNICEF reconhece que as acções com vista a assegurar que as crianças tenham acesso à instrução são notáveis: mais escolas foram construídas e mais professores foram recrutados, de 2004 a esta parte. Todavia, “metade das crianças que inicia a escola primária não a termina”, pese embora “o número de alunos nas primeiras classes de EP1 (1ª/5ª classe) aumentou 48 por cento”.

Apesar das melhorias registadas neste sector, de 2008 a esta parte, os avanços alcançados parecerem ter estagnado, devido à baixa qualidade do ensino, a taxas de aprovação nos exames associadas ao baixo desempenho dos alunos e ao processo de ensino e aprendizagem prevalece com lacunas, de acordo com o UNICEF.

Eurico Banze explicou que o reduzido número de instalações que leccionam até a 7ª classe no país é problema que concorre para que parte considerável de estudantes nas zonas rurais e urbanas conclua o ensino primário. Contudo, foi alargado o período de matrículas de um para três meses e aumentou o número de vagas para



os novos ingressos com vista a garantir que mais crianças tenham estudem. O processo de construção de novas salas de aulas está igualmente a ser acelerado.

Em termos de género igualdade de género ou potenciação da rapariga, que tem o grupo que abdica da escola devido os casamentos prematuros, o nosso interlocutor disse que as disparidades em relação aos rapazes estão a ser paulatinamente eliminadas. Neste momento, existem 98.4 por cento de rapazes no ensino primário, contra 91.8 por cento de raparigas.

No ano passado, o MINED previa matricular 1.276.579 crianças novos ingressos mas o sistema admitiu 13.940 menores de idade a mais, o que, segundo Eurico Banze, é um dos obstáculos que minam a melhoria da qualidade de instrução no país, porque esta situação resulta em turmas com um número elevado de alunos.

Na óptica do nosso entrevistado, as autoridades têm como prioridade, por exemplo, garantir que mais crianças tenham acesso a educação mas com qualidade, haja condições para que elas sejam retidas na escola, as instituições devem melhorar os processos de gestão, monitoria e treinamento dos recursos humanos, garantir a disponibilidade do material de ensino e aprendizagem, fundos para a realização de diversas actividades, bem como expandir as infra-estrutura.

No geral, a taxa de conclusão de estudos no ensino primário situa-se nos 62 por cento para os rapazes e 65 por cento para as raparigas, na 5ª classe, contra 59.1 e 45 por cento na 7ª classe em ambos os sexos. Para Eurico Banze esta estatística é baixa e decorre de desistências dos estudos, de reprovações e outros factores. Muito por culpa do inferior número de escolas que leccionam a sexta e sétima classe quando comparado com o número de alunos que concluem a quinta classe.

E apesar de haver turmas em que as meninas estão em grande número que os miúdos, em algumas províncias, Banze apela aos pais e encarregados de educação levar as filhas à escola e a lutarem para que tabus e outros factores cultu-

rais não interfiram na sua formação. Facto preocupante é que a média geral de paridade de género é de 45 por cento em todo o sistema de educação em Moçambique, o que representa uma queda comparativamente ao ano de 2011, em que se situava nos 48 por cento.

O entrevistado disse que o MINED estabeleceu 62 por cento como taxa média de conclusão do ensino primário mas algumas províncias ainda registam, na 7ª classe, uma percentagem muito baixa, tal é o caso do Niassa (48.9 por cento), Tete (52 por cento), Nampula (52.2 por cento), Cabo Delgado (52.6 por cento) e Zambézia (59 por cento). Na 5ª classe, Niassa e Tete têm 32 por cento cada, Zambézia e Nampula com 34.1 e 34.8 por cento, respectivamente.

“O meio rural é a que ainda apresenta elevadas taxas de abandono e desistências, principalmente nas zonas onde o conflito homem-animal e homem-homem é frequente”, lamentou Banze, para quem no que à carga horária diz respeito, as escolas públicas moçambicanas, principalmente as que não ministram o ensino técnico, os estudantes permanecem pouco tempo nas salas de aula durante o ano lectivo, comparativamente a outros países da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) e do mundo.

Actualmente o aluno observa 660 tempos lectivos em regimes de três turnos de aulas e 835 tempos lectivos em dois turnos, contra a média de 1.200 tempos lectivos internacionalmente recomendados.

Banze acrescentou que a existência de três turnos é que contribui para que os alunos permaneçam pouco tempo, mas para acabar com esse regime não resta outra alternativa ao sector da educação senão resolver a falta de salas de aulas e professores e desta forma criar condições para alargar a carga horária.



Agentes correcionais injustiçados na Penitenciária Industrial de Nampula

Os funcionários da Penitenciária Industrial de Nampula (PIN) mostram-se agastados com o director daquela unidade prisional, devido à alegada má conduta na gestão administrativa e privatização dos bens públicos. Os visados acusam o director Chico Alberto Khembo de abuso de poder, arrogância e corrupção. Além disso, alguns agentes correcionais queixam-se de serem alvos de constantes ameaças que chegam a resultar em despedimentos sem justa causa.

Texto & Foto: Redacção Nampula

Desde 2007, ano da tomada de posse de Chico Khembo como director da Penitenciária Industrial de Nampula, o ambiente de relacionamento entre o corpo directivo e a camada trabalhadora tornou-se extremamente tenso. Os trabalhadores entrevistados pelo @Verdade foram unânimes em afirmar que o responsável daquela unidade prisional tem vindo a promover iniquidades naquele estabelecimento penitenciário sob tutela do Ministério da Justiça.

As acções de Khembo têm vindo a ganhar grandes proporções na medida em que mais de 14 processos disciplinares foram instaurados arbitrariamente, os quais resultaram em expulsão de funcionários por motivos pouco claros.

Na lista dos despedidos constam Canjoe Omade, António Valentim Chongo, Alberto Joaquim Alfane, Rosário Simão Sinanalica, Celestino Sadata, Arcanjo Jorge Pacífico Cutuberdo, Silvestre João, Hamil António Gonçalves. Estes receberam o despacho da sua desligação do quadro de pessoal.

Ao passo que Hemen Henriques António, Mário Atumane e Ernesto Jundiza Hilário foram demitidos sem apresentação de algum documento oficial confirmando a sua expulsão.

Dos ex-agentes correcionais, dentre os demitidos e os expulsos da PIN, o @Verdade apurou as supostas causas que ditaram o seu desligado do quadro de pessoal daquele estabelecimento penitenciário.

Canjoe Omade passou a ser vítima das acções do director da Penitenciária Industrial de Nampula em Março de 2010, altura que exercia funções de oficial de permanência. Canjoe Omade teria interpelado um recluso identificado pelo nome de Nahota Manuel condenado a pena maior de 22 anos, com menos de um mês de estadia naquela unidade prisional, integrando um grupo de brigadista do sector de serralharia.

O nosso entrevistado conta que, por causa da situação do recluso em alusão, ordenou a sua perma-

REPUBLICA DE MOÇAMBIQUE
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
SERVIÇO NACIONAL DAS PRISÕES
PENITENCIÁRIA INDUSTRIAL DE NAMPULA

RELACÃO NOMINAL DOS BRIGADISTAS DO RECINTO - MÊS DE JANEIRO/10

N.º	NOME COMPLETO	N.ºPROC.	PENA APL.	QDS.
01.-	Manuel Napdeula	94/05	09 anos	
02.-	João Maulana	01/012	20 anos	
03.-	Alfredo Joaquim Ajona	29/07	16 anos	
ALFATARIA				
04.-	Alfredo Nogueira	05/05	23 anos	
05.-	Pedro Alano Makungu - Tula	56/04	16 anos	
SACON				
06.-	Ferreira Arlindo	20/06	08 anos	
07.-	Dadi Hassan Licholojo	36/05	20 anos	
JARDIM BLANCO AGH/VO				
08.-	António Nelo	104/04	20 anos	
09.-	Francisco João Régua	07/07	08 anos	
10.-	Gastão Tiçuite	222/03	10 anos	
11.-	Latifo Alino	01/05	20 anos	
OFICINA GERAL				
12.-	Calisto Engenheiro	13/04	14 anos	
13.-	Ernesto Barnardo	47/07	08 anos	
14.-	André S. Sampaio	154/04	20 anos	
15.-	Aly Rachide	15/05	12 anos	
16.-	Churano Ramadane Aly	20/07	08 anos	
17.-	Mussa N'hemba	754/00	20 anos	

nência nas celas sob pena de causar desmantos, uma vez que se tratava de um cadastrado perigoso que tinha que ser isolado do material cortante.

Curiosamente, a atitude do ex-agente correcional foi considerada como sendo crime, portanto, veio a ditar a sua expulsão. Canjoe viria a ser expulso depois de ter sido acusado de permitir corte de grades na cela 23 do pavilhão três do PIN para facilitar a fuga de reclusos sob a sua guarda.

Informações em poder do @Verdade dão conta de que o corte das grades teria sido protagonizado pelo recluso Nahota, ora interceptado pelo Canjoe, e o material cortante fora facultado por um recluso brigadista identificado por Mateus Njinca, que cumpria a sua pena em liberdade.

Quando questionado a proveniência do instrumento cortante, Nahota afirmou categoricamente que foi Canjoe que lhe deu incriminando assim aquele agente. Canjoe Omade nega o seu envolvimento neste caso, afirmando que os seus colegas a mando do director da PIN orquestraram aquele acto para manchar a sua imagem e prejudicar a sua família.

"A minha expulsão é ilegal, porque nem sequer algo se fez por forma a se provar o meu envolvimento ou não. Fui preso e fizeram-me perder emprego na máxima inocência, pois o verdadeiro culpado do caso foi deixado escapar fugindo para sua terra natal", disse.

O ex-agente correcional acrescentou que este acto foi do conhecimento do chefe da Ordem Interna, Alberto Rachide, e o comandante da Guarda, Alberto Alfane Joaquim. "O director Khembo manteve-me em cárcere privado durante 30 dias nas celas da penitenciária, sem que se legalizasse a minha detenção e posterior transferência para as celas do Comando Provincial", afirmou.

O nosso entrevistado disse que, quando ocorreu o acto, nunca foi solicitado para responder ao caso, mas, estranhamente, viu-se surpreendido, três dias depois de ter contestado a atitude do director, pois sem motivos claros ele ordenou descontos salariais.

Canjoe foi mais longe ao revelar que, enquanto estava nas celas do pavilhão cinco, passou momentos de agonia, porque partilhava o mesmo espaço com os reclusos, embora a partir deles conheceu o culpado pelo

crime. Rosário Simão Sinanalica, um outro agente que perdeu o seu emprego, acusa o director da PIN de abuso de poder, uma vez que aquele dirigente proferiu diversas vezes palavras de ameaças e intimidações contra os seus subordinados, alegadamente porque tem laços com a ministra de tutela.

Como forma de mostrar que a sua expulsão é ilegal, Sinanalica disse a nossa equipa de reportagem que o director mandou instaurar um processo disciplinar que ditou a sua expulsão sem que se seguisse os trâmites legais.

O visado deu a conhecer, através de documentos, que o responsável do PIN teria excluído um recluso de nome Dadi Hassan Licholojo que integrava, em Janeiro de 2009, na lista de um grupo de brigadistas que ele garantia, para usar como causa de despedimento.

Os denunciante acusam Chico Khembo de ter ignorado o decreto 31 veiculado em finais de 2013, que solicitava a lista dos ex-funcionários para um provável enquadramento.

Portanto, o despacho, em poder do @Verdade, dá conta de que o visado foi acusado de ter facilitado a fuga de um recluso de nome Dadi Hassan Licholojo, de ter tirado 17 reclusos das celas alegadamente para trabalho externo sem obedecer as formalidades exigidas e de ter cometido 26 faltas injustificadas nos meses de Junho e Julho de 2011.

O director Provincial da Justiça em Nampula, Fonseca Edite, disse que os visados foram várias vezes infractores naquele estabelecimento prisional.

Dado que muitos deles permitiram a fuga de reclusos sob a sua guarda, além de serem interceptados na posse de cannabis sativa, uma droga vulgarmente conhecida por "suruma".

Edite não se pronunciou sobre a detenção do Canjoe Omade na penitenciária, tendo dito só o director Chico Khembo seria capaz de explicar o caso.

Em contacto telefónico, o visado recusou falar sobre as acusações que pesam sobre si alegadamente, por se encontrar em Chimoio a gozar a sua licença disciplinar, tendo garantido que daria algum parecer após o seu regresso.

Arguidos aguardam pelo julgamento há mais de um ano em Nampula

A morosidade na tramitação processual nos tribunais da província de Nampula é preocupante. Dezenas de indivíduos estão em prisão preventiva há mais de um ano, facto que faz com que as cadeias fiquem superlotadas. Devido a este factor, há constantes queixas de casos relacionados com os maus-tratos protagonizados por outros presos considerados cadastrados perigosos, entre outras situações que atentam contra os direitos humanos.

Texto & Foto: Júlio Paulino

Algumas sessões do Tribunal Provincial de Nampula não estão a funcionar há mais de um ano, uma situação que deixa agastado os indivíduos detidos em diferentes instituições prisionais da província de Nampula, com destaque para a Cadeia Civil, localizada na considerada capital do norte. Os números de processos pendentes são assustadores.

De acordo com o juiz-presidente do Tribunal Judicial da Província de Nampula, Dimas Moroa, mais de 14 mil processos transitaram de 2013 para 2014, sendo que alguns destes casos os arguidos encontram-se encarcerados, aguardando por julgamento, e com mais de um ano a cumprir a prisão preventiva.

O @Verdade soube, igualmente, que, por exemplo, a 5ª sessão ficou algum período sem realizar os julgamentos, em virtude duma licença disciplinar dada a juíza a fim de tratar casos de natureza pessoal fora da cidade de Nampula.

Enquanto aguardam pelo julgamento dentro das celas, vários presos contraem o VIH/SIDA, devido às re-



lações sexuais desprotegidas a que são impostos pelos colegas, para além da propagação e contaminação de tuberculose e doenças de pele. No ano passado, pelo menos 43 indivíduos que esperavam pelo parecer de juiz perderam a vida. @Verdade apurou que há cidadãos detidos por tempo superior ao correspondente às penas de prisão pelos crimes cometidos.

Outra inquietação apresentada pelos indivíduos detidos na Cadeia Provincial de Nampula prende-se com o desaparecimento e arquivamento de processos em várias sessões do tribunal, sobretudo quando se trata de casos relacionados com queixas movidas por pessoas que tenham alguma posse financeira.

Numa das visitas efectuada pelo @Verdade à Cadeia Civil, um dos enclausurado, desapontado, disse que está detido há mais de 30 meses, mas ainda não foi julgado e ninguém explica em que situação se encontra o seu processo.

“Fui acusado de um crime que não cometi e, em nenhum momento, fui chamado para o tribunal. Os homens do Instituto de Patrocínio e Assistência Jurídica (IPAJ) disseram-me que não estão a encontrar o meu processo”, afirmou.

Cremildo Mibasso, detido nas celas da Cadeia Provincial de Nampula, desde Junho do ano passado, ainda a cumprir a prisão preventiva, denunciou

que, na companhia de outros 60 presos, todos com os respectivos processos na 5ª sessão do Tribunal Provincial, estão há 13 meses à espera de julgamento.

O nosso interlocutor disse ainda que naquele estabelecimento prisional há mais entradas de presos, estimando-se em 10 indivíduos por dia, contra dois que são soltos.

Julgamentos são realizados nos gabinetes

O juiz-presidente do Tribunal Provincial em Nampula, Dimas Moroa, reconhece o facto de os julgamentos estarem a ser realizados nos gabinetes dos magistrados, e justifica a situação alegando a falta de salas para o efeito, em quase todas as sessões daquela instância judiciária.

A insuficiência de juizes é, igualmente, considerada um dos principais obstáculos na celeridade da tramitação dos processos naquela instância judicial, uma situação que está ligada à falta de cabimento orçamental para a afectação de mais pessoas com formação para o efeito.

Moróa disse, ainda, que a província de Nampula conta, actualmente, com cerca de 35 juizes, contra os cerca de 70 necessários.

“Temos algumas sessões que não estão a funcionar por falta de juizes, e isso não depende exclusivamente do Tribunal, porque dependemos do Estado que tem alocado os fundos para o nosso funcionamento”, afirmou.

De acordo com as estatísticas, até finais do ano passado a Cadeia Provincial de Nampula tinha 1.467 detidos, destes cerca de 200 cumpriam penas preventivas, enquanto aguardavam pelo julgamento.

Pirataria continua a minar o trabalho dos músicos em Nampula

Na província de Nampula, a pirataria tem minado o processo da promoção das obras artísticas, para além de impedir o crescimento dos músicos. O uso de discos de videografia e fonografia contrafeitos é prática reiterada nas comunidades daquela parcela do país, facto que leva aos fazedores daquela arte a acusar algumas instituições estatais, vocacionadas na área do combate àquele mal, de violar os direitos do autor naquela cidade nortenha.

A conclusão que se chega é de que esta situação origina a desgraça dos artistas, uma vez que os impede de ter acesso ao fruto dos seus respectivos trabalhos e na propagação da arte musical, com vista a contribuir no desenvolvimento cultural do país, para além de não usufruir o reembolso de algum valor para sustentabilidade da sua família. De acordo com Izaq Sebastião, delegado substituto Provincial Inspeção Nacional das Actividades Económicas (INAE) em Nampula, algum trabalho está a ser feito por aquela instituição, no sentido de reduzir a propagação da pirataria naquela província.

Izaq explicou ainda que, no ano passado (2013), o INAE, em parceria com a Polícia Municipal da cidade de Nampula e Instituto Nacional de Audiovisual e Cinema (INAC), levou a cabo uma operação de patrulha a nível da urbe, que tinha por objectivo a recolha de electro-

domésticos usados para a reprodução das músicas por vias ilegais, facto que resultou na apreensão de seis computadores completos e 4300 discos de videografia e fonografia em conteúdo falsificados. Os discos foram destruídos e outro material foi encaminhado à Procuradoria Provincial de Nampula. Reagindo a situação, a Associação de Músicos Moçambicanos (AMMO) em Nampula, liderado por Benjamim Izaq Timóteo Albino, que assume o cargo de secretário interino naquela capital nortenha do país, louvou o trabalho feito por instituições ligadas ao combate àquele fenómeno. Na opinião dos músicos, após a apreensão e destruição dos discos, o governo deveria remunerar os praticantes daquela arte em 75 por cento do valor multado aos violadores da norma, como forma de reconhecer e valorizar o autor da arte destruída.

Por outro lado, os músicos sustentam que a possível resolução deste problema requer o cumprimento do dispositivo legal, conforme rege o capítulo I, artigo 2 do segundo suplemento do Boletim da República, publicado a 11 de Setembro de 2001, que estabelece a obrigatoriedade da colocação do selo nos fonogramas produzidos no país ou importados, desde que se destinem à distribuição no território da República de Moçambique, para fins comerciais, distribuição gratuita, entre outros objectivos.

Supermercado Recheio em Nampula não possui casa de banho para funcionários

O Supermercado Recheio na cidade de Nampula não possui casas de banho para os funcionários e clientes daquele estabelecimento comercial, alegadamente porque as únicas duas encontram-se entupidas há mais de dois meses, provocando um cheiro nauseabundo no interior do edifício, num autêntico atentado à saúde pública.

Os cerca de 40 trabalhadores, maioritariamente do sexo feminino, são obrigados a apertarem a bexiga, durante oito horas de trabalho. Os mais corajosos recorrem a algumas árvores nas imediações do estabelecimento e aos edifícios abandonados para atenderem as suas necessidades biológicas, perante o olhar indiferente dos seus responsáveis hierárquicos.

Alguns trabalhadores dizem que têm sido alvo de ameaças de expulsão, por parte do patronato, quando se ausentam dos seus postos de trabalho, supostamente à procura de locais seguros para urinar. Embora reconheça a inexistência de casas de banho, a direcção da empresa nega pronunciar-se sobre esta matéria. Entretanto, a Inspeção Nacional das Actividades Económicas (INAE) em Nampula, na voz do respectivo delegado, Isak Sebastião promete averiguar a situação, por forma a tomar uma possível medida. Refira-se que o artigo 3 do Decreto 15/2006, de 22 de Junho, estabelece a obrigatoriedade de anseio e limpeza nos locais de venda de produtos alimentares. E aos infractores a este instrumento incorrem em penalizações que vão até 40 salários mínimos.

Filhos vendem casa e deixam os pais ao relento em Nampula

Dois irmãos, nomeadamente, Acaisse Mussa Abdala e Juma Mussa Abdala, de 24 e 22 anos de idade, respectivamente, encontram-se em lugar incerto, depois de terem optado por vender a casa onde viviam na companhia da família, por 40 mil meticais, no quarteirão 3, Unidade Comunal Marien Nguabi, posto administrativo de Muhala, arredores da cidade de Nampula.

Mussa Abdala, de 54 anos de idade, natural da província de Cabo Delgado e residente em Nampula desde 1998, vive ao relento, há duas semanas, com a sua esposa e os cinco filhos menores. Segundo apurou o @Verdade, os filhos venderam a casa no valor de 40 mil meticais, numa altura em que os pais se encontravam ausentes, em visita a um familiar que padece de uma enfermidade, algures no distrito costeiro de Quissanga, na província de Cabo Delgado.

A primeira audição ao secretário da unidade, identificado pelo simples nome de Asmi (quadro sénior do MDM),

dito como responsável do negócio teve lugar, esta terça-feira (19), no Tribunal Comunitário de Muhala.

Em contacto com o @Verdade, Mussa Abdala mostrou-se preocupado não apenas com a atitude errada dos seus filhos, mas também o desaparecimento dos mesmos da cidade de Nampula. “Quando me apercebi de que a casa tinha sido vendida, arranjei os 40 mil meticais para recuperá-la, mas, infelizmente, o comprador disse que já tinha ocupado e não podia tomar outra decisão. O mais caricato, ainda é o facto de ele ter já destruído a casa, alegadamente, porque pretende edificar um novo empreendimento de raiz no local”, disse a o nosso interlocutor, visivelmente, constrangido.

Entretanto, o secretário da unidade diz não conhecer o paradeiro dos jovens, com os quais deve prestar depoimentos sobre o esquema deste ilícito negócio, facto que levou o tribunal a marcar a próxima sessão das audições para a próximo dia 26 de Agosto corrente.

Colômbia assegura financiamento para o projecto de urbanização de Nampula

Inicia nos princípios do próximo ano o projecto de pavimentação das principais vias de acesso que ligam os diferentes bairros da cidade de Nampula, no quadro de um financiamento do governo colombiano.

Orçado em 500 mil dólares americanos, o projecto abarca as áreas de urbanização e ordenamento territorial, e conta com a participação dos governos municipal e central, em 150 e 100 mil dólares, respectivamente.

O facto foi anunciado, nesta segunda-feira (18) pelo presidente do Município de Nampula, Mahamudo Amurane, à luz das celebrações do quinquagésimo oitavo aniversário daquela cidade que se comemora esta sexta-feira (22), sob o lema: “Eu Participo, Nampula brilha”.

De acordo com Amurane, por parte do Conselho municipal, foram já desembolsados cerca de 30 por cento do valor da compartição para a materialização do projecto. “Espero que o Estado moçambicano saiba também honrar com os seus compromissos”, observou.

A acção contempla, ainda, o processo de pin-

tura de alguns prédios em aparente estado de abandono, com destaque para os que se localizam ao redor da Praça da Liberdade.

Novas taxas municipais

O presidente do Conselho Municipal de Nampula anunciou, igualmente, a introdução, nos próximos tempos, dos imposto predial e de saneamento para o incremento das receitas locais.

A proposta nesse sentido vai ser submetida à apreciação na próxima sessão da Assembleia Municipal, órgão deliberativo da cidade.

Presume-se que o incremento das receitas locais seja acompanhado da evolução dos investimentos nas áreas da promoção do saneamento e recuperação dos edifícios públicos e privados em acentuada degradação.

Bebé escapa da morte após cair numa latrina em Catandica

Uma criança com poucos meses de vida caiu numa latrina na ausência dos progenitores, na terça-feira, 19 Agosto em curso, no bairro 7 de Abril, no município de Catandica, distrito de Bárue, na província de Manica.

O incidente deu-se na zona de Piscina, naquela região. O pior não aconteceu graças à pronta intervenção dos vizinhos, após o pedido de socorro por parte da irmã mais velha de vítima, de oito anos de idade.

Um cidadão identificado pelo nome Rafela António Mandiquisse, que resgatou a bebé, de um ano de idade, contou que a irmã da criança em causa apareceu na sua residência, aflita, aos gritos e

pedindo ajuda. Ele, por sua vez, mobilizou outros vizinhos e foram socorrer o menor. A irmã mais velha da vítima disse que a mãe sai de casa bastante cedo em direcção ao trabalho e regressa à noite.

Rafela Mandiquisse, acompanhado por uma equipa da Rádio Comunitária Catandica, levou a criança para o Hospital Distrital de Catandica, onde o director clínico, Jampulo Mariza, assegurou que ela estava fora de perigo.

Jampulo Mariza apelou aos pais e encarregados de educação para não deixarem as crianças sozinhas em casa e em casos como este as vítimas devem ser encaminhadas imediatamente a uma unidade sanitária mais próxima.

Caros leitores

Pergunta à Tina... porque meu namorado diz que não tem orgasmo com preservativo?

Querido leitores, na introdução de hoje quero apenas recordar-vos sobre duas coisas. A primeira é dedicada a saúde sexual e reprodutiva e que por essa razão não poderemos responder ou dar conselhos sobre questões emocionais de relacionamentos entre homens e mulheres. e, segundo, a todos os leitores que tem acesso a internet, sugerimos que consultem a página do Jornal @verdade porque temos lá respostas há muitas perguntas que nos são enviadas, pois muitas pessoas no passado já fizeram as mesmas perguntas. Desta feita, é mais fácil encontrar respostas quando temos urgência e recebê-las. Para todos, continuem a enviar perguntas e duvidas que ainda não tenham clareza sobre a saúde sexual e reprodutiva no geral.

envia mensagem através de um sms para **90441**

E-mail: **averdademz@gmail.com**

Por respeito à vossa confidencialidade, não usamos os nomes reais.

Boa noite mana Tina. Sou Nélia tenho 23 anos, estou a namorar com um homem dos seus 25 anos e eis a minha preocupação: o meu namorado não consegue atingir orgasmo e ele diz que é por causa do preservativo, porque se ele não pusesse as coisas iriam dar certo, coisa que eu não acredito. Estou muita preocupada e triste ao mesmo tempo, pois a nossa vida sexual tem sido um fracasso devido a isso. Eu não posso ter relações sem preservativo porque não quero correr nenhum risco. Ajuda-me por favor, porque isso acontece? Confesso que não tem sido fácil para mim e principalmente para ele. Tento usar todos os meios possíveis a ver se ele consegue mas nada a situação não muda. Ajuda-me!

Olá minha querida leitora. Em primeiro lugar que tu não és obrigada a fazer seja lá o que for com o teu corpo sem que tu permitas. O corpo é teu e tu decides com quem e como é que vais partilha-lo. O uso de uma barreira física como forma de prevenir a gravidez é um método utilizado há mais de cem, duzentos anos. Em quase toda as culturas no mundo existem formas físicas de criar a barreira para que o casal possa fazer sexo e garantir que a mulher não engravida. Portanto, não é coisa de “hoje”. A boa notícia para a sociedade atual é que a forma de produção do preservativos foi melhorando e tornando-se cada vez mais apropriada para garantir que tanto os homens como as mulheres não sintam o desconforto da borracha. De forma geral, o preservativo não impede o prazer sexual, já que o prazer sexual não deriva apenas da penetração do pénis na vagina. Quando os casais comunicam-se com abertura e com respeito, quando são sensíveis as necessidades um do outro, é mais fácil negociar o uso do preservativo, bem como a realização do teste de VIH e outras ITS, o uso de métodos contraceptivos. Tudo centra-se na comunicação. O importante é o que tu mesma dizes: não corras riscos que ponham em causa a tua saúde, porque afinal de contas a tua saúde é TUA.

Olá mana Tina, preciso da tua ajuda. Acabei de menstruar a uns 5 dias mais tenho umas dores nos seios. A que se deve isso?

Olá. Em primeiro lugar, eu acho muito bom que tenhas percebido que as dores estão a ocorrer depois de mais de cinco dias após o fim do período menstrual. Isso significa que estas atenta ao teu corpo. Durante o ciclo menstrual, que começa no início da menstruação e dura até a próxima menstruação, uma das principais ocorrem mudanças hormonais normais ao nosso corpo. Um dos resultados pode ser o de a mulher tornar-se sensível fisicamente (e até emocionalmente). Isto pode ocorrer tanto antes do período, como durante o período fértil (que é mais ou menos nesta altura que descreves, 5/6 dias depois do fim do período menstrual). Mas, por favor, eu sugiro também que vás a consulta num hospital ou centro de saúde e conversas com o/a médico/a para que te examine e tires a dúvida porque torna-se cada vez mais comum que raparigas e jovens desenvolvam nódulos e outro tipo de doenças nos seios. Então, o melhor é sempre receber um diagnóstico profissional numa Unidade Sanitária. Boa saúde.

Arrendamento de casas ganha espaço em Mocuba

Na cidade de Mocuba, o arrendamento de casas tornou-se, de há algum tempo a esta parte, fonte de sobrevivência da maior parte dos nativos daquela região. Devido à instalação de alguns estabelecimentos de ensino que acolhem estudantes de diversos pontos do país, a construção de moradias para arrendar tende a proliferar-se e a cada dia que passa.

Texto & Foto: Cristóvão Bolacha

Elevado à categoria de cidade há anos, o município de Mocuba ocupa uma posição privilegiada pelo facto de estar circunscrito por estabelecimentos de ensino que acolhem estudantes provenientes de vários pontos do país, onde se destacam a Universidade Zambeze e o Centro de Formação de Saúde. Tal situação é usufruída pelos nativos que constroem casas que na sua maioria são arrendadas pelos discentes.

A expansão dos serviços de formação de nível médio e superior nos diversos ramos económicos faz com que a procura de habitação seja intensa. O desenvolvimento acelerado, embora mergulhado em dificuldades, contribui significativamente para o aumento da população que escala aquele ponto e, como forma de sobreviver, opta pelo arrendamento de residências.

O negócio, que está a mostrar-se lucrativo, vem ganhando terreno desde os princípios do ano 2008 com a entrada em funcionamento da Faculdade de Engenharia Agronómica e Florestal (FEAF) da UniZambeze, que absorve jovens de todas as capitais provinciais de Moçambique.

Actualmente, as imediações da autarquia de Mocuba encontram-se ocupadas, sendo difícil arranjar espaço para habitar. Numa ronda feita pelo @Verdade, constatámos que o preço varia de acordo com as condições do imóvel, sendo o mínimo de mil meticais por mês.

É notória a construção desenfreada de moradias destinadas exclusivamente aos estudantes. Uma casa composta por um quarto e uma sala, que dispõe de água canalizada e energia eléctrica ronda entre 1500 meticais e dois mil, embora o precioso líquido não jorre a tempo integral. O @Verdade manteve contacto com vários nativos, a maior parte constituída por viúvas que sobrevivem do negócio de arrendamento de casas. Natália Marcos, de 46 anos de idade, perdeu o seu marido precocemente e vive na companhia do neto. A anciã teve o privilégio de ter um esposo que pensou em construir, além da residência, uma dependência, que, actualmente, se tornou fonte de renda.



Pelo facto de estar a viver nas imediações da cidade e de dispor de água canalizada e energia eléctrica, a idosa cobra 1.500 meticais por mês. A moradia, que tem um quarto e uma sala, acomoda estudantes da FEAF.

Segundo Natália Marcos, o arrendamento de casas tem sido a fonte de sobrevivência. Além de custear as despesas de alimentação, ela investe na formação do seu neto que, presentemente, frequenta a 11ª classe na Escola Secundária Pré-Universitária de Mocuba.

“Quando o meu marido morreu, eu não sabia como garantir o meu sustento. O desaparecimento físico dele coincidiu com a implantação da FEAF em Mocuba. Para me livrar da dependência de terceiros, eu decidi disponibilizar parte das minhas residências para arrendamento. Embora não cubra todas as minhas necessidades, consigo sobreviver”, referiu.

Em situação similar está a cidadã identificada pelo nome de Sara Joaquim, de 53 anos de idade. Como forma de superar as dificuldades por que passava, ela abraçou o negócio de arrendamento de casas. “Antes de o meu marido perder a vida, ele construiu uma residência, que subdividiu em três partes, em que cada compartimento alberga um quarto, uma sala e uma dispensa”, disse, tendo acrescentado que “após o desaparecimento físico do meu esposo, coloquei em arrendamento o imóvel. Os meus inquilinos são os estudantes universitários”.

Residências para funcionários

Na cidade de Mocuba, o arrendamento de casas não é apenas procurado pelos estudantes. Há também funcionários do sector público e privado que, na sua maioria vindos transferidos de outros pontos do país, se instalam com as suas respectivas famílias.

As moradias para esse grupo de pessoas são mais espaçosas e os preços são estipulados de acordo com a condição do imóvel. O @Verdade apurou que o valor mínimo cobrado é de cinco mil meticais. O custo de arrendamento subiu bruscamente, sendo que anteriormente, o preço rondava os 2.500 meticais mensalmente.

A construção de casas na base de equipamento convencional em Mocuba está a ganhar espaço pelo facto de a maior parte do material utilizado ser extraído localmente. O elevado preço do cimento é que constitui o principal obstáculo. A areia é extraída nas imediações e a pedreira encontra-se na zona verde da cidade “onde todos os caminhos se cruzam e Moçambique se abraça”.

Previsão do Tempo

Sexta-feira 22 de Agosto
Zona NORTE
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de leste a nordeste fraco.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Neblinas ou nevoeiros locais. Vento de nordeste a leste fraco
Zona SUL
Céu pouco nublado a limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de noroeste a sudoeste fraco.

Sábado 23 de Agosto
Zona NORTE
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de leste a nordeste fraco.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Neblinas ou nevoeiros locais. Vento de nordeste a leste fraco.
Zona SUL
Céu pouco nublado a limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sudoeste a sueste fraco, soprando por vezes com rajadas.

Domingo 24 de Agosto
Zona NORTE
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de leste a nordeste fraco.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Neblinas ou nevoeiros locais. Vento de nordeste a leste fraco.
Zona SUL
Céu pouco nublado a limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sudoeste a sueste fraco, soprando por vezes com rajadas.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o

XICONHOCA



Envie-nos um SMS para 90440

E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo

VERDADE

todos os dias

A verdade em cada palavra.

www.verdade.co.mz

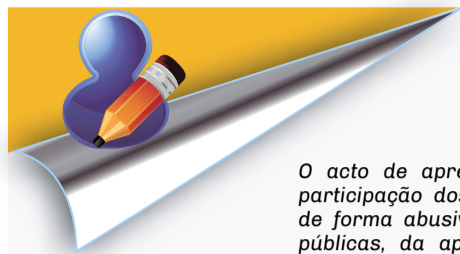
facebook.com/JornalVerdade
twitter.com/verdademz

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2.Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9



Livro de Reclamações d'Verdade

O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Somos trabalhadores da empresa Safe Guard Segurança, sita na Avenida Kennet Kaunda, na cidade de Maputo. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor a nossa inquietação em relação a algumas irregularidades perpetradas pelos agentes dos recursos humanos desta firma, no que diz respeito a atrasos salariais e despedimentos sem justa causa.

O que nos aflige são os despedimentos frequentes e sem nenhuma explicação, particularmente dos funcionários que foram admitidos em Agosto de 2012. No princípio éramos um total de 80 trabalhadores mas, destes, 70 já foram expulsos dos seus postos. Os 10 empregados ainda em exercício estão com medo de perder o emprego e não sabem qual será o seu destino.

O propósito dos gestores da Safe Guard Segurança é despedir todos os funcionários contratados em Agosto de 2012 para substituí-los por novos, que passarão a auferir salários inferiores aos dos trabalhadores no activo.

Resposta

Sobre este caso, o @Verdade contactou a chefe do Departamento dos Recursos Humanos e Finanças da Safe Guard Segurança, a qual se identificou pelo nome de Ivone. Esta negou, de forma insolente, todas as acusações apresentadas pelos trabalhadores. Ela alegou que as lamentações são infundadas em virtude que os funcionários estarem a ser devidamente tratados. “Nunca dispensámos ninguém sem justa causa”.

Os empregados que se acham injustiçados, segundo Ivone, nunca apresentaram as suas preocupações à direcção daquela empresa; por isso, ela não vê motivos para o que se diz.

Sobre os processos disciplinares de que os tra-

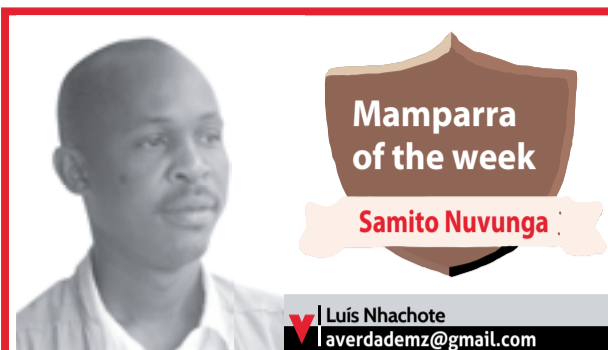
balhadores se queixam de ser alvo sem razões palpáveis, a nossa interlocutora garantiu que os mesmos visam os funcionários que geralmente se apresentam nos seus postos de trabalho embriagados. “E nós não podemos tolerar este tipo de comportamento”.

A outra preocupação tem a ver com os atrasos sistemáticos no pagamento dos salários. O acordo celerado entre as partes determina que ao 24º dia de cada mês os funcionários devem auferir os seus ordenados mas o que tem sido recorrente é que isso acontece muito tarde e sem nenhuma explicação.

Quando a gente reclama de atrasos salariais somos intimidados com recurso a notas de culpa e solicitam-nos que nos justifiquemos. Somos acusados de sermos agitadores e, conseqüentemente, somos expulsos sem nenhuma indemnização. Estamos agastados e gostaríamos que os nossos direitos fossem repostos.

Ivone afirmou que o departamento que dirige envida esforços no sentido de cumprir as normas previstas na Lei do Trabalho em vigor em Moçambique, e que todos os funcionários demitidos por várias irregularidades auferem os salários correspondentes ao tempo que trabalharam naquela firma, excepto nos casos em que alguém abandona a companhia sem o conhecimento dos responsáveis.

Ivone afirmou que o departamento que dirige envida esforços no sentido de cumprir as normas previstas na Lei do Trabalho em vigor em Moçambique, e que todos os funcionários demitidos por várias irregularidades auferem os salários correspondentes ao tempo que trabalharam naquela firma, excepto nos casos em que alguém abandona a companhia sem o conhecimento dos responsáveis.



Mamparra
of the week

Samito Nuvunga

Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

O mamparra desta semana é o afoito e solícito “jornalista” Samito Nuvunga, um membro activo da nefasta organização denominada G40, que tem como objectivo endear a figura de Armando Guebuza e atacar os alegados detractores deste cidadão e do seu Governo, usando os meios de comunicação social que estão sob o seu controlo.

Samito Nuvunga foi resgatado de volta ao jornalismo pelo semanário Público (da capital moçambicana) e, num ápice – pelo seu desempenho no G40 – tornou-se “ANALista” convidado da televisão paga com recurso a impostos de todos nós, para louvar os feitos “do guia incontestável de todos nós”, atacando, sem dó nem piedade, as contracorrentes de opinião.

Pelos incontáveis hossanas à governação de Armando Guebuza, o então editor do Público, acabou por ser sorteado na rifa dos jornalistas seleccionados a dedo para as coberturas das viagens presidenciais.

Como não há bela sem senão, o afoito escriba acabou por ser banido das viagens com Guebuza, por alegadamente ter tido um comportamento, segundo nos confidenciaram algumas pessoas, próprio de um mamparra em estado de ebulição...

Na senda dos seus desmesurados ataques, até a instituição Igreja não foi poupada.

Os órgãos de comunicação social pouco docéis ao regime, também não foram poupados na saga de Samora Nuvunga. Era a mamparrice a cavalgar a todo o vapor, para a incredulidade da opinião pública.

O mamparra desta semana, por duas semanas seguidas, qual autêntico “jornalista” procurou, como fazem os vulgos fofoqueiros, maldizer a publicação que o leitor têm nas mãos para ver se conseguia uma saída airosa a nível do patronato do G40!

Os patrões de Samora Nuvunga, cremos, finalmente imbuidos de algum senso de racionalidade, acabaram por se perceber da perigosidade que este membro representa na sociedade moçambicana.

Este membro do famigerado grupo nocivo à sociedade embaraçou os seus patrões com um “jornalismo” que nos dias que correm devia ser objecto de estudo para as criancinhas do ensino primário do Sistema Nacional de Educação.

Uma sociedade que tem “jornalistas” da extirpe do Samora Nuvunga, que no seu activo pretende entrar nos compartimentos mais íntimos de uma instituição, está condenada a consumir fofocas que vão de problemas de comadres à espionagens da inteligência da CIA sob a capa de cleros.

Rios de tinta, desde a (re) entronização do mamparra desta semana, foram empregues por aquela publicação em vários pedidos de desculpas.

Alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparrices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para o número 90440. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 MT) Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ facebook: JornalVerdade



A verdade em cada palavra.



O Jornal mais lido em Moçambique.

Município abandona os terminais de passageiro em Quelimane

Os terminais rodoviários de passageiro da cidade de Quelimane encontram-se em péssimo estado de conservação e sem condições básicas de higiene para serem usados pelos utentes, pese embora as entidades responsáveis pela exploração do espaço estejam a cobrar taxas diárias aos automobilistas. Naqueles locais, não existe sanitários públicos, dormitórios, entre outras infra-estruturas.

Texto & Foto: Sebastião Paulino



O estado em que se encontra os terminais de passageiro da cidade de Quelimane mostra uma clara falta de vontade por parte da edilidade em tornar esses locais mais atractivo para os munícipes que pretendem viajar.

Esta situação deixa os utentes dos terminais rodoviário daquela autarquia agastados com as autoridades locais. Nos referidos locais, não há condições mínimas para o funcionamento daquelas infra-estruturas que, diariamente, recebem centenas de pessoas. Por falta de sanitários públicos, os passageiros fazem as suas necessidades biológicas ao relento perigando a saúde pública. Na verdade, viajar para qualquer ponto, dentro ou fora da cidade de Quelimane, exige que os cidadãos eduquem os seus estômagos no sentido de evitarem desarranjos intestinais, pois, quando isso acontece, a mata que emerge dentro do terminal da Remosa é transformada em casas de banho.

Madalena Fonseca, utente dos transportes de passageiros, lamentou o facto de o terminal de Remosa não oferecer condições mínimas para os viajantes. “Não há condições para as pessoas passarem as noites neste local. Os carros deveriam mudar de horário de partida para permitir que cada indivíduo que pretende viajar durma na sua casa”, referiu.

O terminal da Remosa, localizado no centro da cidade

de Quelimane, é o mais movimentado da autarquia e recebe centenas de viaturas de transporte de passageiros, provenientes das províncias de Maputo, Sofala, Manica, Tete, e Nampula.

Além desses meios circulantes, o local alberga autocarros que exploram as rotas interdistritais, tais como Alto-Molócuê, Gurúê, Gilé, Maganja da Costa e Mocuba. É o único espaço que dispõe de muro de vedação, apesar de estar em avançado estado de degradação, e os utentes são obrigados a pagarem dois a cinco meticais para utilizar as casas de banho.

O responsável pela cobrança de uso de latrina, Baptista Janfar, disse que o valor que cobra os utentes daquele terminal serve para a compra de produtos de limpeza dos balneários. O mesmo avançou que, mensalmente, consegue colectar 10 mil meticais, valor que é entregue ao proprietário que gere o espaço.

Apesar das limpezas que têm sido efectuadas, os balneários exalam um cheiro nauseabundo, o que impede os passageiros de permanecer por muito tempo no interior do terminal. “Não tenho como eliminar o cheiro de que os passageiros e outros utentes se queixam todos os dias neste local. Mas o mais importante é a pessoa satisfazer as suas necessidades”, afirmou Janfar.

Pedro Paisano, um dos automobilista que faz a rota cidade de Quelimane/Gurúê, lamentou o estado em que se encontra os terminais daquela urbe, principalmente os de Mercado do Lixo e da Remosa. O nosso interlocutor disse que o presidente do Município de Quelimane prometeu criar melhores condições de trabalho naqueles lugares, mas ainda não cumpriu a promessa.

Abdul Gonçalves, munícipe, afirmou que é ridículo que até hoje o Município não consiga construir balneários públicos nos locais de maior concentração

de pessoas.

Cassimo Armando, automobilista, explicou que os passageiros não dormem naquele parque devido ao medo de serem assaltadas e também por causa da falta de balneários.

Os agentes da Polícia Municipal e de Protecção que são escalados para fazer fiscalização e patrulha naqueles pontos não têm feito o seu trabalho. “Sentimos que não existem condições para permanecer no terminal durante a noite”, afirmou Bernardo Nádio, motorista que opera na rota Quelimane/Milange.

“Não há espaço para construção do novo terminal”

O chefe do Departamento de Trânsito, no Município de Quelimane, Camilo Chiquete, falando em substituição do vereador para a área de Infra-estrutura, reconheceu os problemas que os passageiros e os automobilistas avançaram. Ele explicou que apenas o terminal do Mercado Central é que se encontra sob gestão da edilidade.

Chiquete avançou que o terminal da Remosa, por exemplo, está sob responsabilidade da Direcção Provincial dos Transportes e este, por sua vez, entregou a um agente privado que está a explorar o espaço.

Aquele responsável disse que o Município de Quelimane não pode ser obrigado a construir balneários num lugar onde as receitas mensais entram noutra cofre.

O nosso entrevistado disse, num outro desenvolvimento, que a edilidade ainda não traçou nenhum projecto de reabilitação ou construção de um novo terminal rodoviário.

O terminal do Mercado do Lixo está sob gestão da Associação Provincial dos Transportadores da Zambézia (APTZ) que, mensalmente, entregam ao cofre do Município 30 mil meticais. Segundo Chiquete, este valor serve para criar mínimas condições de acomodação dos passageiros.

Mudança do sistema de venda energia embaraça clientes da EDM em Nampula

Os clientes da empresa Electricidade de Moçambique (EDM) na cidade de Nampula ficaram privados de corrente eléctrica, no fim-de-semana passado, entre 15 e 17 de Agosto em curso, devido à alegada mudança do sistema de venda de Credelec, do off-line para online. Este, além de evitar as duplicações de taxas de rádio e lixo, cria maior comodidade na compra, pois a mesma pode ser efectuada a partir do lugar onde o cliente estiver, via Internet, ATM ou mesmo telemóvel.

Entretanto, este facto impediu muita gente comprar energia porque os postos de venda estavam encerrados, supostamente sem aviso prévio. Alguns cidadãos entrevistados pelo @Verdade disseram que a situação foi de tal sorte constrangedora que muitas famílias perderam produtos que se encontravam nos frigoríficos.

Virgínia Calisto, residente do bairro de Muahivire, alegou que não sabia o que se passou para que o posto de venda de energia localizado na sua zona residencial encerrasse as portas, pois não houve nenhuma informação a respeito deste assunto.

Zacarias Alves, outro cliente da EDM, disse que por causa da falta de comunicação por parte dos gestores daquela empresa, ele foi obrigado a sair da sua casa de madrugada com vista a ser o primeiro na fila. Mas, chegado ao local ficou horas a fio à espera que algum funcionário aparecesse. O guarda que estava de serviço nada dizia alegadamente porque não tinha informação. Se ele soubesse de alguma coisa teria instruído os clientes no sentido de não permanecerem no local.

A cidadã Ana Issufo disse que acumulou prejuízos em virtude de o seu estabelecimento comercial ter encerrado por falta de cerveja gelada num fim-de-semana, altura em que a freguesia regista uma afluência desusada. Sobre este problema, Hermínio Abrão Lucas, director da Área de Serviço ao Cliente em Nampula, explicou que a mudança do sistema de cobrança de energia para online é que esteve na origem do embaraço. Trata-se de um processo que vai trazer vários benefícios para os clientes.

Segundo ele, o projecto em causa visa também contornar alguns erros

cometidos pela EDM, tais como dupla cobrança da taxa de radiodifusão e de lixo, por erros do sistema off-line. E foi previamente enviado um comunicado aos órgãos de comunicação social sobre o trabalho que decorreu e que resultou na interrupção da venda de energia nos postos instalados para o efeito. Refira-se que o novo sistema online abrange todos os distritos da província de Nampula excepto a cidade portuária de Nacala.

Enquanto isso, a EDM diz que tem um projecto que visa substituir 150 mil lâmpadas incandescentes pelas de baixo custo no bairro de KaMachaquene, na cidade de Maputo e em Nacala, onde se regista maior défice de energia.

Segundo um estudo realizado no âmbito do trabalho em alusão, a EDM indica que as lâmpadas de baixo custo gasta apenas 20 por cento da energia consumida pelas luzes incandescentes. E refere-se que a substituição, por exemplo, de três mil lâmpadas pelas de baixo custo vai poupar 107 megawatts.

“Não há sustentabilidade sem transparência e prestação de contas”

A Livaningo é uma organização não governamental (ONG) que surgiu como um movimento “informal”, em 1998, para se opor ao programa de Governo de Moçambique de requalificação da fábrica de cimento, na Matola, para incineração de pesticidas. O processo terminou em 2001, ano que organização foi oficializada. Actualmente, esta ONG alargou a sua área de actuação, abrangendo, desse modo, sectores como boa governação e prestação de contas, desenvolvimento urbano sustentável, monitoria da implementação dos mega-projectos. O director não-executivo da Livaningo, Maurício Sulila, defendeu, numa entrevista ao @Verdade, a necessidade de haver transparência e prestação de contas na exploração dos recursos naturais. A fonte advertiu ainda ao facto de as nossas florestas estarem a ser dizimadas de forma descuidada, o que poderá ter consequências desastrosas no futuro.

Texto: Alfredo Manjate • Foto: Julio Paulino

@Verdade (@V): A Livaningo tem como uma das suas missões catalisar o desenvolvimento sustentável promovendo a boa governação urbana. Como é que isso é feito?

Maurício Sulila (MS): Bem, esse é um trabalho que fazemos tendo em conta os pilares que já estão estabelecido no nosso plano estratégico. O facto é que existe o desenvolvimento sustentável que, quanto a nós, não é possível sem que haja boa governação. E a boa governação, por sua vez, obedece alguns indicadores específicos, nomeadamente a participação, a transparência, a abertura por parte dos que governam e o acesso à informação.

@V: É possível um desenvolvimento sustentável sem essas componentes que mencionou?

MS: Como é que a exploração, por exemplo, de um recurso mineral vai ser sustentável se não há transparência e não há prestação de contas. Para nós, como Livaningo, isso é difícil se não impossível. Estamos a dizer, por exemplo, que o ProSavana é um programa ambicioso que vai fazer uso de muita terra, boa parte da qual já está ocupada pelas comunidades e, por mais que possa trazer uma produção massiva, nós temos algumas reservas em relação à forma como se pretende que seja implementado. E a questão que se coloca aqui é a seguinte: o que vai acontecer com aquelas comunidades que hoje são donas das terras?

É preciso perceber que não há sustentabilidade quando temos pessoas que foram reassentadas a reclamarem melhores condições de vida. O caso da Cateme é um exemplo de um processo que foi mal encaminhado. A Vale Moçambique devia estar a preocupar-se em explorar os recursos, mas tem que ficar a atender questões mal paradas no passado.

@V: Deu exemplo da Vale, mas o reassentamento acontece também noutros casos. De quem é a responsabilidade da má implementação desses processos?

MS: Penso que a responsabilidade primária é do investidor. Quando um empresário vai investir numa área tem que ter o que se chama responsabilidade corporativa. Tem que respeitar as pessoas que vão ser reassentadas. Depois, o Governo moçambicano tem o seu papel que é de garantir e defender os interesses dos cidadãos nacionais, até porque é ele que atrai esses investimentos e é seu dever assegurar que eles são bem implementados.



A sociedade civil também tem a sua parte. Temos que fazer estudos, pesquisas e denunciar vivamente as más práticas e procurar respostas ou soluções para essas todas questões.

@V: Falou de ProSavana, qual é a vossa avaliação desse programa?

MS: O que nós, sociedade civil, percebemos é que com este investimento vai-se criar desníveis nas comunidades e alguém tem que chamar atenção a esse facto, até porque não pode haver sustentabilidade quando só o investidor sai a ganhar. E isso é aplicável até para o caso dos recursos naturais.

@V: Quais são, neste momento, ao vosso ver, os principais problemas do país no que diz respeito ao desenvolvimento urbano?

MS: Nós temos problemas sérios na área de governação. Ou seja, na promoção da boa governação. Nós estamos num contexto em que o país está a receber grandes volumes de investimento directo estrangeiros via mega-projectos. Isso, por si só, constitui desafio para o Governo e para as organizações como a Livaningo que trabalham na área da boa governação e que querem resultados visíveis.

O desafio é assegurar que esses empreendimentos, realmente, sirvam e provoquem mudanças palpáveis e que seja de benefícios para todos nós. E ainda acompanhar esse nível de investimento.

@V: A Livaningo vem desde a muito a travar uma batalha sobre a lixeira de Hulene. Que tratamento se deve dar àquele lixo?

MS: A lixeira de Hulene tem cerca de 50 anos, depois de tantos anos já ocorrem processos químicos naquele espaço. O mais provável é que haja gás e outras substâncias que foram se gerando ao longo do tempo. Agora, quanto ao destino do lixo,... bem existem estratégias que devem ser desenhadas. Mas a resposta definitiva só pode vir através de estudos especializados para um encerramento da lixeira, tendo em conta todos esses factos que mencionei. O Município deve ver até que ponto essas substâncias todas que foram geradas vão criar outros impactos.

@V: Mas, neste momento, em que ponto se encontra o processo de encerramento?

MS: Bem parece que depois de muito tempo haverá uma resposta. Próxima semana (a data concreta ainda será marcada) teremos um encontro com a Município para debater essa questão de encerramento. Vamos discutir ainda a criação do aterro no Município da Matola que possa servir ambas autarquias.

Olha que o que muitos não sabem, em relação à lixeira de Hulene, é que em alguns momentos, temos lá fogo que não é posto. Às vezes ele degenera-se por causa do gás que foi acumulando-se ao longo do tempo. Portanto, penso que há um tratamento específico que se deve dar àquele lixo. Temos que fazer uma análise para ver que tipo de opções temos, com a situação actual da lixeira.

@V: Qual é a vossa experiência em relação a questão dos reassentamentos?

MS: Não é muito grande. Nós tivemos envolvidos no processo de reassentamento no projecto Mozal, na altura, e no projecto Sazol, em Inhambane. Mas olhando para o que está a acontecer agora acho que estamos a ter muitos problemas com o processo de auscultação pública e com o nível de compromisso que temos com as pessoas. O reassentamento como tal deve ser a última coisa a se fazer. Não é de agrado que um programa remova as pessoas dos seus locais de habitação. Reassentar pessoas deve ser o último recurso.

Quando nós reassentamos as pessoas temos que nos colocar na posição daquelas pessoas. Há gente que nasceu, seguindo gerações e gerações, e que será removida, então os pressupostos devem ser muito bem analisados. Temos que sentar e falar com as pessoas. O que acontece com os nossos empreendimentos é que parece que temos a tendência de forçar as pessoas.

@V: Quer nos parecer que o problema dos reassentamentos inicia, normalmente, com a auscultação pública dos reassentados.

MS: De certa forma sim, não fazemos uma auscultação devida e não acatamos muito bem

as preocupações das pessoas e elas dão por si estão a ter as piores condições. O padrão internacional de reassentamento diz que ou a pessoa deve ter o que tinha antes ou melhor.

Como é que ocorre reassentamento e depois as pessoas não tem água, machamba e terra para cultivar? Algo está a falhar nesse processo. Nós como país, governo, activistas, temos que nós assegurar que essas coisas não aconteçam em Moçambique.

@V: Então, esta a considerar que o Governo está a falhar?

MS: O Governo está a falhar,... claro que está a falhar. Ninguém pode dizer que “não” se até hoje temos problemas em Cateme. E é preciso responsabilizar as pessoas. Como é que temos populações que estão reassentadas em zonas sem água e sem terras férteis, isso é uma falha. E esse erro não pode ser apenas atribuída à empresa, todos nós temos algo a dizer. E o Governo tem a responsabilidade número um de assegurar que a famílias são bem reassentadas e que a auscultação pública realmente exigida é feita como deve ser.

@V: Mas essas auscultações realmente acontece?

Os processos na verdade às vezes falham. Já acompanhamos processos em que as pessoas nem sequer sabiam o que era uma auscultação pública. Nalguns processos as pessoas nem sequer sabiam de que é que a reunião ia tratar. Portanto, deve haver uma preparação social das pessoas. Nós temos que preparar as pessoas porque esse não é um assunto qualquer as pessoas devem ser preparadas antes da sessão de auscultação pública.

Deve-se colocar activistas que expliquem bem às pessoas quais são as consequências do reassentamento para que elas possam estar nessas reuniões com perguntas concretas e ter respostas devidas. Ora convidar as pessoas para uma reunião com administrador ou secretário e lhes dizer: nós vamos vos reassentar e as pessoas nunca percebem do que trata até o dia em que elas tem que abandonar a casa é um erro.

@V: Mais uma vez o Executivo não desempenha o seu papel...

MS: O Governo tem que assegurar que as pessoas percebam de que se trata. Se este não o faz, a sociedade civil tem que intervir. Aliás entendemos que o Governo devia ajudar a sociedade civil nesse aspecto. Deixar que ele tenha tempo para fazer uma preparação social das pessoas, das ferramentas e explicação necessária sobre as consequências e vantagens de processo.

@V: Como é que Moçambique deve se preparar no sentido de acautelar futuros danos ambientais resultantes das exploração mineira?

MS: Bem existem padrões. Toda a implementação de mega-projectos, antes de ser autorizada, deve merecer uma pesquisa de impacto ambiental e eu arrisco-me a dizer que os estudos que são feitos em Moçambique são bons, muitos deles obedecem os padrões internacionais.

O problema que nós temos é as

Democracia

segurar que as recomendações do impacto ambiental sejam cumpridos na íntegra durante a implementação. Garantir que os implementadores cumpram na íntegra aquilo que está estipulado este é o maior desafio que nós temos neste país, porque durante a implementação há de facto alguns desvios e são desvios que nos criam vários transtornos.

@V: Sente que nosso governo está em condições de discutir ombro a ombro com as multinacionais?

MS: Bem isso ainda é uma questão que nos inquieta. Nunca estivemos à vontade, nem com a Mozal. A maior parte dos estudos de impacto ambiental desta empresa são feitos por especialistas que ela contrata e informa os resultados ao Governo. Estamos preocupados que até hoje a maior parte dos mega-projectos, tal como aconteceu, recentemente, com o derramamento da Anadarko, o Governo foi notificado dias depois para junto dos especialistas da empresa fazer um acompanhamento dos impactos.

@V: Até que ponto isso nos torna vulneráveis?

MS: Isso não nos torna seguros. Temos que continuar a formar especialistas no âmbito destes mega-projectos. Acho que Moçambique está na era mineral já há muito tempo e é altura de termos os nossos especialistas. Temos Ministérios de Ambiente e dos Recursos Minerais que possam fazer, em tempo real, avaliações das actividades das companhias.

@V: Há quem defenda que a educação ambiental não é, para o nosso Governo, algo prioritário. Partilha dessa opinião?

MS: Nalguma momento o Governo embrulha-se com a necessidade de atrair investimentos. Uma coisa é ter investimentos a todo custo no país e outra é ser bastante crítico à qualidade de quem está a investir e parece-me que o Governo perde-se aqui. Fica na dúvida se deve ou não chamar à responsabilidade as companhias. O Governo deve, sim, actuar com ferramentas legais que existem apesar de precisarmos de investimentos. Nós temos uma legislação, temos compromissos legais em que essas empresas a princípio tem acesso antes de tomar decisões se vão operar em Moçambique ou não.

@V: Quando se olha para algumas praias vê-se logo que o mar está “engolindo” a areia. Há forma de poder-se mitigar essa situação?

MS: Para medidas de mitigação temos que olhar caso a caso. Há regiões em que pura e simplesmente o mangal pode evitar esse tipo de impactos. O que acontece é que o princípio de protecção dessa vegetação em muitos sítios não está a ser respeitado e obviamente que neste locais não há como evitar consequências desastrosas para o ambiente. O mangal funciona muito bem como protector natural do ambiente para que não haja um grave avanço das águas do mar para o interior, se não protegemos o mangal certamente que não vamos ter muitas opções.

@V: E qual poderá vir a ser a consequência dessa situação na nossa economia.

MS: Os problemas de erosão são sérios e graves. Combater uma erosão são investimentos de milhões, isto tem que ser contabilizado. O nosso papel em termos de pre-

servar e defender o mangal (ambiente) deve ser cada vez mais uma prioridade.

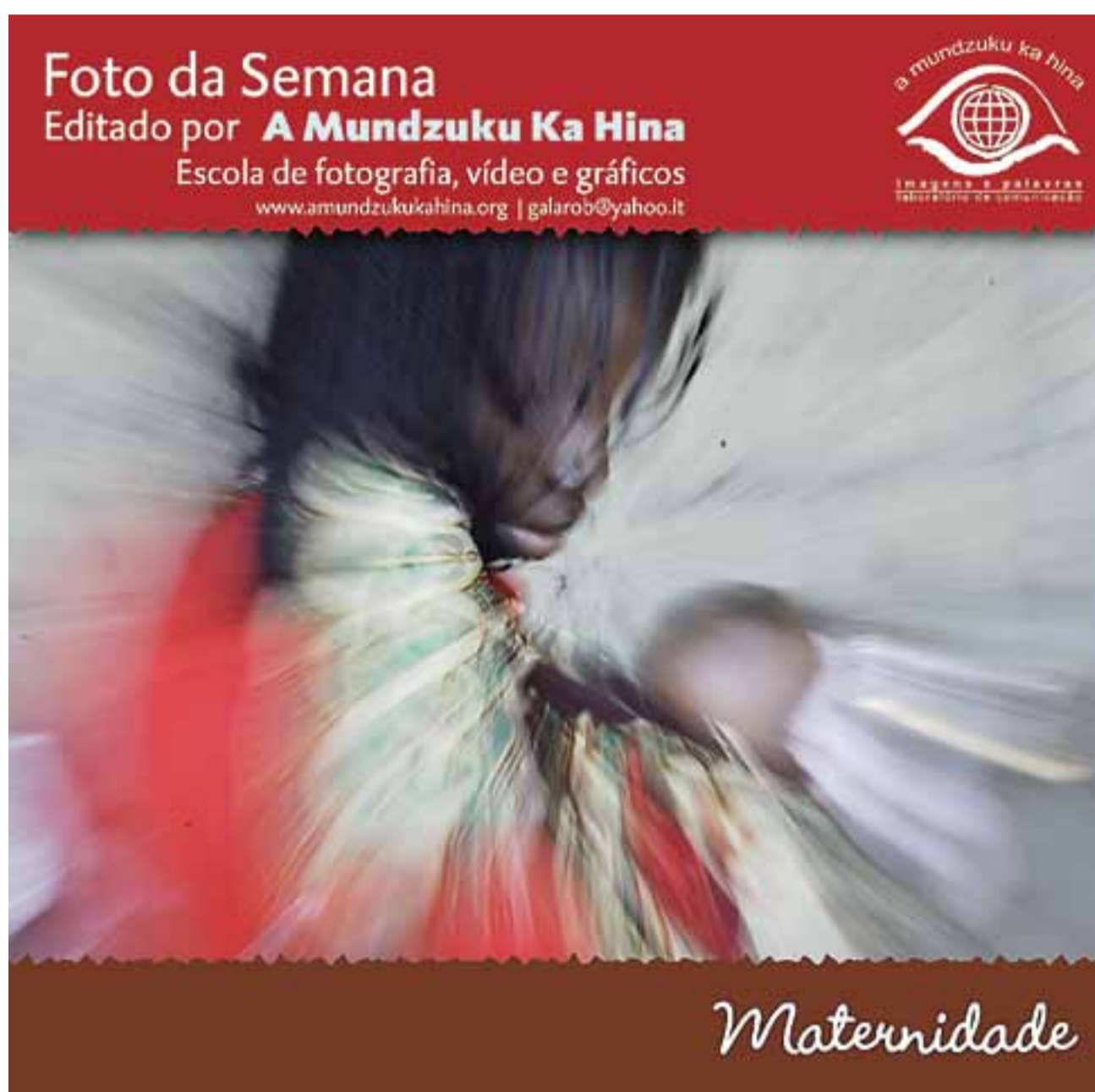
@V: Em 2011 Livaningo, através de uma carta ao Chefe do Estado, denunciou a existência de uma rede de crime organizado que delapida recursos florestais. Houve alguma resposta?

MS: Há muitas cartas que escrevemos ou subscrevemos. Até hoje continuamos a opor-nos ao uso abusivo das florestas. O que nos preocupa é o corte da madeira em Moçambique. Aliás nos defendemos que as populações locais devem ser envolvidas e ouvidas antes de decidir fazer o abate das florestas. Até hoje, esse é um assunto que está a merecer atenção e discussão e como todos outros processos precisamos continuar a monitorar.

@V: O Chefe do Estado tem difundido a iniciativa um aluno uma planta e um líder uma flo-

resta, mas recentemente tivemos um processo em que membros do Governo eram apontados como estando envolvidos na exploração ilegal da madeira.

MS: Isso não deixa de ser uma preocupação de todos nós. É preciso notar que há países que ficaram sem florestas depois de terem se descuidado na exploração ilegal. Uganda é um deles. E isso chama-nos atenção que se não combatermos também ficaremos sem florestas e com todas as consequências que advém disso. E enquanto não levarmos o assunto a sério arriscamos-nos a ter essas situações dúbias, como essa que mencionou. A nossa tarefa é continuar a denunciar e chamar atenção. A verdade que ninguém percebe muito bem quando temos o Chefe do Governo a dar esses exemplos e pessoas membros desse Governo implicados no contrabando e madeira. Nós vamos continuar a exigir que haja uma responsabilização.



Cartoon

Feminista Duroa

Guião: WLSA Moçambique/Desenhador: Terry



Democracia

Governo autorizado a fazer *business* em regime especial com multinacionais

No meio de discórdia entre os parlamentares, o Governo conseguiu a autorização legislativa da Assembleia da República (AR) para criar um Decreto-Lei através do qual vai conceder privilégios às multinacionais Anadarko, empresa americana, e ENI, italiana, para a operacionalização dos projectos de liquefação do gás natural das áreas 1 e 4 da Bacia do Rovuma. Com a bancada do Movimento Democrático de Moçambique (MDM) a lutar, sem sucesso, pela rejeição, a proposta submetida pelo Executivo passou com os votos favoráveis dos grupos parlamentares da Renamo e da Frelimo, depois de sofrer muitas alterações.

Texto & Foto: Redacção

O Governo pretendia, tal como está previsto no artigo 2 da sua proposta, poder efectuar “quaisquer alterações ou isenções à legislação em vigor” respeitante às matérias cobertas pela lei ora aprovada. No entanto, artigo foi retirado, tendo-se estabelecido os moldes para a acção do Executivo.

Na verdade, o Decreto-Lei do Governo visa, entre outros aspectos, facilitar a concepção, construção, instalação, financiamento, operação, manutenção, processamento, liquefação, entrega e venda do gás natural dos depósitos supramencionados.

Para a viabilização do projecto em referência são necessário a cerca de 50 biliões de dólares norte-americanos, valor muito alto e que leva o Executivo defender a urgência na criação de facilidades para o andamento da empreitada.

O volume de reservas de gás natural disponível nos depósitos estima-se em cerca de 200 triliões de pés cúbicos. Cerca da metade das reservas descobertas, localizam-se em depósitos de petróleo que são abrangidos pelas áreas 1 e 4 designados de Depósitos de Petróleo Comuns.

Procedimento que fere a transparência

O recurso ao Decreto-Lei para responder a esse matéria, embora seja um procedimento rápido, é visto pela sociedade civil como estando a limitar a transparência desse processo que desde o início tem sido caracterizado pelo secretismo sobretudo por parte do Governo.

“Não há dúvida que o Decreto-Lei é mais rápido, mas não permite debate no Parlamento, nem consulta pública e prejudica a transparência, na medida em que os termos oferecidos às empresas só serão conhecidos depois da publicação do decreto”, escreve o Centro de Integridade Pública (CIP).

Com esta autorização, o Governo vai estabelecer o regime jurídico, regulatório, contratual e fiscal a ser acordado com as multinacionais bem como estabelecer os incentivos e salvaguardas necessárias para os investidores e financiadores e vigorar durante a vida do empreendimento. No entanto, a lei ora aprova da salvaguarda o direito de as garantias de estabilidade legal e fiscal serem negociadas de dez em dez anos.

“A concessão de garantias de estabilidade legal e fiscal para o projecto da bacia do Rovuma, negociáveis de dez em dez anos sem afectar os pressupostos de viabilidade e rentabilidade”, determina o artigo 3, alínea.

Alguns poderes atribuídos ao Governo

A lei ora aprovada atribui ao Governo poderes para



estabelecer termos e condições necessários para a aquisição de bens e prestação de serviços para os projectos da bacia do Rovuma. Nesta negociação, o deve se dar preferência a empresas nacionais que, não tendo capacidade nem qualidade, devem ser constituídas parcerias para uma gradual transferências de capacidade operacional.

Deve-se também prever na negociação com as duas empresas uma cota da força de trabalho, a ser periodicamente reajustada consoante as diferentes fases do projecto e outra de especialistas moçambicanos nos empreendimentos.

O Executivo irá determinar as condições que permitem o financiamento internacional ou nacional, incluindo a concessão de garantias necessárias para assegurar o financiamento. Compete ainda ao Governo, no âmbito desse lei, negociar um regime cambial e de contratação de seguros e resseguros especiais para o projecto em referência.

No entanto, a questão cambial é considerada muito importante e que exige cuidado no seu tratamento. As empresas estão a tentar contornar os preceitos da lei cambial e seu regulamento sobre a obrigatoriedade das empresas remeterem à Moçambique as receitas de bens, serviços e investimentos exportados, dos quais 50 por cento serão convertidos para meticais.

O argumento das empresas é de que os pagamentos são efectuados no estrangeiro, daí que precisam manter o seu dinheiro fora do país para flexibilizar as suas transações e se manterem competitivos.

Por outro lado, consideram que Moçambique não tem capacidade para absorver o dinheiro que será canalizado e a manutenção destes recursos no banco vão constituir um custo para a empresa, sem contar que as comissões cobradas pela transacções são altas.

Outros aspectos a serem abordadas ao nível laboral, como o horário de trabalho para o pessoal envolvido na construção das instalações terrestres de produção de LNG, as empresas estão a negociar com o Governo a remoção das quotas exigidas para a contratação de trabalhadores estrangeiros, sob o argumento de que o projecto exige mão-de-obra qualificada e num número que não existe em Moçambique.

Um regime fiscal especial trás risco de corrupção

O estabelecimento de um regime especial para a implementação do projecto de LNG na bacia do Rovuma mina todos os esforços em curso no país para o estabelecimento de uma legislação completa e moderna para o sector mineiro e de hidrocarbonetos, defende o CIP.

Se existem lacunas na legislação moçambicana conexas ao sector extractivo e que possa afectar o bom desempenho do sector, o governo deve tratar de supri-las, de modo a evitar conceder regimes especiais, conferindo mais transparência aos processos de concessão e implementação dos projectos no sector.

Aquele instituição diz que um regime fiscal especial apresenta sério risco de corrupção, sobretudo quando as concessões não são publicamente discutidas e, portanto, não se conhecem as contrapartidas para tais concessões.

Por outro lado, este tipo de regimes que estabelece uma série de isenções fiscais e legais vai comprometer as receitas futuras do Estado.

Para a satisfação pública, isto ocorre numa altura em que a Assembleia da República tem estado a notabilizar-se pelo bom desempenho na produção legislativa, particularmente na revisão da Lei de Minas e de Petróleo recentemente aprovadas.

Lei fere os princípios de igualdade

A Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e de Lega-

lidade (Primeira Comissão) chama atenção ao facto de esta lei constituir um atropelo aos princípios de igualdade e de legalidade, por pretender “regular excepções concretas” incluindo às de comandos de domínios constitucionais, legal, fiscal, cambial, financeiro, laboral e outros.

“Salvo entendimento diverso devidamente fundamentado, a proposta de lei de autorização Legislativa parece ferir as características da norma jurídica de generalidade, de abstracção e de hipoteticidade”, aponta a Primeira Comissão no seu parecer.

Por outro lado, essa comissão não encontra clareza quanto a impossibilidade de se encontrar “outras soluções mais protectoras da economia nacional” para esse caso.

MDM nega passar cheque em branco ao Governo

Das três bancadas que compõem o Parlamento, a do MDM foi a que votou contra a lei que autoriza o Governo e criar um Decreto-Lei inerente os projectos de liquefação de gás na Bacia de Rovuma.

Este grupo parlamentar entende que a solução trazida para a viabilização daquele projecto não é a única. Ou seja, o Governo devia apoiar-se na Lei de Petróleo aprovada recentemente para fazer o uso dos instrumentos nele contidos e para a celebração de contratos de petróleo, bem como de gás, o poderia recorrer a decreto sancionados pela Assembleia da República.

“A bancada do MDM não pactua com manobras de índole duvidosa. Somos por um desenvolvimento sustentável que aceita princípios claros e que nos levem a um desenvolvimento onde a transparência é a palavra chave”, disse o deputado, José Manuel de Sousa, ao fazer a declaração de voto.

Esta bancada defende ainda que o Executivo devia ter apresentado ao Parlamento o certificado de controlo de qualidade e de quantidade daquilo que já foi pesquisado o que se refere aos recursos minerais.

“Passar cheques em branco ao Governo, nós a bancada parlamentar do MDM não aceitamos. Não fazemos parte desse grupo de trabalho, pelo menos para este caso concreto em que o pedido do Governo apresenta-se com sombras que carecem de esclarecimentos. A vossa grandeza é a mãe da arrogância e da discriminação que os moçambicanos são vítimas”, disse.

Democracia

Desconfianças condicionam cessar-fogo

Depois dos consensos na mesa de diálogo que levaram à assinatura de três documentos e à aprovação da Lei de Amnistia pela Assembleia da República (AR), e consequente saída da cadeia de António Muchanga, o Governo e a Renamo caíram novamente num impasse. As partes não se entendem sobre quem deve homologar e declarar o cessar-fogo para o fim das hostilidades condição exigida pelo o líder da Renamo para sair da “parte incerta”.

Texto: Redação • Foto: Arquivo



É um verdadeiro dilema que se vive no diálogo político. A Renamo defende os três documentos já assinados pelas delegações, nomeadamente o Memorando de Entendimento, os Termos de Referências e o Mecanismo de Garantias, podem ser igualmente homologados pelo chefe da sua delegação, Saimone Macuiane, em representação da líder do partido, Afonso Dhlakama.

O argumento para esta posição é de que o líder não pode sair da “parte incerta” alegadamente porque pode ser abatido. Aliás, como forma de acelerar o processo de homologação, a Renamo chegou mesmo a propor que os três documentos já assinados fossem enviados ao local onde se encontra o Dhlakama para que este procedesse os assinasse.

No entanto, o Executivo de Armando Guebuza rejeita a proposta da “Perdiz”, primeiro porque entende que pelo grau de importância, os documentos devem ser assinados pelos líderes máximos das duas partes, designadamente o Chefe do Estado, Armando Guebuza e o presidente da Renamo. Segundo, entende que ao se enviar os documentos para serem assinados por Afonso Dhlakama a partir da parte incerta as assinaturas pode ser falsificadas. Esses desentendimentos estão neste momento a condicionar a declaração do cessar-fogo.

Na última ronda de diálogo havida na passada segunda-feira, 18 de Agosto, chefe de delegação do Governo, José Pacheco, disse que as partes estão a envidar esforços no sentido de se encontrar a melhor forma para se ultrapassar o impasse relativamente à homologação definitiva da declaração do cessar-fogo.

“É uma linha que precisamos de aprofundar melhor. A garantia é de que isso possa confortar os moçambicanos. É preciso evitarmos riscos de amanhã chegarmos à conclusão que estamos perante documentos que não foram assinados pelas entidades a quem compete fazer as assinaturas”, disse Pacheco, enfatizando o seu cepticismo em relação a proposta da Renamo.

“Não há dúvidas que o ideal seria um acto público dado a solenidade que este processo tem, um acto público em que todos publicamente assinavam e trocavam os documentos em mão, e é prático. Se existe alguma dificuldade de se fazer este acto público, nós como Governo vamos continuar a aprofundar”.

Por sua vez, o chefe da delegação da Renamo, Saimone Macuiane, disse que recebeu ordens de Afonso Dhlakama para que, uma vez alcançado o consenso, o representante da “Perdiz” em sede do diálogo político pode assinar o documento final em nome do líder desta formação política.

“Enquanto não houver cessar-fogo, não há condições objectivas para o presidente Afonso Dhlakama saia para Maputo ou qualquer outro sítio, e nós queremos que isso aconteça para que tanto como a Renamo como outros moçambicanos possam andar em liberdade em qualquer espaço do território nacional, esse é o nosso propósito”.

Dhlakama está a espera do cessar-fogo para sair das matas

Mesmo depois da aprovação e entrada em vigor da Lei de Amnistia, o líder da Renamo ainda não sente que o ambiente esteja confortável para que ele saia das matas onde se encontra escondido desde Outubro passado.

Embora não possa ser preso, no âmbito da amnistia, Dhlakama receia que o Governo possa criar mecanismos de o abater. Assim, como forma de se precaver o mesmo afirma de forma reiterada que a sua saída das matas só terá lugar depois de se declarar o cessar-fogo no país.

Refira-se que a campanha eleitoral para as próximas eleições terá início no proximodía 29 de Agosto.

E a este propósito, questionado pelo semanário Canal de Moçambique sobre quando estaria na rua a fazer campanha respobdeu: Eu não sei. Tudo vai depender. Logo que assinarmos o acordo de cessarmos fogo. Se eu sair amanhã ou depois, qualquer um malandro mandatado por alguém que eu não conheço pode disparar e depois dizer que não matou Dhlakama, e isso assuta o povo e os investidores. Quero sair quando houver já garantias de cessar-fogo e pudermos andar.

Solto, Muchanga quer reposição da sua imunidade

Entretanto, na sequência da entrada em vigor da lei de Amnistia, o porta-voz do líder da Renamo, António Muchanga, foi restituído à liberdade esta terça-feira (19). Já no dia seguinte, naquele que foi a sua primeira aparição pública depois da saída dos calabouços o quadro da Renamo deu a conhecer a sua intenção de ter reposta a imunidade que lhe foi retirada. Para este efeito, Muchanga, o apresentou a sua guia de soltura à Presidência da República.

Ao apresentar a guia de soltura, o quadro senior da Renamo e candidato a deputado na próxima legislatura pretende que o Chefe do Estado, António Muchanga, convoque um encontro dos seus conselheiros de modo a se repor a sua imunidade quebrada, uma vez que o

processo que fez que o tivesse retirado já encontra-se extinto.

Muchanga disse também que é necessário que haja um Conselho de Estado de sábios e não de ímpios, à semelhança do que aconteceu no dia 07 de Julho.

42 dias de reclusão

Desde a detenção até à soltura de Muchanga passaram 42 dias. No seu primeiro contacto com a imprensa depois de sair da Cadeia de Máxima Segurança, o porta-voz do líder da Renamo, ligeiramente abatido, disse que não estava arrependido do que falou, pois com suas palavras pretendia alertar o povo para se precaver.

O porta-voz do líder da Renamo foi detido no recinto da Presidência da República, no dia 7 de Julho, e conduzido à esquadra localizada no porto de Maputo, acusado de incitação à violência por proferir publicamente “discursos incendiários”.

Durante o tempo em que esteve preso, ele disse ter tido dois tipos de tratamento, o primeiro foi um “mau tratamento” protagonizado pela polícia que o deteve no espaço da Presidência da República.

“Lamentavelmente o porta-voz do Governo mentiu para o povo moçambicano ao dizer que eu fui preso no Xénon. Depois da minha prisão não passei do Xénon. Fui pela avenida Marginal”, explicou.

Já o segundo tratamento foi na cadeia. “Na esquadra, tive o tratamento de qualquer réu que entra na esquadra: fiquei proibido de ver televisão, notícias e tudo, mas quando passei para a cadeia a situação mudou. Estive na sela do Carlitos Rachide, pavilhão 6 lateral 2, onde também estive o meu colega Jerónimo Malaguetta”, disse para depois acrescentar que “suportei as consequências de uma prisão, fiquei 30 dias fechado e com direito de banho solar durante 1 hora por dia, alegadamente porque o regulamento que anda na BO é esse”.

À imprensa Muchanga disse estar preparado para assumir nas consequências de tudo, desde que isso seja em nome do povo moçambicano. “As comunicações que eu fiz aqui, no dia 02 de Maio e dois de Junho, visavam fundamentalmente alertar o povo para se precaver”, recordou.

“Aqueles que queriam ver o presidente Dhlakama isolado, segundo o que andavam a gritar, criaram condições para eu ficar preso, mas continuo o mesmo António Muchanga, e preferi fazer esta conferência de imprensa para dizer que continuo o porta-voz do presidente da Renamo e, sempre que houver necessidade de me comunicar com o povo poderei me comunicar”, frisou.

Ainda não foram todos amnistiados

António Muchanga foi solto na sequência da entrada em vigor da lei de amnistia. No entanto, até esta quarta-feira (20) ainda não haviam sido soltos outros cidadãos abrangidos por esta legislação. Os 21 membros da Renamo presos nas celas do Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique (PRM), em Nampula, indiciados de promoverem desmandos na localidade de Napome, distrito de Nampula-Rapale. Dentre os detidos, figuram José Cadeira, delegado político da Renamo, em Namaita, e um antigo comandante daquele movimento político, radicado em Mutivaze.

A Lei de Amnistia foi aprovada pela Assembleia da República, no dia 12 do mês, como resultado dos consensos alcançados na mesa de diálogo político entre o Governo e a Renamo. A mesma concede perdão aos cidadãos que tenham cometido crimes contra pessoas, propriedade ou contra a segurança do Estado durante a recente Guerra em Moçambique e que estejam previstos e punidos pela lei.

A lei abrange o período que vai desde Março de 2012 até à data da promulgação. A Lei de Amnistia aplica-se também autores de crimes previsto nesta lei ocorridos no distrito de Dondo, posto administrativo de Savane, em 2002, no distrito de Cheringoma em 2004 e no distrito de Maríngue em 2011. Esta lei foi promulgada na semana passada e publicada esta segunda-feira no Boletim da República.

O pior surto de sempre do vírus do ébola

Em Maio deste ano, a enfermeira Messie Konneh começou a ter os primeiros sintomas do vírus ébola: febre, dores no corpo, vômitos. Ela havia tratado uma pessoa que tinha vindo de Kailahun contaminada. Poucos dias depois, Messie morreu.

Texto: jornal Folha de São Paulo/Agências • Foto: Reuters

A enfermeira era muito querida na sua vila, Daru, e muita gente foi ao enterro. Seguindo o ritual tradicional, lavaram o corpo com água quente e sabão, vestiram-na e a embrulharam-na em panos brancos antes de enterrá-la (não usam caixões).

Os cadáveres são altamente contagiosos - o vírus ébola sobrevive vários dias no corpo. O assistente de rádio, Mohammed Sharif, de 40 anos de idade, participou no enterro. Pouco tempo depois, Sharif também teve os mesmos sintomas. Mas resolveu não ir para o hospital. “Ele ligou-me e disse que estava com muita febre, a passar mal; achava que era malária”, contou Tanga à Folha Sheku, um dos melhores amigos de Sharif. “Ele disse que não ia para o hospital porque todo o mundo que entra lá morre”, disse Tanga, que trabalha numa rádio em Kenema, o epicentro da epidemia do ébola na Serra Leoa.

O país da África Ocidental é um dos mais afectados pela epidemia, com 348 mortes. O ébola já matou 1.145 pessoas em quatro países da região - Serra Leoa, Nigéria, Guiné Conacri e Libéria.

Sharif morreu em casa e contaminou a sua mulher e o seu filho de um ano, que também morreram. A sua outra esposa, que morava noutra casa, sobreviveu. O seu amigo Tanga não foi ao enterro. Ele nunca mais foi para Daru e não deixa a sua mulher e o filho saírem de casa em Kenema.

Os especialistas afirmam que a epidemia está amplamente subestimada. A maioria das pessoas tem medo de hospitais e mantém os doentes em casa, aumentando a contaminação. O contágio dá-se através de fluidos - contacto com saliva, sangue, vômito, suor ou objectos que tenham sido tocados.

“O número de casos deve ser muito maior, não por manipulação de dados, mas porque as pessoas estão com medo e não vão para o hospital; a situação não está sob controlo”, disse Jacob Mufunda, representante da OMS na Serra Leoa.

A maioria dos infectados é composta por médicos e enfermeiros que tiveram contacto com pacientes. Sheik Umar Khan, o principal especialista no ébola no país, que tratou mais de 100 pacientes e era um herói nacional, morreu da doença no fim de Julho. Modupeh Cole, que substituiu Khan na coordenação do combate à doença, também foi contaminado e morreu na semana passada.

Um médico americano que trabalhava na Libéria foi contaminado e está a ser tratado com uma droga nova, a Zmapp.

Fora de Controlo

“A epidemia na Guiné Conacri está relativamente estabilizada, mas na Serra Leoa e na Libéria está totalmente fora de controlo”, disse Joanne Liu, presidente internacional da organização Médicos sem Fronteiras, que mantém um hospital de ébola em Kailahun e tem 384 membros a trabalhar em todo o país.



“É um cenário totalmente diferente de outras epidemias do ébola; a epidemia não está isolada em algumas vilas, está a alastrar-se para as cidades”.

O Governo decretou o estado de emergência e impôs uma série de medidas para deter a epidemia. Todos os bares, restaurantes e cinemas têm de fechar as portas às 19h. O Governo impôs uma regra que proíbe o aperto de mão e orienta todos a usarem vestuário de manga comprida.

Muitos agora cumprimentam-se com o cotovelo. Em todos os estabelecimentos, as pessoas lavam as mãos em água sanitária (água com cloro) em baldes na entrada. Na chegada e saída no aeroporto, todos os passageiros têm a temperatura medida e preenchem um formulário médico.

A British Airways e a Kenya Airways são algumas das companhias aéreas que suspenderam voos para o país. Empresas estrangeiras e embaixadas estão a evacuar os seus funcionários.

Os okada, mototaxis usados por boa parte da população, só podem circular das 7h às 19h. Dez motoristas de okada foram contaminados ao transportar pacientes do ébola sem saberem.

O radialista Tanga, que adorava comer cozido de porco-espinho e folhas de casava (mandioca) que a sua mulher fazia, deixou de degustar o prato. A carne de caça pode ser um dos meios de contágio.

Um dos principais passatempos neste país, que está entre os mais pobres do mundo e passou por anos de guerra civil, era assistir aos jogos do campeonato inglês de futebol nos cinemas, pagando uma entrada de 1.000 leones (cerca de 100 meticais). Estão todos fechados. Em Kenema e Kailahun, locais mais afectados, as escolas estão fechadas para férias e não irão reabrir.

Mas é difícil implementar medidas de contenção de epidemia neste país, que tem o quinto pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do mundo. Kenema e Kailahun estão isolados por um cordão sanitário para que o ébola não se



alastre pelo resto do país, embora isso já esteja

a acontecer. Em tese, ninguém sai nem entra: há checkpoints na estrada para medir a temperatura das pessoas e só circula quem tiver um passe emitido pelo Ministério da Saúde.

Mas, na sexta-feira (15) à noite, os repórteres da Folha, acompanhados do motorista, que é leonês, entraram no distrito isolado sem apresentar todos os passes ou ter a sua temperatura medida. Os polícias insinuaram apenas que queriam suborno.

No prédio onde o médico Cole morava em Freetown foi imposta uma quarentena para todos que tiveram contacto com ele. Mas, no fim da tarde da última quinta, o bloqueio resumia-se a dois polícias do outro lado da rua, que lanchavam e conversavam.

No hospital público de Kenema, um dos principais centros de tratamento de ébola, os pacientes chegam para triagem e circulam livremente, entrando em contacto com outras pessoas.

“Só Deus pode salvar-nos desta doença, olha quanta gente aí fora, imagine se alguém estiver contaminado”, disse Joseph Koroma, que trabalha numa empresa de telefonia do país, apontando para um mercado de rua.

O CDC (Centro de Controlo e Prevenção de Doenças) dos EUA enviou equipas de especialistas para Libéria, Serra Leoa e Guiné Conacri. Faz parte do grupo o especialista T. G. Ksiazek, que já actuou em mais de dez epidemias do ébola, a primeira em Kikwit. “Esta epidemia espalhou-se muito rapidamente e está a durar muito mais tempo que as outras; é muito preocupante e não conseguimos deter o contágio”, afirmou.

Ébola mata famílias inteiras



pital de Kenema este ano, 204 morreram. Além disso, 15 médicos e enfermeiras morreram ao cuidar dos pacientes. Entre eles, Sheik Umar Khan, o principal especialista no ébola do país, que tratou mais de 100 doentes e tornou-se herói nacional.

Faixas com a sua foto estão por toda parte no hospital de Kenema. “O vírus do ébola não perdoa”, diz o chefe médico do distrito de Kenema, Mohamed Vandí.

Faz uma semana que Alhassan Kemokai, 34, saiu da ala de segurança máxima do hospital de Kenema. Ele contraiu o ébola, mas sobreviveu.

Entre 60% e 65% das pessoas infectadas pelo vírus acabam por morrerdo. Não há vacina, nem tratamento específico, só paliativo.

Para aqueles poucos sortudos que sobrevivem, a vida não é fácil. Kemokai não sabe se ainda tem emprego na ONG de desenvolvimento agrícola em que

trabalhava. Ele tem um certificado do hospital de Kenema atestando que está livre do vírus ébola. Mas seus chefes estão com medo.

Ele contraiu o ébola da mãe, que trabalhava na ala de fisioterapia de uma clínica. Quando ela adoeceu, ele foi visitá-la.

A mãe estava muito fraca, ele lhe deu a mão e a ajudou a levantar. “Eu até desconfiei que fosse ébola, mas não se pode negar a mão à sua mãe”, contou. A sua irmã mais nova, o seu sobrinho de dez meses, os seus irmãos e uma prima ficaram doentes. O sobrinho e a prima morreram.

Três dias depois da morte da mãe, Kemokai começou a ter febre e dor de cabeça. Tomou paracetamol e não adiantou. À noite, começou a ter diarreia. Foi para o hospital. “Andei 2,5 km. Não podia apanhar o autocarro porque sabia que era o ébola e ia acabar passando para alguém”, contou.

Foram 14 dias na área de isolamento do hospital. Tinha febre alta, muita diarreia e vomitou quatro dias seguidos. Viu muitas pessoas morrerem ao seu redor. “Fui a casa de banho e, quando voltei, o meu vizinho de cama, que era técnico hospitalar, estava morto ao meu lado”, conta.

No dia em que recebeu alta, quatro pessoas morreram. Deixou no hospital as suas roupas, o seu celular e os seus sapato. Foi tudo queimado.

Mas apesar de ter o seu certificado de alta, o estigma é muito grande.

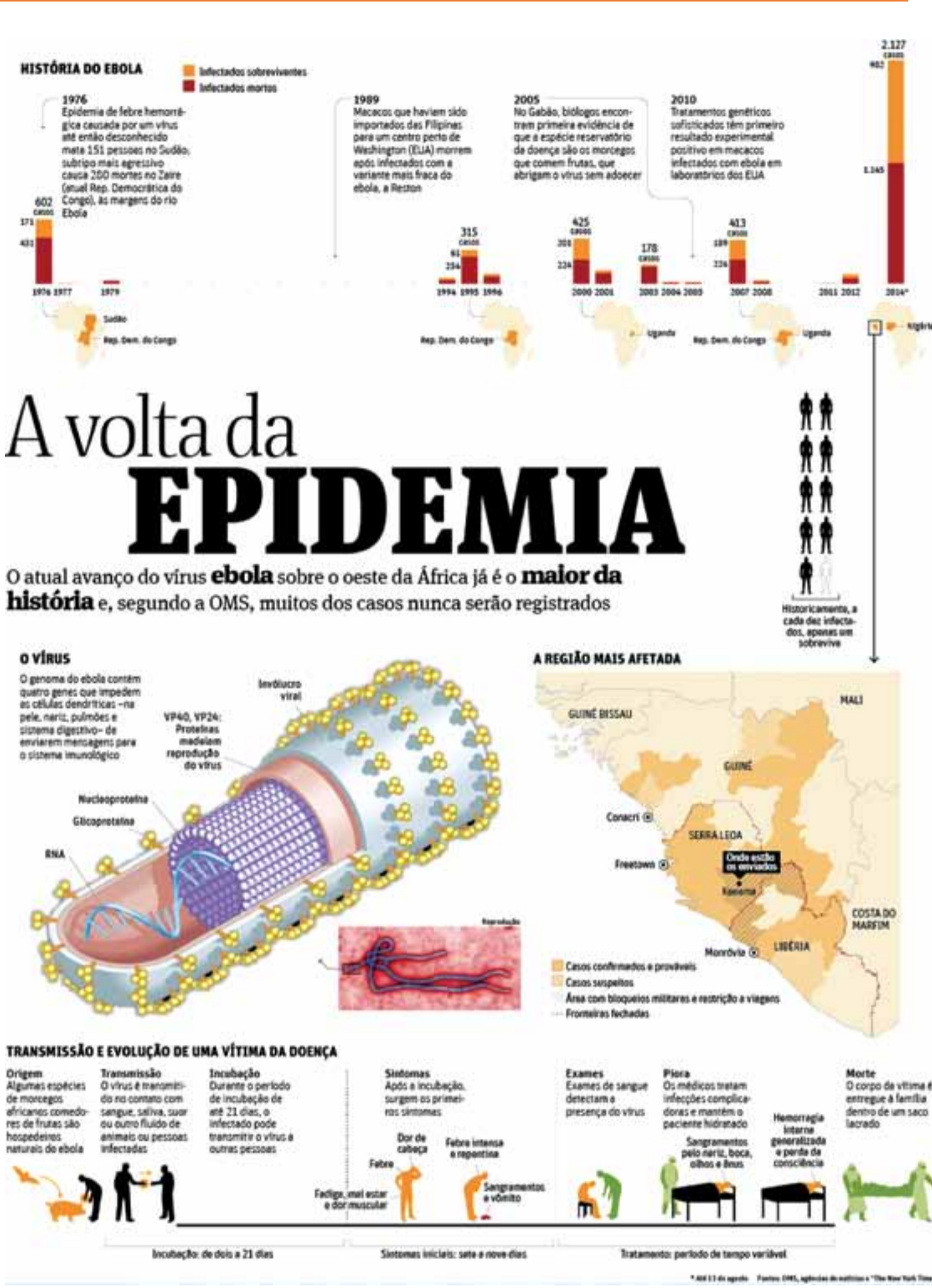
A sua mulher não encosta nele. “Ela põe o copo d’água em cima da mesa, para não chegar nem perto”. Ninguém no bairro em que vive aproxima-se dele.

Família dizimada

Erison Musa Turay, de 24 anos, perdeu a família toda para o ébola. A irmã veio doente de um vilarejo em Kailahun. Infectou a mãe, o pai, cinco irmãos, quatro irmãos. Todos os 12 morreram.

Hoje, Turay vive sozinho numa dependência alugada. Vende roupas no mercado. Ganha cerca de 1.500 Meticais por mês. “Eu não sei de onde vem esta doença. Só sei que minha vida agora é má. Eu choro muito”, disse. Ele passou 28 dias no hospital.

Dos 352 pacientes com ébola admitidos no hos-



Cinco doentes tiveram alta na Nigéria

A Nigéria parece vencer a guerra contra a Doença do Vírus do ébola com quatro pacientes saídos do hospital depois de terem sido declarados tratados da doença e um único novo caso confirmado desde o último balanço da Organização Mundial da Saúde (OMS) a 13 de Agosto corrente.

O ministro nigeriano da Saúde, Onyebuchi Chukwu, indicou que os pacientes dispensados, que, excepto um, estiveram em contacto com o Liberiano Patrick Sawyer, que introduziu a doença na Nigéria, foram doravante declarados livres do vírus.

Chukwu afirmou que três dos pacientes – dois médicos e uma enfermeira – participaram no tratamento do primeiro caso, o de Patrick Sawyer, enquanto a quarta paciente era uma doente no “First Consultant Hospital” na capital económica, Lagos, numa altura em que o Liberiano esteve internado nele.

No fim de semana passado, um outro paciente teve alta do hospital depois de um tratamento realizado com êxito, o que eleva para cinco o número de pacientes que sobreviveram ao vírus do ébola.

Desde a última actualização da OMS, a 13 de Agosto último, apenas um caso confirmado e dois casos suspeitos foram registados na Nigéria, elevando o número total de casos no país para 15 (12 confirmados e três suspeitos), segundo as últimas cifras da organização sanitária internacional publicadas esta terça-feira.

A Nigéria registou até agora quatro mortes, incluindo a de Patrick Sawyer, e tomou medidas rigorosas para conter a propagação da doença desde 20 de Julho último, data em que o paciente liberiano chegou à Nigéria com os sintomas da doença, tendo morrido cinco dias mais tarde.

Quase 200 pessoas que tiveram contactos primários ou secundários com o primeiro caso foram colocados sob vigilância e pelo menos 61 delas foram despidistas negativas, segundo o Governo do Estado de Lagos, que instalou um centro de isolamento na capital económica nigeriana.

“Todos os pacientes sob tratamento foram instalados neste centro com capacidade de 40 camas. Equipamentos suplementares foram igualmente instalados neste novo centro de isolamento pelo Governo Federal”, anunciou o ministro da Saúde.

Um centro para as operações de emergência foi igualmente reaberto em Lagos para lidar com a doença do vírus do ébola. Estas medidas rápidas permitiram controlar a propagação da doença, mas não impediu a população de entrar em pânico.

Polícia da Libéria dispersa protesto contra quarentena pelo ébola

A polícia de Monróvia, capital da Libéria, disparou gás lacrimogénico, na quarta-feira (20), para dispersar uma multidão com pedras nas mãos que tentava sair de um bairro colocado sob quarentena por causa do vírus do ébola, dissera testemunhas.

A presidente da Libéria, Ellen Johnson-Sirleaf, declarou na terça-feira recolher obrigatório no país a partir das 21h até às 6h, para ajudar no combater da expansão do ébola no país mais afetado pelo vírus, onde já morreram desde o início do surto, em março, 466 pessoas.

As autoridades locais colocaram sob quarentena os populosos bairros de West Point, na capital, Monróvia, e Dolo Town, no condado de Margibi, a uma hora da capital.

Não houve relatos de feridos no confronto, o qual, segundo testemunhas, começou depois de as forças de segurança terem bloqueado vias de sai-

da do bairro no início da quarta-feira, utilizando mesas, cadeiras e arame farpado.

Os residentes de West Point disseram não ter recebido alertas do bloqueio, o que os impediu de ir ao trabalho ou comprar comida. “Vimos o bloqueio apenas esta manhã. Saímos e não podíamos ir a lugar nenhum. Eu não ouvi de nenhuma autoridade o que aconteceu”, disse Alpha Barry, de 45 anos, que trabalha numa casa de câmbio.

“Eu não tenho nenhuma comida e estamos com medo”, disse Barry, que disse ser de Guiné e ter quatro filhos menores de 13 anos.

Uma multidão em West Point invadiu um centro temporário que abrigava pessoas com suspeita do ébola no fim de semana, e 17 pacientes fugiram. Todos eles foram recuperados e estão a ser tratados noutra centro, segundo o governo.

Cientistas descobrem como o vírus ébola afecta sistema de imunológico

Uma proteína do vírus ébola afecta o sistema natural de defesa das células e abre a caminho para a infecção da doença mortal, informou na semana passada a revista “Cell Host & Microbe” com base num estudo científico.

“Durante muito tempo soubemos que a infecção com o vírus ébola obstrui uma importante molécula de imunidade chamada interferona”, assinalou Gaya Amarasinghe, da Escola de Medicina da Universidade Washington.

“Agora que conhecemos como o vírus do ébola impede a resposta imunológica, podemos orientar o desenvolvimento de novos tratamentos”, acrescentou a cientista sobre a pesquisa, realizada em parceria entre a Escola Icahn de Medicina em Mount Sinai, em Nova York, e o Centro Médico Sudoeste da Universidade do Texas.

A doença, antes conhecida como febre hemorrágica ébola, é um mal grave, com uma taxa de mortalidade de 90 %.

Os pesquisadores identificaram a proteína citada como VP24 e assinaram que a mesma opera impedindo que a transcrição do factor STAT1, o portador da mensagem antiviral da interferona, chegue ao núcleo da célula e inicie a resposta de imunidade.

Essa transcrição ocorre por via de um subconjunto de transportadores nucleares conhecidos como carioferinas alfa (KPNA, na sigla em inglês).

MISAU assegura inexistência do ébola e prepara-se para travar a eclosão

O Ministério da Saúde (MISAU) assevera que em Moçambique ainda não foi detectado nenhum caso do ébola e recebe várias pessoas provenientes de alguns países da África Ocidental, afectadas pelo vírus e que desembarcaram no Aeroporto Internacional de Mavalane, mas dezenas delas estão a ser seguidas com vista a controlar eventuais surtos da enfermidade.

Os responsáveis do MISAU, do Instituto Nacional de Saúde e do Hospital Central de Maputo asseguraram, há dias, em Maputo, não haver nenhum caso do ébola nem pacientes suspeitos de ter contraído o vírus da mesma doença.

Alexandre Manguela, ministro da Saúde, confirmou que os profissionais de saúde entrevistaram as referidas, identificaram os seus locais de residências e contactos. Aos mesmos indivíduos foram dadas informações dos sinais e sintomas da doença, devendo comunicar às autoridades logo que sentirem algo de anormal nos seus organismos.

Neste contexto, as autoridades de saúde elaboraram um plano de prontidão e resposta, que consiste na colocação de postos de vigilância epidemiológica nos pontos de entrada ao território moçambicano, nomeadamente aeroportos e fronteiras. E há condições de isolamento de pessoas suspeitas de estarem infectadas e disponibilização de equipamento de protecção para profissionais de saúde. Estas medidas seguem as normas emanadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Por sua vez, o diretor nacional de Saúde Pública, Francisco Mbofana, disse, num seminário, que Moçambique é um país com baixo risco de eclosão de ébola mas esta situação não deve levar à minimização da

Viver à sombra de desastres naturais no Nepal

A pequena localidade de Jure, a 60 quilómetros de Katmandu, converteu-se num trágico exemplo de como as comunidades rurais mais pobres do Nepal são as primeiras vítimas e as que mais sofrem dos desastres naturais. No dia 2 deste mês, uma ladeira de quase dois quilómetros de comprimento, que se eleva a 1.350 metros sobre o rio Sunkoshi, desmoronou arrasando cerca de 100 casas e deixando 155 pessoas mortas na pequena localidade de dois mil habitantes, no distrito ocidental de Sindhupalchowk.

Texto: Naresh Newar - Envolverde/IPS • Foto: Reuters



A Sociedade da Cruz Vermelha do Nepal, a maior agência humanitária do país, informou que o número de mortes deixado por este episódio coloca-o entre os piores da história do país, com especial propensão para as catástrofes naturais. Diante do temor de que um lago artificial, criado para bloquear o rio, transborde e inunde os povoados vizinhos, especialistas pedem que haja urgência por parte do Governo no sentido de considerar seriamente a identificação das zonas de perigo em todo o país e integrar a gestão de desastres naturais no plano nacional de desenvolvimento económico.

Uma iniciativa desse tipo marcaria a diferença entre a vida e a morte para as comunidades mais pobres do Nepal, frequentemente obrigadas a assentarem-se nas zonas mais vulneráveis. Os mais desfavorecidos sofrem as piores consequências.

As empinadas ladeiras, as activas zonas sísmicas, as chuvas de monções entre Julho e Setembro e a topografia montanhosa convertem o Nepal num dos lugares mais propensos à ocorrência de desastres, segundo o Banco Mundial. Mais de 80% dos 27,8 milhões dos habitantes do país vivem em zonas rurais, e um quarto deles subsiste com menos de 1,25 dólar norte-americano por dia.

Os mais pobres, que dependem em grande parte da agricultura, costumam viver em áreas escarpadas sob o constante medo de deslizamentos de terra, ou em zonas alagáveis, e virtualmente não têm recursos para recuperarem após uma calamidade derivada de alterações climáticas, segundo um informe do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

O Consórcio para a Redução do Risco de Desastres do Nepal, que reúne organizações locais e internacionais que trabalham com o Governo, promove há tempos a incorporação de medidas paliativas nos planos de redução da pobreza para melhorar a vida dos sectores mais vulneráveis e “minimizar o impacto dos desastres”, explicou Moira Reddick, coordenadora do grupo.

“A maioria das vítimas de desastres naturais quase sempre é das comunidades mais pobres e o trágico acidente em Jure nada mais é do

que uma recordação disso”, afirmou à IPS Pitamber Aryal, director nacional do Programa Integral de Gestão do Risco de Desastres das Nações Unidas no Nepal.

Nas últimas três décadas, os deslizamentos de terra deixaram 4.511 vítimas e arrasaram 18.414 moradias, resultando num saldo de 555 mil atingidos, segundo dados oficiais. Com pouca ajuda do Governo, a sociedade civil tem dificuldades em oferecer a ajuda necessária às populações afectadas.

Dinanath Sharma, coordenador de redução do risco de desastres da organização não-governamental Practical Action, explicou à IPS que a sua organização fez várias tentativas para reassentar comunidades, mas os seus esforços foram em vão por falta de um plano global que garanta uma moradia segura e um sustento decente. “Não iremos a lugar nenhum se o Governo não encontrar um lugar com terra fértil e bom para viver”, disse à IPS um agricultor muçulmano do afastado povoado de Habrawa, no distrito de Banke, 600 quilómetros a sudoeste de Katmandu e cuja capital é Nepalgunj.

A mesma reclamação repete-se em várias áreas do Nepal, especialmente entre os que vivem nas margens do rio Rapti, um dos maiores do país e responsável por muitas inundações na última década. Os transbordamentos fluviais afectaram mais de 3,6 milhões de pessoas nos últimos dez anos, segundo o Informe Nacional de Desastre de 2013, mas os moradores locais regressam por causa das suas terras férteis e da água, com as quais mal conseguem ganhar a vida.

O Ministério de Assuntos Internos indica que as inundações e os deslizamentos de terra causam cerca de 300 mortes por ano e os prejuízos económicos chegam a três milhões de dólares norte-americanos, o que agrava a já precária situação em que se encontra o Nepal, onde cerca de 3,5 milhões de pessoas carecem de segurança alimentar, segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a

Agricultura (FAO).

Para as pessoas familiarizadas com as vulnerabilidades do Nepal, a falta de disposição do Governo com vista a criar um programa de gestão do risco de desastres é incompreensível. Por exemplo, o Centro Internacional para o Desenvolvimento Integrado das Montanhas estudou e analisou o frágil ecossistema de uma vasta zona do Himalaia há 30 anos.

Uma das suas observações incluiu a vulnerabilidade do vale do Sunkoshi a problemas causados pela água devido à frágil formação geológica e à abrupta topografia, que piora com as frequentes e copiosas chuvas. A falta de um monitoramento adequado e de um sistema de alerta derivou numa tragédia no dia 2 deste mês, o que poderia ter sido evitado facilmente, segundo especialistas.

Como resposta, o Governo criou uma comissão de alto nível para procurar soluções com vista à preparação de condições tendo em conta os desastres no longo prazo, informaram funcionários. “Actualmente há uma forte discussão sobre como reduzir a vulnerabilidade das comunidades pobres e a única forma de fazer isso é reassentando-as com um programa económico integral”, declarou à IPS o director-geral do Departamento de Hidrologia e Meteorologia, Rishi Ram Sharma.

Para garantir a segurança das populações rurais, o Governo deve realizar estudos geológicos intensos para fazer um mapa com as zonas mais perigosas, o que também poderia ajudar a identificar os lugares seguros para reassentar aldeias inteiras, explicou Sharma, que dirige a Comissão para a Preparação de Desastres.

Trabalhadores humanitários disseram à IPS que a resposta de emergência do Governo, com a participação da Polícia e do Exército sob supervisão do Ministério do Interior, foi eficiente, mas os funcionários têm problemas para chegar a povoados de difícil acesso devido ao terreno escarpado e às fortes chuvas.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

NEGLIGENCIA

A verdade em cada palavra.

SMS: 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt) Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ facebook: JornalVerdade



O Jornal mais lido em Moçambique.

Mundo

Guido, o neto por DNA de todos os argentinos

A recuperação do “neto 114”, de filhos de desaparecidos durante a ditadura militar na Argentina, causou uma comoção colectiva que muitos compararam à disputa da final do Campeonato do Mundo de futebol realizada há um mês. Uma compensação histórica para a ferida que atravessou 30 anos de democracia e que começa a sarar.

Texto: Fabiana Frayssinet - Envolverde/IPS • Foto: Reuters

“Sem palavras”, “emoção”, “alegria”, foram algumas expressões repetidas nas redes sociais que chegaram a um recorde de partilhas no dia 5 de Agosto, quando foi anunciada a recuperação do neto da presidente e fundadora da organização Avós da Praça de Maio, Estela de Carlotto.

Um “sem palavras” incapaz de definir uma sensação maioritária, embora não unânime, reflectida em todos os meios de comunicação, sem distinção ideológica. “A luta incansável pela busca do sangue nunca pode ser discutida, é tão natural, tão lógica, tão correcta que ninguém pode permanecer indiferente a isso”, disse à IPS a advogada Marta Eugenia Fernández, da Universidade de Buenos Aires.

A Avós da Praça de Maio procura, desde 1977, as crianças nascidas no cativeiro, ou sequestradas com os seus pais, durante o regime militar (1976-1983), que deixou 30 mil mortos e desaparecidos, segundo organizações humanitárias. A busca de Carlotto pelo seu neto durou 36 anos, a idade que tem hoje “Guido”, como a sua mãe queria que se chamasse, ou Ignacio Hurban, como foi registado pelos pais que o criaram em Olavarría, a 350 quilómetros de Buenos Aires, aparentemente desconhecendo a sua origem.

Guido, pianista, compositor e arranjador, fez um teste genético porque tinha dúvidas sobre a sua identidade e o resultado foi 99,9% positivo. A sua mãe, Laura Carlotto, militante do desaparecido grupo guerrilheiro Montoneros, deu à luz durante a sua prisão clandestina, no Hospital Militar, a 26 de Junho de 1978, e dois meses depois foi assassinada, como milhares, numa das mais cruéis ditaduras da América Latina.

O pai, Oscar Walmir Montoya, músico como o filho, marido e companheiro de militância de Laura, também foi executado pouco depois da detenção de ambos, em Novembro de 1977. “Laura Carlotto e Oscar Montoya não voltarão à vida. O dano é infinito e irreparável. A recuperação do filho de ambos é uma reparação imensa para esse dano infinito”, opinou o jornalista Luis Bruschtein no jornal Página 12.

“A notícia do reencontro do neto de uma avó símbolo dessa luta é tão cinematográfica como ver Lionel Messi (astro argentino do fute-



bol) a marcar um golo aos 44 minutos do segundo tempo”, afirmou Fernández. Quase um mês depois do término do “Mundial”, quando a Argentina perdeu o título diante da Alemanha, no dia 13 de Julho, outros protagonistas daquela paixão nacional recorreram a essa metáfora.

“Não é só o futebol que pode unir-nos”, disse o ex-jogador Diego Armando Maradona. Por sua vez, Messi pediu que se continue a lutar porque “restam muitos mais” netos a serem recuperados. Segundo as Avós da Praça de Maio, cerca de outras 400 crianças sequestradas durante a ditadura militar ainda estão desaparecidas. Antes do “Mundial”, Messi e outros jogadores da selecção argentina apoiaram essa causa com um vídeo que venceu fronteiras.

Mas a sociedade continua dividida, 30 anos depois da restauração da democracia e da publicação, em 1984, do informe Nunca Mais, elaborado pela Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas, perpetrada por militares durante a repressão ilegal. Não é difícil ouvir nas ruas argumentos como o que apresentou à IPS a aposentada Edith Gómez, que falou das crianças sequestradas como os “filhos dos subversivos” e, como argumentam outros, considera que foi “melhor terem sido criados por gente de bem”.

Mas isso está a mudar, segundo a psicanalista Viviana Parajón, graças à adopção, na última década, dos “direitos humanos como política de Estado”. Ela considera que as novas gerações, que nem sequer foram protagonistas ou vítimas directas da ditadura, estão a incorporar conceitos como o repúdio aos crimes de lesa-humanidade.

A especialista refere-se a medidas como a criação do Dia Nacional da Memória pela Verdade e pela Justiça, em 24 de Março, quando se produziu o golpe militar, aprovado pelo Congresso em 2002 e que em 2005 foi declarado feriado pelo então Presidente Néstor Kirchner (2003-2007). Também foi incorporada no currículo escolar a questão da memória da ditadura e de outros genocídios.

“Até há alguns anos, a questão dos desaparecidos era defendida por um sector muito pequeno da sociedade, o resto tinha posturas que iam desde a indiferença até a teoria dos dois demónios”, explicou Parajón à IPS. Assim é conhecida na Argentina a tese que justifica que os abusos contra os direitos humanos cometidos pelo Estado durante a ditadura foram equiparáveis – e responderam – à violência armada das organizações guerrilheiras.

“O nefasto e horroroso é que o fizeram transcender e aniquilaram não só aquela geração mas

várias outras”, observou Parajón, para quem, neste sentido, a recuperação de Guido tem um efeito de “cura” social. “É como um neto de todos, uma reparação desse horror”, destacou.

Para Fernández, este caso “desperta-nos da letargia, sacode-nos a fibra mais íntima porque, pessoalmente, todos somos filhos, pais ou avós, e no social compartilhamos uma mesma história, e isso, como o sangue ou o DNA, não se apaga, permanece ali latente até que um facto surpreendente nos coloca diante dessa identidade comum, que tampouco pode ser discutida ou arrebatada”.

A psicóloga e jornalista Liliana Helder afirmou na Televisión Pública Argentina que após outros genocídios históricos, como dos judeus e arménios, há estudos que mostram que “duas ou três gerações depois vivem as consequências daquilo que ficou inconcluso. O aparecimento de cada neto é um pouco de bálsamo na ferida”, ressaltou.

Mas uma história como a de Carlotto e Guido, que termina como o final feliz de um filme, no qual a avó de 83 anos finalmente pode abraçar o neto arrebatado antes de morrer, nada melhor do que deixar o protagonista explicar.

“Se apedrejando o poeta acredita-se matar a memória, que mais resta a esta terra que vai perdendo a sua história?”, diz na sua composição Para a Memória o até agora Ignacio Hurban, que noutro roteiro cinematográfico, há dois anos, participou no ciclo Música Pela Identidade, organizado pela Avós da Praça de Maio.

“O exercício de não esquecer dar-nos-á a possibilidade de não repetir”, diz outra estrofe da canção do agora Guido Montoya Carlotto, composta quando ainda desconhecia a sua verdadeira identidade e antes de passar a simbolizar a recuperação da identidade do seu país.

Michael Brown foi morto com seis tiros e agora Ferguson só descansa com “justiça”

Resultados de duas autópsias não avançam se o jovem foi baleado à queima-roupa, mas revelam que não foi alvejado pelas costas. Governador chama a Guarda Nacional para “repor a ordem e a paz” na pequena cidade do Estado norte-americano do Missouri.

Texto: jornal Público de Lisboa

Pelo menos seis tiros, todos disparados pela frente, dois deles na cabeça. Os resultados de duas autópsias ao corpo do jovem negro Michael Brown, baleado por um polícia branco na pequena cidade de Ferguson, no estado norte-americano do Missouri, não contam a história toda sobre o que se passou naquele início de tarde de 9 de Agosto, mas vêm dar mais força à acusação de que as autoridades actuaram de forma desproporcionada – e à ideia de que a violência nas ruas dificilmente será travada sem que o agente apontado como responsável seja detido e julgado.

É essa a convicção de Lesley McSpadden, mãe de Michael Brown, entrevistada no programa Good Morning America, da estação ABC. Questionada sobre de que forma a cidade de Ferguson poderá sair do centro das atenções do país, McSpadden não hesitou: “Com justiça. Com a detenção deste homem e responsabilizando-o pelas suas acções.”

Este homem a que Lesley McSpadden se refere é Darren Wilson, o polícia de 28 anos que baleou Michael Brown, de 18 anos.

As autoridades locais ainda não divulgaram os resultados da investigação ao que aconteceu no dia 9 de Agosto (a polícia diz que Brown tentou agredir o agente; duas testemunhas dizem que o jovem não foi violento e que estava em fuga quando foi atingido), mas a ausência de explicações por parte da polícia deu origem a uma onda de protestos e confrontos que deixou a cidade à beira do caos.

E os resultados de duas autópsias ao corpo de Michael Brown, revelados nesta segunda-feira, deverão alimentar ainda mais a conflitualidade nas ruas de Ferguson. São dois relatórios que coincidem na sua essência, e que já levaram o advogado da família de Brown, Benjamin Crump, a descrever o caso como uma “execução de um jovem desarmado em plena luz do dia”.

Uma das autópsias, realizada a pedido da família da vítima pelo conceituado Michael M. Baden – antigo responsável pelo departamento de Medicina Legal da cidade de Nova Iorque e apresentador do programa Autopsy, do canal por cabo HBO –, revelou que uma das balas dispa-

radas por Darren Wilson atingiu Michael Brown quando o jovem tinha a cabeça inclinada para baixo, o que pode indicar um de dois cenários, totalmente distintos: “Ou estava a desistir, ou estava a correr em direcção ao agente.”

O experiente médico norte-americano disse que o agente não terá disparado à queima-roupa, devido à ausência de vestígios de pólvora no corpo de Michael Brown. Ainda assim, Baden salientou que não teve acesso à roupa do jovem, pelo que não pode determinar com certeza a que distância os tiros foram disparados.

“As pessoas têm perguntado quantas vezes é que ele foi baleado? Esta informação podia ter sido revelada logo no primeiro dia”, criticou o médico. “Eles não fizeram isso, mesmo perante o crescimento de um sentimento entre os cidadãos de que está em curso uma operação de ocultação”, lamentou.

Mais tarde, o jornal The Washington Post avançou pormenores sobre a autópsia realizada pelas autoridades do condado de St. Louis, na qual a família de Michael Brown não quis confiar por se tratar “da mesma instituição que matou o seu filho”, segundo o advogado Benjamin Crumb.

Esta autópsia veio confirmar que o jovem foi baleado por seis vezes, “no peito e na cabeça”, segundo avançou o jornal norte-americano, citando fontes anónimas envolvidas no processo. A diferença em relação à autópsia realizada a pedido da família é que os procedimentos das autoridades de St. Louis incluíam, por obrigação, testes a possíveis substâncias encontradas no corpo da vítima – segundo o The Washington Post, esses testes revelaram que Michael Brown tinha vestígios de marijuana no organismo.

Esta informação junta-se às imagens de uma câmara de segurança divulgadas no sábado pela polícia de Ferguson, que mostram um homem, identificado como Michael Brown, a roubar cigarros num mini-mercado e a empurrar um dos funcionários, minutos antes de ter sido baleado.

Uma e outra informação podem ser relevantes para a investigação, mas

as pessoas que protestam nas ruas de Ferguson centram a discussão na alegada desproporção da acção do agente, ainda que o jovem possa ter assaltado uma loja e fumado marijuana. Para além disso, exigem que também o agente Darren Wilson seja submetido a um teste: “O que é que esse polícia tinha no sistema quando disparou uma série de balas contra o corpo daquele rapaz?”, questionou um dos manifestantes, citado pelo The Washington Post.

Apesar das exigências para que o agente Darren Wilson seja detido e julgado, o barril de pólvora em que se transformou a cidade de Ferguson entrou na segunda-feira numa nova etapa, com consequências imprevisíveis.

Após uma noite de violência, com ataques contra as forças de segurança e pilhagens, repelidos pela polícia com a resposta mais dura desde o início dos protestos, o governador decidiu chamar a Guarda Nacional para “ajudar a restaurar a ordem e a paz” – uma escalada da mesma posição de força que tem sido vista pelos habitantes da cidade como uma provocação e um abuso de autoridade.

A noite de domingo para segunda-feira – a segunda do recolher obrigatório imposto no sábado, que deveria vigorar entre as 0h e as 5h locais, e que foi revogado na segunda-feira – foi a mais violenta desde que começaram os protestos contra a morte de Michael Brown.

As versões sobre a origem dos confrontos divergem, mas a resposta da polícia pode ser vista em vídeos partilhados nas redes sociais: centenas de agentes da polícia de choque encheram as ruas de gás lacrimogénio, dispararam balas de borracha e detiveram pelo menos sete pessoas. Pelo menos uma pessoa ficou ferida com gravidade.

“Era uma manifestação pacífica, ainda estou a tentar perceber por que razão começaram a lançar gás lacrimogénio”, disse ao The New York Times Key Smith, apresentado como uma testemunha dos confrontos de domingo à noite nas ruas de Ferguson.

Apesar dos protestos pacíficos, os media locais confirmam que foram disparados tiros e lançados cocktails molotov por manifestantes contra a polícia, e que houve pilhagens. O governador do Missouri, o democrata Jay Nixon, justificou a chamada da Guarda Nacional com o objectivo de travar “actos criminosos violentos cometidos por um grupo organizado de indivíduos, muitos deles de fora da comunidade e do estado”.

Tarefas impossíveis e o poder da palavra “decapitado”

O silêncio pode ser a melhor arma mas quando jihadistas ou ditaduras capturam jornalistas estrangeiros não há garantias.

Texto: Sofia Lorena - jornal Público de Lisboa • Foto: Reuters

Um café frequentado por turcos que gostam de lattes, refugiados sírios que já viveram bem e por três ou quatro jornalistas ocidentais que, em Outubro de 2013, andavam por Antakya, no Sul da Turquia, a tentar entrar na Síria. “Tu vais dizer-me tudo o que não disseste aos outros. Ouviste? Chega de mentiras e de meias verdades.” A voz é de um norte-americano, e nem é o boné ou a roupa, é mesmo o sotaque. “Tu” é um sírio feito refugiado que antes conduzia jornalistas na Síria, meio activismo meio modo de sobrevivência.

O norte-americano preparava-se para iniciar a tarefa em que serviços secretos de vários países tinham falhado: resgatar um amigo raptado na Síria. “Tu” tinha sido raptado com o amigo e não se sabe bem com mais quem, nem por que é que “tu” tinha sido libertado e o amigo do homem do boné não.

“Tu” estava nervoso, o norte-americano parecia disposto a tudo e “tu” não tinha as respostas que ele exigia, ali e agora. “Tu” saiu antes do homem do boné, depois de marcarem encontro na casa de uma família de refugiados sírios que podia saber mais qualquer coisa. “Tu vais aparecer, ouviste? E eles vão repetir tudo o que já disseram e contar tudo o que ainda não disseram. Eu não volto para casa sem ele.” Passado uns minutos, o norte-americano pagou a conta e abandonou a esplanada do café com vista para o rio Asi (“rebelde”, em árabe, sobe para norte em vez de descer para sul, vai do Líbano à Turquia, passando pela Síria).

Quando o rapto de James Foley foi divulgado, a 4 de Janeiro de 2013, já o norte-americano estava desaparecido há 44 dias. A família, que antes pedira silêncio aos media, não aguentou mais. A mãe, Diane, que nesta quarta-feira pediu aos jihadistas radicais que lhe mataram o filho para libertarem os outros raptados, “inocentes, como Jim”, admitia na altura não se saber quem tinha o filho. “Só sei que foi levado por homens armados com o seu condutor e o tradutor e que estes foram libertados”. Os



Repórteres Sem Fronteiras diziam nesse dia que a Síria era “o triângulo das Bermudas dos jornalistas” e que era impossível saber quantos estavam (ou estão) desaparecidos.

No vídeo da decapitação de James Foley surge, vivo, Steven Sotloff – a Time confirma que se trata de um jornalista freelance que escreveu para a revista e que desapareceu em Agosto do ano passado. A Síria tem sido “triângulo das bermudas” e caixão. Segundo o Comité para a Protecção dos Jornalistas, há pelo menos 20 raptados ou desaparecidos neste momento, mais de 80 foram sequestrados e 69 foram mortos, incluindo sírios e estrangeiros, incluindo os que o regime de Bashar al-Assad bombardeou, como a nova-iorquina Marie Colvin, 30 anos de experiência, e o fotojornalista francês Rémi Ochlik, de 28 anos, enterrados em Homs em Fevereiro de 2012.

No caso dos raptos, muitas vezes não são noticiados, principalmente se há suspeitos de que o objectivo é um pedido de resgate. Assim, evita-se que o preço suba e que as negociações se compliquem. No caos sírio, também demora a perceber se os jornalistas foram levados pelo regime ou por grupos armados que se lhe opõem. O que não significa que os países e os media envolvidos não façam o que podem para obter a libertação de cada desaparecido. Na maioria dos casos, o público só é informado quando há um final feliz (Richard Engel, da NBC, por exemplo, que conseguiu fugir aos raptos na mesma zona onde Foley foi raptado) ou trágico, como a decapitação do norte-americano de 40 anos.

Na verdade, nunca se sabe e nada é garantia de nada. Foley, por exemplo, era mediático; sabia-se que estava desaparecido e que permaneceria na Síria. Para os radicais que controlam vastas áreas do Norte do país (e agora também do Norte e Ocidente do Iraque), fez sentido mantê-lo vivo até quererem que uma qualquer mensagem fosse ouvida com atenção. Ser norte-americano aumenta as probabilidades de se acabar morto (os Estados

Unidos negociam mas não pagam resgates, tal como os britânicos, e ao contrário de outros países europeus).

Foi a propósito do Iraque, em 2003, que se concluiu que os jornalistas tinham passado a ser um alvo comum para as partes em confronto. Mas foi em Carachi, no Paquistão, a 1 de Fevereiro de 2002, que o norte-americano Daniel Pearl foi decapitado por Khalid Sheikh Mohammed, hoje em Guantánamo, onde admitiu esta morte e a responsabilidade “de A a Z pelo 11 de Setembro”. Na altura, Mariane Pearl, a mulher do jornalista, grávida de cinco meses, demorou a acreditar que ele estava morto. Afinal, ela e a amiga Asra Nomani lideravam por conta própria uma investigação séria, com a ajuda de alguns polícias paquistaneses, e julgavam que iam encontrar Daniel com vida. No fim, foi a ouvir a palavra “decapitado” que se convenceu.

Combates prosseguem no Leste da Ucrânia nas vésperas de uma maratona diplomática

Batalhão de voluntários fiéis a Kiev com dificuldades para assumir o controlo de Ilovask, perto de Donetsk. Combates fizeram 34 mortos entre segunda e quarta-feira.

Putin e Poroshenko vão estar juntos em Minsk, sem certezas de diálogo

O Exército ucraniano continua a lançar ataques contra as duas cidades ainda controladas pelos combatentes separatistas no Leste do país, enquanto os líderes políticos se preparam para iniciar uma semana de conversações que poderá ser decisiva para o futuro do conflito.

Uma das batalhas mais intensas está a ser travada na pequena cidade de Ilovask, na província de Donetsk, que está sob controlo dos separatistas desde o início dos confrontos, em Abril.

Os combates das últimas horas em Ilovask fizeram pelo menos nove mortos entre os soldados leais a Kiev, entre eles um cidadão norte-americano identificado como Franko – um nome que terá adoptado em homenagem ao escritor ucraniano Ivan Franko, segundo o jornal Kiev Post.

Que se saiba, Franko é o primeiro estrangeiro a morrer nas fileiras das tropas ucranianas no Leste da Ucrânia nos combates contra os separatistas, que contam com a ajuda de cidadãos russos.

Com cerca de 16.000 habitantes, o centro da cidade de Ilovask parece continuar nas mãos dos combatentes rebeldes, mas as tropas governamentais dizem ter conseguido assumir o controlo de outras áreas.

A violência dos combates pelo controlo desta cidade deixou as tropas do chamado Batalhão do Donbass (constituído por voluntários fiéis a Kiev) numa situação muito difícil, debaixo do fogo de artilharia dos combatentes separatistas.

“Eles não conseguem sair de Ilovask”, escreveu o fotógrafo Marks Levin na sua página no Facebook, numa tradução feita pelo Kiev Post. Outros dois batalhões de voluntários – o Azov e o Dni-pro – terão conseguido fugir da região de Ilovask.

O Governo de Kiev afirma que conseguiu assumir o controlo de Ilovask na noite de segunda-feira, e que já repeliu três tentativas de recuperação do poder por parte dos separatistas, mas a agência rebelde Novorossia avança que as tropas governamentais estão a ser mantidas à distância em Ilovask, mas também em Torez e Iasinuvata.

Nas zonas da província de Donetsk onde o Exército ucraniano tenta derrotar os combatentes separatistas morreram pelo menos 34 pessoas nas últimas 48 horas.

Em Lugansk, a outra província fustigada por violentos combates desde o início de Abril, a população continua sem acesso a água corrente, electricidade e telefone, de acordo com as autoridades locais, citadas pela BBC. A apenas duas horas de distância, os camiões enviados pela Rússia e que transportam aqui com o que país descreve como “ajuda humanitária” continuam parados à espera de algum desenvolvimento nas negociações.

Enquanto as armas continuam a falar mais alto em Donetsk e Lugansk, os líderes políticos vão tentar chegar a um compromisso nos próximos dias. A maratona diplomática começa este fim-de-semana, com a chegada da chanceler alemã, Angela Merkel, a Kiev, e prolonga-se até à próxima terça-feira, com uma cimeira, na Bielorrússia, em que estarão presentes os presidentes da Ucrânia, Petro Poroshenko, e da Rússia, Vladimir Putin.

Fora das altas esferas da política internacional também há movimentações no sentido de se alcançar uma solução diplomática para o conflito, lideradas pelo milionário Richard Branson.

Num apelo ao Presidente Putin assinado por vários empresários russos e ucranianos, o fundador do grupo Virgin afirma que “nin-

guém quer voltar aos dias negros”, numa referência ao período anterior à queda do Muro de Berlim.

“Como empresários da Rússia, da Ucrânia e do resto do mundo, apelamos aos nossos governos que trabalhem em conjunto para garantirem que não vamos regressar à miséria da Guerra Fria. Apelamos aos políticos que sejam audazes e corajosos, para que as nossas nações possam pôr fim ao sofrimento causado pela guerra e, uma vez mais, voltemos a colaborar para um bem maior”, lê-se no texto.

Questionado pelo Kiev Post sobre se o seu apelo não soa a ingenuidade, Richard Branson admitiu que pode “parecer simplista”, mas que não ficaria bem consigo próprio se ficasse calado. E revelou um pouco do que dirá a Vladimir Putin, se o Presidente russo o receber: “Presidente Putin, não ponha o relógio a andar para trás. Lembremo-nos da queda do Muro de Berlim e de como nos sentimos bem, os russos e o resto do mundo. Vamos resolver os nossos problemas diplomaticamente e não militarmente. Vamos fazer negócios em conjunto, vamos casar-nos entre nós, vamos passar férias juntos. Vamos trabalhar em conjunto para solucionar os conflitos no mundo.”

De acordo com os números das Nações Unidas, o conflito no Leste da Ucrânia já matou 2119 pessoas e feriu 5043. Na região de Donetsk morreram 951 civis. Estes números são encarados como estimativas conservadoras, porque dizem respeito a vítimas registadas – muitos outros corpos podem ter sido enterrados sem procedimentos burocráticos, e os rebeldes acusam Kiev de não revelar o verdadeiro número de mortes entre os seus soldados.

Para além dos mortos e dos feridos, o conflito obrigou à deslocação de mais de 300.000 pessoas – 156.000 para várias regiões na Ucrânia e 188.000 para a Rússia.

Texto: Redacção/Agências

O mar sobe e os pequenos países insulares procuram salva-vidas

Os 52 pequenos Estados insulares em desenvolvimento (PEID), alguns em perigo de desaparecer devido ao aquecimento global e à consequente elevação do nível do mar, serão o tema central de uma conferência internacional que acontecerá no próximo mês na Samoa. O encontro, nos dias 1 e 2 de Setembro naquele Estado insular do sul do Oceano Pacífico, oferecerá aos líderes políticos do mundo “a oportunidade de em primeira mão experimentar os desafios que sofrem as ilhas pequenas devido à mudança climática e à pobreza”.

Texto: Thalif Deen - Envolverde/IPS • Foto: Istockphoto



Os governantes reunidos na Samoa anunciarão “mais de 200 associações concretas” para tirar da pobreza a população dos PEID, que sofre com a elevação do nível do mar, pesca excessiva e catástrofes naturais como tufões e tsunamis, informou a Organização das Nações Unidas (ONU). “Trabalhamos com os nossos sócios, de forma bilateral e multilateral, para ajudarmos a resolver os nossos problemas”, disse o embaixador da Samoa junto à ONU, Alinonga Feturi Elisaia. “Não é necessário levar o talão de cheques à mesa de negociações. O que importa são as associações”, acrescentou.

22 de Agosto de 2014

Alguns temas a serem tratados na conferência são o desenvolvimento económico sustentável, os oceanos, a segurança alimentar e gestão de resíduos, o turismo sustentável, a redução do risco de desastres, a saúde e as doenças não transmissíveis, jovens e mulheres. Os 52 PEID abrangem uma extensa área geográfica e inclui, entre outros, Antiga e Barbuda, Bahamas, Bahrein, Cuba, Fiji, Maldivas, Ilhas Marshall, Nauru, Palau, Suriname, Timor Leste, Tonga e Vanuatu.

A previsão é de que a reunião de Samoa adote um plano de acção, também chamado documento final, que aborde algumas das prioridades dos PEID. Um comité preparatório, co-presidido pela Nova Zelândia e por Singapura, apresentará o documento na conferência para a sua aprovação.

Os PEID “têm vulnerabilidades específicas e as suas dificuldades são graves e complexas. O seu pequeno tamanho apresenta desvantagens”, disseram à IPS os representantes junto à ONU de Singapura, Karen Tan, e da Nova Zelândia, Philip Taula. Entre as desvantagens estão os escassos recursos e a forte densidade populacional (que podem contribuir para a super-exploração e o esgotamento dos recursos), a elevada dependência do comércio internacional, a escassez de água doce, e o alto custo da administração pública e das infra-estruturas.

A sua dispersão geográfica e o isolamento dos mercados mundiais também geram grandes custos de transporte e uma competitividade reduzida. A população dos PEID concentra-se nas zonas costeiras de uma massa terrestre limitada. Por isso, a mudança climática e a elevação do nível do mar apresentam riscos importantes, afirmaram.

Os efeitos a longo prazo da mudança climática ameaçam a própria existência e a viabilidade de alguns PEID, afirmaram Tan e Taula em entrevista conjunta. “Os PEID estão entre as regiões mais vulneráveis do mundo em termos da intensidade e frequência dos desastres naturais e ambientais. E quando estes ocorrem, sofrem consequências económicas, sociais e ambientais desproporcionalmente altas”, afirmaram.

Estas vulnerabilidades acentuam os problemas que afectam o Sul em desenvolvimento em geral, como a liberalização do comércio e a globalização, a segurança alimentar, a dependência energética, os recursos de água doce, a degradação da terra, a gestão dos resíduos e a biodiversidade.

O Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática divulgou em Abril o seu quinto informe de avaliação e o seu Grupo de Trabalho II divulgou a sua contribuição em simultâneo com o título Mudança Climática 2014: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade. O documento alerta para o facto de que as ilhas menores em geral correm o risco de perder meios de vida, comunidades costeiras, infra-estruturas, serviços dos ecossistemas e estabilidade económica.

No caso particular dos países dos atóis de baixa altitude, a alta proporção entre a zona costeira e a massa terrestre fará com que a adaptação à mudança climática seja um enorme desafio. O documento diz que alguns pequenos Estados insulares ficarão submersos ou sofrerão inundações e erosão dos seus litorais, o que geraria custos de adaptação equivalentes a vários pontos percentuais do produto interno bruto.

A informe indica que a população das pequenas ilhas corre o risco de morte, lesões, doenças ou perturbações para os meios de vida nas zonas de baixa altitude. Porém, acrescenta que as ilhas têm uma importante capacidade de adaptação, que recursos e tecnologias externas adicionais melhorarão. “O tema da conferência, o desenvolvimento sustentável dos PEID mediante associações autênticas e duradouras, reconhece que a cooperação internacional e uma ampla gama de associações que impliquem todas as partes interessadas são fundamentais para o desenvolvimento sustentável”.

Afu Billy, voluntária da organização Intercâmbio de Serviços de Desenvolvimento, com sede nas Ilhas Salomão, disse à IPS que a conferência de Samoa será de grande valor para os pequenos Estados insulares, já que aprenderão uns com os outros como abordar esses problemas e a maneira como a comunidade internacional trata as suas prioridades. O facto de a conferência reunir governos e actores não-governamentais, incluindo o sector privado, oferece uma oportunidade de aprendizagem que significará esforços de colaboração, acrescentou.

O plano de acção a ser adoptado no encontro deveria incluir todos os grupos de interesses, opinou Billy. “Deve-se enfatizar que os pequenos Estados insulares devem fazer as coisas por si mesmos para garantir o desenvolvimento sustentável e que os interessados e os seus sócios se vejam como ‘amigos’ que vêm em resgate quando caem num poço, mas depois lhes permite continuar com o que faziam antes de serem resgatados”, afirmou.

Segundo Billy, isto é para reduzir ou minimizar a dependência dos doadores e também promover o desenvolvimento sustentável. “Esperamos que a assistência oficial ao desenvolvimento aponte para a eficácia do desenvolvimento em vez da estratégia da eficácia da ajuda predominante”. Billy concluiu afirmando que “pretendemos que o tema da redução da corrupção e uma maior transparência em todos os níveis seja primordial na conferência e que o plano de acção adopte recomendações para mitigá-la”.

Robert Mugabe censura Jacob Zuma por não assinar o Protocolo Comercial da SADC

O Presidente zimbabweano e da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), Robert Gabriel Mugabe, criticou o Estadista sul-africano, Jacob Zuma, por este não ter assinado o protocolo comercial que prevê a livre circulação de produtos, bens e serviços na região, provenientes de outros países.

Texto: Milton Maluleque

Quem também alinhou no mesmo fio de pensamento de Zuma, foi o Presidente da Namíbia, Hifikepuye Pohamba, que apesar da pressão por parte de outros chefes de Estado, durante as deliberações do último domingo (17), na Cimeira de Victoria Falls, no Zimbábue, optou pela não assinatura do referido protocolo.

Zuma, eleito neste certame como Presidente da Tróika para a Política, Defesa e Segurança, foi imediatamente criticado pelo Presidente da SADC, Robert Mugabe. Este teria dito que o seu homólogo sul-africano deveria cooperar com os outros países da região e não optar pela transformação do bloco regional em um mercado para a proliferação dos produtos sul-africanos.

Recorde-se de que os integrantes da SADC teriam assinado o protocolo em causa em Agosto de 2012, mas a África do Sul e a Namíbia teriam pedido tempo para analisarem a questão. Este protocolo dita as obrigações gerais aos países membros, sobre como devem tratar a questão dos serviços e de bens provenientes de outros países.

O documento não contém a liberalização das obrigações, mas providencia um mandato progressivo na negociação da remoção das barreiras aduaneiras na movimentação de serviços e bens.

Durante o encerramento da 34ª Cimeira da SADC, o mestre de cerimónias teria anunciado que a Namíbia e a África do Sul, iriam observar a assinatura do protocolo em causa, mas quando os ajudantes do Secretariado da SADC trouxeram o protocolo para Pohamba, este teria se recusado a assinar depois de uma breve conversa com o seu Ministro da Indústria e do Comércio, Carl Schlettwein.

O Presidente Zuma, também teria consultado a sua Ministra das Relações Internacionais e Cooperação, Maite Nkoana-Mashabane, minutos antes de ter optado pela não assinatura do documento.

Em conferência de imprensa, minutos depois do encerramento deste encontro anual dos Chefes de Estado e de Governo da SADC, o Presidente Robert Mugabe, apelou ao Presidente Zuma no sentido deste cooperar com os outros países da região.

Relações recíprocas

O Presidente em exercício da SADC confirmou em plena conferência de imprensa os pedidos dos seus pares para que Zuma assinasse o protocolo durante a cimeira.

“Apelamos a África do Sul, que é o país mais industrializado, para que nos lidere, que trabalhe connosco, que coopere e que não opte em transformar o continente em um mercado aberto para a proliferação dos seus produtos,” defendeu Mugabe, tendo acrescentado que desejava uma relação recíproca na qual todos vendem para todos e não receber produtos de uma única fonte.

Despedidas e recomendações

Os Presidentes de Moçambique e da Namíbia, Armando Guebuza e Hifikepuye Pohamba, respectivamente, que os seus mandatos chegam ao fim neste presente ano, teriam se despedido dos seus pares durante os discursos de encerramento.

Em comunicado publicado depois da cimeira, os Chefes de Estado e de Governo da SADC teriam acordado na intervenção da União Africana na resolução da crise política na República Democrática do Congo e na ajuda do Madagáscar no seu processo de reconstrução.

A Cimeira apelou às Nações Unidas para, em colaboração com a União Africana, desempenhar o seu papel no processo de repatriamento dos elementos das FDLR que se renderam e desarmaram voluntariamente, ou lhes providenciar condições de reassentamento temporário em terceiros países fora da Região dos Grandes Lagos.

Os líderes dos países membros da SADC rubricaram três protocolos referentes ao Tribunal da SADC, Gestão do Meio Ambiente para o Desenvolvimento Sustentável, Emprego e Trabalho, bem como uma declaração sobre o Desenvolvimento de Infra-estruturas.

A Cimeira elegeu Robert Gabriel Mugabe, Chefe de Estado do Zimbábue, e o Tenente-General Seretse Khama Ian Khama, Presidente do Botswana, para os cargos rotativos de presidente e vice-presidente da SADC, respectivamente.

Tang Soo Duo: Os discriminados que honram a bandeira nacional

Entre os dias 18 e 20 de Julho do ano em curso, Moçambique participou no Campeonato do Mundo de Tang Soo Duo realizado nos Estados Unidos da América. A delegação moçambicana composta por um universo de 28 elementos, dois quais 24 atletas e os restantes treinadores e dirigentes, conquistou um total de 28 medalhas, sendo 10 de ouro, sete de prata e 11 bronze. Sequerane Chidiamassamba foi o destaque ao sagrar-se campeã do mundo nos cinturões vermelhos. Na classificação geral o combinado nacional ocupou a segunda posição.

Texto: Duarte Sitoe • Foto: Eliseu Patife

Apesar de ser discriminada pelos nossos dirigentes, o Tang Soo Duo continua a ser a modalidade mais bem-sucedida a nível internacional em relação às outras que gastam avultadas somas de dinheiro, em particular o desporto rei, o futebol que nunca trouxe nenhum galardão seja ele continental ou Mundial.

Segundo Alex Goule, mestre da Associação Moçambicana de Tang Soo Duo, apesar de continuar enteada do dirigismo desportivo moçambicano, provou que é uma modalidade que quando vai a uma competição fora de portas consegue honrar as cores da bandeira nacional.

“Quando vamos a uma prova internacional, o nosso objetivo é honrar as cores da bandeira nacional e os 23 milhões de moçambicanos, felizmente neste Campeonato do Mundo éramos um dos países com menor número de atletas, 24, mas conseguimos angariar mais medalhas que os países que trouxeram mais de 100 atletas. Provamos que apesar das dificuldades que a modalidade enfrenta em Moçambique, somos uma potência Mundial na modalidade.

Convidado a fazer o balanço da participação do combinado nacional na maior prova da modalidade envolvendo, todas as associações do mundo, pelo que Tang Soo Duo é composta por associados e não por federações, Alex Goule afirmou que esta foi de longe a melhor participação de Moçambique numa prova Mundial.

“Conseguimos trazer um recorde de medalhas e revalidamos o título feminino em cinturões vermelhos, em 2008 a campeã foi a Yara Chidiamassamba que logrou este feito, mas na competição que decorreu nos Estados Unidos da América, Sequerane ficou na primeira posição.

As dificuldades enfrentadas na preparação

Tal como aconteceu em 2008, a selecção nacional foi impedida de levar alguns atletas por falta de fundos, porque as entidades que gerem o desporto em Moçambique não se mostraram disponíveis a estender a mão para que os atletas seleccionados se fizessem aquele país da América do Norte.

“Queríamos levar um determinado número de atletas para aquela competição, mas mais uma por falta de fundos fomos obrigados a abdicar dos préstimos de alguns, porque não disponhamos de verbas suficientes para levá-los para aquele evento desportivo. A maioria dos atletas viajou com fundos próprios pelo que, tentamos pedir ajuda junto dos nossos parceiros, mas não conseguimos juntar o valor necessário para levar todos os tangsudoscas. Agradecemos o Fundo de Promoção Desportiva que nos ajudou com uma parte da verba para custear a viagem e estadia durante o certame e a Lacatonni que nos forneceu os equipamentos que usamos durante a prova, sem esquecer a TDM e a INATUR que nos apoiaram.

Além da falta de verbas para custear a logística para o Campeonato do Mundial, a Associação Moçambicana de Tang Soo Duo deparou-se também com o problema da falta de espaço para ensaiar os exercícios colectivos, o que decerto contribuiu para que Moçambique não che-



gasse ao almejado título nesta categoria.

“A nossa sede não possui espaço e cenário para ensaiarmos as exhibições de técnicas de combates, essa foi outra dificuldade que enfrentamos na nossa preparação para aquela competição, por isso não conseguimos concretizar o nosso objectivo que era conquistar o título mas conseguimos ficar com a medalha de prata”.

O nosso interlocutor declarou ainda que durante a competição não houve sobressaltos pelo que os atletas estiveram ao seu melhor nível, o que culminou com a conquista de 28 medalhas.

O segredo para o sucesso

“Para nós é uma missão cumprida por termos conquistado um número recorde de medalhas num campeonato do mundo, por isso estamos satisfeitos por esse feito e, a independência nas artes marciais. Antes da partida prometemos aos nossos amigos, familiares e sobretudo aqueles que nos ajudaram para tornar possível que íamos honrar a bandeira nacional” disse Goule

Questionado sobre o segredo deste resultado conseguido pela selecção nacional naquele certame, Alex Goule disse, “o segredo deste feito está na seriedade, nós não apalpamos, fazemos e não somos obrigados por ninguém a praticar este tipo de artes marciais, nos somos os verdadeiros fazedores do Tang Soo Duo,



por isso conseguimos este resultado histórico”

Governo gazeta a recepção

O combinado nacional conseguiu um resultado histórico no Mundial de Tang Soo Duo realizado nos EUA, todavia, no seu regresso não foi recebido por nenhum membro do governo, em particular o Ministério da Juventude e Desportos, entidade que chancela o desporto no país.

Este acto provou que a modalidade apesar das inúmeras conquistas internacionais continua sem espaço em Moçambique e isso deixou os atletas e treinadores com uma mágoa, pelo que algumas modalidades só por conseguirem um segundo lugar no campeonato africano são recebidos em todos os ministérios e com direitos a prémios chorudos, ao contrário de Tang Soo duo que não é contemplada neste lote de modalidades privilegiadas

“Quando um filho viaja para fora de portas, no seu regresso espera que o pai o receba de braços abertos, mas não é o que tem acontecido em Moçambique e isso nos deixa preocupados, porque as outras modalidades só por um simples apuramento para uma fase de qualificação tem direito a uma recepção com o ministro. Mas isso não nos deixa desanimados vamos continuar a trabalhar porque nós somos os verdadeiros fazedores do desporto não os dirigentes”

Prosseguindo o mestre da Associação Moçambicana de Tang Soo Duo disse “conseguimos um resultado histórico a nível internacional, mas no nosso país isso não tem nenhum significado, mas não vamos desistir, queremos dar mais alegrias ao povo moçambicano. O ministro da Juventude e Desportos, Fernando Sumbana, veio visitar as nossas instalações duas semanas depois do nosso regresso, esperamos que com essa atitude se abra uma nova página para a modalidade”

Queremos expandir o Tang Soo Duo para todas as partes de Moçambique

No presente apenas quatro províncias, nomeadamente, Maputo, Gaza, Inhambane e Sofala movimentam a modalidade e a entidade que gere a modalidade em Moçambique tem o sonho de expandir a modalidade para as restantes províncias do país. Mas o Alex Goule está ciente das dificuldades que vai enfrentar para tornar este sonho uma realidade.

“Expandir a prática do Tang Soo para todas as províncias é um dos principais objectivos da nossa associação, mas isso não será de noite para dia porque exige muito dinheiro, pelo que precisamos de espaço para erguer uma sede em cada província



Estamos registados na legislação do estado

Numa altura em que o governo de turno insiste em dizer que a Associação Moçambicana de Tang Soo Duo ainda não foi legalizada, o que segundo Alex Goule não corresponde a verdade porque a mesma foi regularizada em 2008 e consta na III série – numero 20 do Boletim da Republica.

Para o nosso interlocutor em Moçambique existem modalidades prioritárias que apesar de não trazer grandes resultados nas competições que fazem parte, os nossos dirigentes continuam a apoiar-as incondicionalmente.

“Vamos continuar a lutar com as armas que temos, porque se esperamos pelo apoio dos nossos dirigentes podemos fechar as portas. Não fazemos parte das ditas modalidade prioritárias mais vamos continuar a defender as cores da nossa bandeira, porque quando estamos numa prova internacional não vamos em representação de Tang Soo, mas de todo povo moçambicano. Dizer que não estamos legalizados é uma pura mentira, porque a Associação Moçambicana de Tang Soo Duo foi legalizada em 2008 e consta do Boletim da Republica, na III serie – número 20”

Tang Soo Duo uma modalidade sem espaço em Moçambique

Além da falta de apoio, o Tang Soo Duo tem sido descriminado em Moçambique nas atribuições de prémios. O caso mais sonante deu-se na atribuição do prémio para atleta do ano 2013. Os atletas Hélio Souza e Sequerane Chidiamassamba que no mesmo ano sagraram-se campeões africanos foram preteridos da eleição. O que de certo dividiu opiniões, pelo que devia ser considerado o

melhor do ano o atleta que ganhou uma medalha continental ou mundial, em detrimento daquele que apenas conseguiu melhorar as suas marcas.

De lembrar que de toda a delegação moçambicana que foi ao Campeonato Mundial apenas Sequerane Chidiamassamba é que conquistou o maior numero de medalhas, três de ouro e, sagrou-se campeã do mundo dos cinturões vermelhos.

Quem é Sequerane Chidiamassamba?

Sequerane Chidiamassamba é uma Tangsudoca moçambicana de 19 anos. Teve uma infância dividida entre a capital do país e a província de Manica, desde cedo gostou de aliar o desporto com os estudos, por essa razão, se não estivesse nos treinos estava em casa a estudar ou ajudar a mãe nos afazeres de casa.

Antes de ingressar no Tang Soo Duo tentou a sorte nas modalidades como o futsal, andebol e o voleibol, mas não conseguiu se enquadrar nestas modalidades porque não tinham aquilo que ela procurava.

“Antes de ingressar nesta modalidade pratiquei futsal, andebol e basquetebol mas não me sentia bem nestas modalidades, por mais que eu me entregasse de corpo e alma não conseguia-me identificar naquelas circunstâncias. No Tang Soo Duo consegui encontrar aquilo que não encontrava naquelas modalidades, pelo que é uma arte diferente das outras, apesar de ser uma modalidade individual, há mais união em relação as outras”

Apesar de ser a primeira vez que entrou em contacto com as artes marciais, Sequerane Chidiamassamba, declara que não sentiu nenhuma dificuldade para se adap-

tar a nova modalidade, pelo que o Tang Soo Duo é uma modalidade que reina o espírito de entre ajuda, por isso foi fácil adaptar-se em relação as outras que já havia praticado.

“Tive vencer o nervosismo para ser campeã do mundo”

Um dos problemas que a nova campeã mundial dos cinturões vermelhos enfrentou durante a prova foi a ansiedade, pelo que era primeira vez que participava num evento do género.

“Já participei num Campeonato Africano, mas neste Mundial tive que vencer o medo para poder superar as minhas rivais, porque era a minha estreia neste tipo de torneios, mas graças a ajuda dos meus treinadores e colegas consegue esvaziar a minha mente e me concentrar apenas competição”

O significado do primeiro lugar no Mundial

Não é para qualquer um conquistar uma medalha de ouro num Campeonato Mundial, seja para qualquer modalidade. A tangsudoca da Associação moçambicana de Tang Soo Duo conseguiu conquistar três medalhas de ouro nas seguintes categorias: exibição das técnicas de combate, exibição das técnicas de combate com e instrumentos e nas provas de combate. O que fez dela a campeã mundial nos cinturões vermelhos.

“Este título é o corolário do trabalho que foi levado a cabo durante a preparação para está prova, preparei-me com o objectivo de dar o melhor pelo que, sabia que ia ombrear com os melhores do mundo, mas graças aos concelhos do meu mestre e dos integrantes da delegação consegui triunfar, por isso este título Mundial apesar de ser individual também pertence a toda delegação, desde os dirigentes, treinadores e atletas”

Questionada se não se sentiu magoada por não ter sido recebida por um membro do governo no seu regresso à pátria amada, Secarane disse, “Não é a primeira vez que algo de género acontece em 2012 ocupamos o primeiro lugar do Campeonato Africano e ninguém nos recebeu, por isso não estou surpreendida com isso, vamos continuar a honrar as cores da nossa bandeira”

O sonho da campeã do Mundo

Sequerane Chidiamassamba que também divide a sua vida desportiva com os estudos, estando no presente a frequentar o terceiro ano na licenciatura em medicina, na Universidade Eduardo Mondlhane, afirma que não se sente uma atleta realizada por ter-se sagrado campeã do mundo, declarando que “Ainda não me sinto realizada, o Tang Soo Duo é diferente das outras modalidades, não nos preocupamos muito com os resultados, mas sim aprender a cada dia que passa, por isso ainda falta muito para me sentir uma atleta realizada apesar do titulo Mundial”

Tem o sonho de se tornar cinturão preto, a mais alta categoria nesta modalidade e abrir a sua própria escola para formar os novos valores na modalidade, porque segundo ela em Moçambique existe atletas talentosos.

Ajax vence AZ Alkmaar e mantém 100% de aproveitamento no Campeonato Holandês

O Ajax venceu no domingo (17) o AZ Alkmaar por 3 a 1, e chegou aos seis pontos, igualando o PSV Eindhoven, que leva ligeira vantagem e ocupa a liderança do Campeonato Holandês de futebol, graças à vantagem no saldo de golos.

Texto: Redacção/Agências

Jogando longe dos seus domínios, o actual campeão adiantou-se no marcador com gol de Davy Klaassen, aos 15 minutos do primeiro tempo. Na etapa complementar, aos 5, Steven Berghuis igualou. Lasse Schöne e Anwar El-Ghazi, aos 25 e aos 45, respectivamente, definiram o placar. Com a vitória, o Ajax chegou a seis pontos e cinco golos de saldo.

O PSV, que no sábado goleou o NAC Breda, por 6 a



1, tem saldo sete e, com isso, lidera a competição.

Logo atrás da dupla de gigantes do futebol holandês aparece o Groningen, que derrotou o Heracles, por 3 a 1, e assumiu a terceira posição. A outra equipa com 100% de aproveitamento é o Zwolle, que chegou ao segundo resultado positivo ontem.

Ainda neste domingo, o recém-promovido Excelsior chegou aos quatro pontos ao superar o Go Ahead Eagles por 3 a 2, e o Utrecht pontuou pela primeira vez ao superar o Willem II por 2 a 1.

Desporto

Taça de Moçambique: Costa do Sol, Ferroviário de Maputo, Estrela Vermelha de Maputo e Ferroviário da Beira seguem para as meias-finais

As equipas do Costa do Sol, Ferroviário de Maputo, Estrela Vermelha, também de Maputo e Ferroviário da Beira garantiram este fim-de-semana (sábado e domingo) o apuramento para as meias-finais da Taça de Moçambique edição 2014. Nas quatro partidas da segunda mão dos quartos de finais, três terminaram empatadas, a excepção do duelo entre o Ferroviário de Quelimane e o seu homónimo de Maputo que terminou com a vitória da equipa de Vítor Pontes pela margem mínima. As partidas Costa do Sol X HCB de Songo e Ferroviário da Beira X Ferroviário de Nampula terminaram sem abertura de contagem, enquanto o Estrela Vermelha e o Desportivo não foram além de um empate a uma bola.

Texto: Duarte Siteo • Foto: Eliseu Patife

Mesmo jogando à porta fechada devido ao castigo de três jogos sem público devido as escaramuças na partida da 16ª jornada diante da Liga Muçulmana, os adeptos canarinhos não deixaram de apoiar a sua equipa, para tal a claqué Tokhosa usou os telhados e as árvores para ver in louco o embate entre a sua formação e o HCB de Songo.

Foi uma partida em que a formação liderada por Nelson Santos entrou praticamente ao ataque contra um HCB que não abdicou do seu sistema tático de 4-4-2, ou seja, baixava suas linhas na expectativa de explorar a velocidade de Luís e Babo nas alas, enquanto Jacob e Lewis eram os avançados.

A primeira jogada digna de registo surgiu à passagem do minuto três, Paulo ganhou a bola no meio – campo, galgou até a linha da grande área e rematou forte, mas o esférico saiu à poucos centímetros da baliza de Bruno.

Os canarinhos continuavam na mó de cima e aos 9 minutos depois de uma excelente combinação com Manuelito II, Chimango desferiu um portentoso remate para uma excelente intervenção de Bruno que com os punhos desviou a bola da sua baliza.

Os forasteiros responderiam nove minutos depois, na sequência de um livre a entrada da área a castigar uma falta de Dito sobre Luís, Jacob remata com selo de golo, mas Gervásio com uma palmada evita o pior para a sua equipa. Depois daí a partida perdeu qualidade e as duas equipas não conseguiam criar jogadas ofensivas, pautando pelo jogo directo

A passagem do 37º minuto, Luís completou o corredor direito e colocou a bola nos pés de Lewis que rodopeia sobre Dito e rematou fraco para uma defesa atenta de Gervásio.

Antes do intervalo o árbitro Luís Lopes fez vista grossa a uma falta de Gervásio sobre Luís dentro da grande área. Com o nulo as duas formações foram ao descanso.

No reatamento o HCB mudou de postura, lançou-se ao ataque, pelo que precisava de dois golos para apurar-se para outra fase e à passagem do minuto 47, Luís ganha a bola na quina área, passou por dois contrários e rematou ao lado da baliza de Gervásio.

Aos 64 minutos, na sequência de um livre teleguiado de João Mazive, Caló na tentativa de cortar a bola, coloca-a nos pés de Alvarito que sem marcação rematou forte mas o esférico passou por cima da baliza de Bruno.

Na resposta dos forasteiros, Toni flectiu pela esquerda e cru-



zou para a marca de grande penalidade onde estava Babo, mas este foi demasiado lento permitindo a intervenção de Gervásio.

Aos 87 minutos, os adeptos do Costa do Sol que estavam nas árvores e nos telhados de algumas casas anexas ao campo gritaram golo, mas o remate de Parkim foi devolvido pela barra transversal da baliza do HCB, com o guarda-redes Bruno completamente batido. A partida terminou empatada a zero, resultado que apurou os canarinhos para as meias-finais.

Nelson Santos era um homem feliz por ter transitado para as meias-finais, reconhecendo que a sua equipa merecia sair vitoriosa por ter criado mais oportunidades de golo em relação ao seu rival. “ Encaramos este jogo com responsabilidade para evitar surpresas. Sabíamos o que queríamos. Pelas oportunidades que tivemos ao longo do jogo merecíamos sair com uma vantagem de mais de um golo de diferença. Estão parabéns os meus jogadores pelo apuramento as semi-finais.

Por seu turno Wedson Nyerenda, técnico zambiano ao serviço do HCB de Songo, reconheceu que a sua equipa não esteve bem no jogo, o mesmo que aconteceu na partida segunda mão. “ A equipa não esteve bem nas duas partidas. Não conseguimos implantar o nosso modelo de jogo, porque os meus jogadores estavam ansiosos. Até entramos bem no jogo mas não conseguimos traduzir em golos as diversas oportunidades que criamos no primeiro quarto de hora. O nosso adversário foi feliz na primeira mão por isso apurou-se para a fase seguinte, o que nos resta é continuar a trabalhar porque ainda temos oito jogos por disputar”

FMF viola seu próprio regulamento

Segundo o artigo 36 da Federação Moçambicana de Futebol, é proibida a transmissão televisiva e radiofónicas das partidas à porta fechada, mas não foi o que aconteceu no passado domingo (17), pelo que a Televisão de Moçambique transmitiu em directo o jogo entre o Costa do Sol, o clube punido, e o HCB de Songo, o que fez com que a instituição liderada por Faizal Sidat violasse a sua própria legislação.

No entanto, a Radio Moçambique foi proibida de fazer a transmissão da partida por um membro da Federação Moçambicana de Futebol, que afirmou a “FMF” apenas deu aval para a TVM transmitisse o jogo.

Locomotivas avançam para as semi-finais

Ainda neste domingo (17), o Ferroviário de Maputo foi até Quelimane, onde der-

rotou o seu homónimo local por 1 a 0. O golo dos locomotivas da capital do país foi marcado no decorrer da primeira parte por intermédio de Chico. Com este resultado a equipa de Vítor Pontes garantiu um lugar nas meias-finais com o agregado de 3 a 1.

Na Beira, o outro confronto entre dois emblemas locomotivas, o local e o de Nampula, terminou empatado sem abertura de contagem. Com o nulo o Ferroviário da Beira qualificou-se para as semi-finais graças ao empate a uma bola na partida da primeira mão realizada em Nampula.

Alvinegros empatam e falham meias-finais

Já no sábado, numa tarde de chuva intensa, o Desportivo Maputo tinha a espinhosa missão de virar a eliminatória, na primeira mão os alaranjados venceram a famosa “nação” em pleno Estádio Nacional de Zimpeto por 1-2.

Cedo os alvinegros mostraram que queriam decidir o jogo, e numa jogada do ataque iniciada por Chana aos 11 minutos Jojó inaugurou o marcador.

O Desportivo não tirou o pé no acelerador, continuou a procura do segundo golo, mas num contra-ataque, o Estrela Vermelha vê uma bola que ia para o fundo das malhas travada com a mão do Jorge, prontamente Ainad Hussene assinalou uma grande penalidade, Genito chamado a cobrar restabeleceu a igualdade.

Na segunda parte o Estrela Vermelha limitou-se a defender o empate que lhe garantia um apuramento para a outra fase. O Desportivo instalou-se no meio campo dos alaranjados, todavia, não conseguia furar a muralha defensiva montada por Shakil Bonat.

A passagem do minuto 75, Dainho derruba Jair dentro da grande área e o árbitro assinalou o castigo máximo a favor da equipa de Antero Cambaco. Fanuel, defesa central, chamado a cobrir permitiu a defesa do guarda-redes Elvâncio. A partida terminou empatada à uma bola, resultado que apurou o Estrela Vermelha para as meias-finais com a marca de 3 a 2 no total das duas partidas.

Refira-se que nas meias-finais o Estrela Vermelha de Maputo medirá forças com Ferroviário da Beira, detentor do troféu, enquanto a outra locomotiva, a de Maputo, jogará diante do Costa do Sol.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade

A verdade em cada palavra.

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Desporto

Liga Portuguesa: Benfica, borrego de dez anos abatido pelos sul-americanos

Artur defendeu um penálti, Maxi Pereira e Salvio marcaram os golos do triunfo por 2-0 sobre o Paços. Desde 2004 que as águias não entravam a vencer no campeonato.

Texto: jornal Ionline • Foto: LUSA

Há dez anos que o Benfica não vencia na estreia em 2006/07 ganhou o jogo da 1ª jornada com o Belenenses (4-0), mas o jogo, adiado, só se disputou a 21 de Dezembro. A última vez que os adeptos festejaram um triunfo no começo da Liga foi em 2004/05, contra o Beira-Mar. No final da época, com Giovanni Trapattoni, o Benfica foi campeão. No passado domingo, o borrego com uma década foi finalmente liquidado. Tudo começou com Artur: o brasileiro apanhou o gosto a defender penáltis e ontem parou mais um. Depois Maxi: quando ainda todos estão a tentar apanhar o ritmo, o uruguaio parecia o bip-bip a fugir dos coiotes. Marcou o primeiro do Benfica. Para completar o trio sul-americano falta Salvio: o argentino não fez uma exibição de encher o olho, mas acabou com os castores, de cabeça. E já agora, uma menção ao mágico argentino Gaitán: duas assistências soberbas.

O triunfo do campeão nacional sobre o Paços de Ferreira por 2-0 foi justo, mas ainda sem grande nota artística. Não só porque os castores foram um adversário que se bateu bem, mas fundamentalmente é preciso não esquecer que Oblak, Garay, Siqueira, Markovic e Rodrigo já não fazem parte do onze-base para esta temporada. A juntar a isso, a condição física de alguns elementos ainda não é a melhor. Mas, ao contrário dos últimos dez anos, as águias não começam a dar vantagem aos concorrentes directos.

Artur, o rei do penálti

O Benfica apresentou a mesma equipa que defrontou o Rio Ave na Supertaça, ou seja, Eliseu e Talisca eram os únicos reforços no onze titular. Talvez antecipando uma entrada forte das águias no jogo, o Paços começou em 4x4x2, ao contrário do 4x3x3 habitual, reforçando o meio-campo. Enzo Pérez viu um amarelo logo aos cinco minutos, condicionando ainda mais a estratégia encarnada naquela zona. Certo é que o pensamento de Paulo Fonseca estava correcto e o Benfica só criou algum perigo aos nove minutos, num remate de Lima.

Taça dos Libertadores: San Lorenzo, o primeiro título do resto da sua vida

Independiente 1964, Racing 1967, Estudiantes 1968, Boca Juniors 1977, Argentinos Juniors 1985, River Plate 1986 e Vélez Sarfsield 1994. Aos sete magníficos da Argentina com títulos da Libertadores acrescenta-se um outro: o do San Lorenzo em 2014.

Texto: Redacção/Agências • Foto: LUSA

Apurado in extremis na fase de grupos, com os mesmos pontos do Independiente del Valle (Equador), a equipa do Boedo elimina os brasileiros Grémio (4-2 nos penáltis) e Cruzeiro (2-1) mais o Bolívar (5-1) para chegar à final com os paraguaios do Nacional.

Em Assunção, 1-1. Em Buenos Aires, 1-0, golo de penálti de Ortigoza aos 35'. É um tento precioso porque a Libertadores não contempla a regra dos golos fora. Caso o internacional paraguaio falhasse da linha dos 11 metros, o jogo iria então a prolongamento e depois aos penáltis. Tal não é preciso, o assunto é logo arrumado no final dos 90 minutos. Para delírio do treinador Edgardo Bauza, já vencedor da Libertadores em 2008 pela LDU Quito. E, claro, para delírio dos adeptos do San Lorenzo, a sonhar com este momento glorioso desde sempre. Entre eles, há três famosíssimos.

Como diz o presidente Matías Lammens, “não há nada como o Papa e o seu poder de difusão no mundo. Na Argentina, digamos que o adepto com mais poder era Marcelo Tinelli (apresentador de TV), que sempre falou do San Lorenzo nos seus programas. Mas a nível mundial, o nome mais badalado é Viggo Mortensen. Sempre que tem uma oportunidade, mostra as nossas cores.” Azul e vermelho, acrescentamos nós.

Destes três, quem falha à festa da consagração? O Papa Francisco, de visita a Seul (Coreia do Sul). Já Tinelli é presença obrigatória, até porque acumula as funções de



Logo de seguida, os castores podiam ter ficado em vantagem no do marcador, dificultando ainda mais a tarefa do campeão nacional, mas Manuel José permitiu que Artur defendesse o penálti assinalado por Cosme Machado. O guarda-redes brasileiro, que assinou talvez a sua despedida da Luz (as contratações de Júlio César e Karnezis parecem iminentes), voltou a ser herói. O público gritava o seu nome, ele que nos últimos tempos parecia ser o vilão e a causa de todos os males desta equipa.

Apesar da oportunidade desperdiçada, o Paços não se desmoralizou. Os castores eram a equipa mais perigosa e nos dez minutos seguintes Artur foi chamado a intervir em mais três ocasiões. Enzo era uma sombra – acabou por ser substituído ainda na primeira parte, por dores musculares – e o Benfica tinha dificuldade em construir lances de ataque com princípio, meio e fim. Talisca não tem o mesmo andamento para isto e teve de ser Maxi a mostrar como se faz. É impressionante a velocidade e o poder físico do experiente lateral uruguaio. Aos 24' ofereceu o golo a Lima; como o brasileiro falhou, Maxi a seguir mostrou como se faz. Apareceu na cara de Defendi e o Benfica ficava a vencer por 1-0. A organização do Paços tinha conseguido sustentar as águias durante este tempo, mas o penálti falhado obrigava os nortenhos a ir atrás do prejuízo.

O Paços acusou o golo sofrido. Não se desfez, mas as ocasiões de golo deixaram de aparecer. Em sentido contrário, as águias tranquilizaram-se e foram controlando o jogo. Manuel José e Sérgio Oliveira tentaram assustar Artur (remates por cima), do outro lado Lima quase acertou nas redes de Defendi. Salvio acabou com a incerteza no resultado com um cabeceamento ao segundo poste, após cruzamento de Gaitán.

Sporting empata com a Académica em Coimbra

Um golo de Rafael Lopes, já no período de compensação, deu o empate a 1 golo da Académica frente ao Sporting. Em Coimbra, os “leões” adiantaram-se no marcador através do peruano Carillo, aos 15 minutos, e, numa altura em que o triunfo já parecia não ir escapar, Rafael Lopes, no primeiro minuto extra, igualou a contenda.

Ligue 1: PSG ignora ausência de Ibrahimovic e vence o Bastia

O actual campeão Paris St Germain não se importou com a saída prematura do seu talismã Zlatan Ibrahimovic no jogo deste sábado e assinalou a sua primeira vitória no Campeonato Francês de futebol, superando o Bastia por 2 x 0.



Texto: Redacção/Agências • Foto: LUSA

O atacante sueco, eleito Jogador do Ano na última temporada, viu-se forçado a deixar o campo após uma lesão aos 15 minutos de partida, mas a equipa do treinador Laurent Blanc, ainda assim, conseguiu dominar a partida.

O brasileiro David Luiz jogou os 90 minutos no seu primeiro jogo oficial desde que deixou o Chelsea para se transformar no defesa mais caro da história do futebol, contratado pelo PSG por 83,48 milhões de dólares. Compatriota de David Luiz, Lucas Moura abriu o marcador aos 26 minutos, ao rematar para a baliza após cruzamento de Gregory van der Wiel.

Sempre levando perigo no ataque, Edinson Cavani aumentou o placar aos 12 minutos da segunda etapa. O uruguaio recebeu passe longo, dominou na altura da marca do penálti e, com a bola a pingar, girou marcando um lindo golo e dando ao PSG o quarto ponto em duas partidas no campeonato.

Sónia André, a feminista dura

Reflectindo sobre a conversa mantida com a actriz moçambicana, Sónia André, a protagonista, com a filha Thandy, da curta-metragem Mwany, do realizador brasileiro, Nivaldo Vasconcelos, nada mais nos resta senão admitirmos que ela é, fundamentalmente, uma feminista dura. Saiba as razões...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Ouri Pota

Como narrámos, em artigos anteriores, podíamos, pura e simplesmente, sancionar favoravelmente à actriz moçambicana, Sónia André, pelo facto de há sete anos – quase sem nenhuma informação específica, muito menos alguém que a acolhesse com a sua prole, recém-nascida – ter-se deslocado ao Brasil, onde cursou arte e educação musical, na qualidade de marinheira de primeira viagem e, mesmo assim, ter sido bem-sucedida.

Mas, tanto o que ela vive, em Mwany, como a forma como ela enfrenta as peripécias da vida, essa sua mundivisão, são factos que nos mostram que André possui um feminismo atípico e, antropológicamente, fundamentado nalguma ancestralidade sem a qual nunca seria possível a sua transcendência. E aqui, vale a pena esclarecer, entendemos a transcendência como a capacidade que ela possui de se impor, como mulher, tornando a sua superioridade factual.

Para tal, é preciso ser-se bravo, ou melhor, ser-se brava. E Sónia, que ‘acusa’ a sua avó de ter proferido tal discurso replicado em Mwany é “tão brava como uma vagina à procura do pénis”. Diz assim mesmo! “E isso é um sinónimo de feminilidade e da força e controlo feminino”, comenta o director da obra cinematográfica, Nivaldo Vasconcelos, que manteve essa passagem em reconhecimento da sua aguçada feminilidade. Até porque “o nosso filme fala sobre a mulher, a Sónia André que cria a sua filha sozinha, remetendo-nos à experiência



da sua mãe e da avó que disse essas palavras muito significativas”.

Entretanto, apesar de que Sónia André não esperava que Nivaldo Vasconcelos colocasse essa mensagem no filme, o que faz com que ela mesma enfatize que quem a proferiu é a sua avó que, desta vez – e numa situação típica de expressão de nostalgia – a mesma sentença inspirou a neta a parafraseá-la. Facto curioso é que, entre as pessoas que vêm o filme, ninguém ousa ignorar a sua originalidade.

“É uma mensagem muito original”, diz Djalma Lourenço, o director do Instituto Nacional de Audiovisual e Cinema, congratulando-se de tê-la ouvido.

A natureza é feminina

Estamos perante um filme feminista. E por essa razão, levando o seu ponto de vista ao extremo, Sónia André diz que “tenho orgulho de fazer parte das mulheres, sem as quais a sociedade não existiria. O problema é que os homens têm esse carácter machista, o que lhes faz pensar que eles são quem manda, o que não é verdade. Quer queiramos quer não a natureza é feminina. E se assim for, a mulher é que manda e descomanda”.

É com esses discursos, compreendidos por alguma corrente de opinião como incendiários, que a actriz que também é pedagoga musical desconstrói alguns discursos constructos. “A ideia machista, segundo a qual, ‘por detrás de um grande homem há sempre uma grande mulher’ é problemática. Nós não estamos atrás de nenhum homem. Jamais estivemos. Mas sim estamos do lado”, afirma.

E não lhe faltam argumentos: “O hino da mulher moçambicana foi muito feliz ao considerar a mulher a ‘companheira inseparável do homem engajado na luta contra a velha sociedade exploradora”.

O que, em parte se pretende explicar, e nós convimos, é que “se não tivessem sido as mulheres a manter a sua alimentação, os nossos camaradas não podiam ter libertado o país. E em casa, ainda que o homem trabalhe e traga a comida e dinheiro, no fim do mês, se a mulher não cozinhar ele não terá o que comer”.

De acordo com Sónia André, a supremacia (do poder) da mulher é imensa de tal sorte que, compreendendo o instinto ‘selvagem’ com que os homens agem, as mulheres conseguem moldá-los de modo a pensarem que eles têm a liberdade para determinar as regras de qualquer jogo, incluindo as relações íntimas.

Por exemplo, diz André, “dentro do quarto, se o homem andar a desafiar a mulher, só vai atingir o ponto G, que é aquela coisa ‘selvagem’ do ser humano, e, infelizmente, não irá sentir o que, em condições normais, necessariamente experimentaria enquanto parceiro da mulher”.

Para a actriz, o homem pode-se ‘libertar’ por causa da sua natureza ‘selvagem’, “achando que a mulher lhe deixou agir dessa forma porque ele manda nela, o que não é verdade. A mulher compreende que o homem é idiota, e pensa que agindo de forma rude pode conquistar o que quer, então, que assim seja. No entanto, é em resultado disso que ele não atinge a sua satisfação na plenitude”.

Pequena biografia

Sónia André é pedagoga musical e actriz de cinema. Em Moçambique frequentou o Instituto Superior Politécnico e Universitário, ISPU, actual Universidade A Politécnica. No Brasil, nos cursos de pós-graduação, formou-se em Ensino de Artes na Universidade Federal de Alagoas, onde, recentemente, concluiu o seu mestrado, com nota máxima, em Educação Musical.

A obra Mwany, um sucesso de crítica e prémios nos mais conceituados festivais brasileiros, realizado pelo brasileiro, Nivaldo Vasconcelos, narra a sua vida, é a sua primeira participação cinematográfica como actriz.

Presentemente, Sónia vive no Brasil, para onde foi com uma criança de seis meses, Thandy da Conceição, há sete anos. Recentemente esteve na sua terra-natal, no âmbito do VIII Festival Nacional de Cultura, ocorrido em Inhambane, onde, a par da cidade de Maputo, a capital do país, exibiu-se o filme Mwany.



Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

FUTURO

A verdade em cada palavra.

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade



O Jornal mais lido em Moçambique.

Plateia

As narrativas dos Tamele

Tal como sucedeu no passado, actualmente, para os amantes da música moçambicana da década de 1940 e não só, falar sobre a família Tamele, com enfoque para Zeburane, é, sem dúvidas, reconhecer o contributo que têm dado para o desenvolvimento da música moçambicana, particularmente na educação social e na protecção da mulheres. Trata-se de um activismo cuja relevância – tendo em conta que houve tempos em que, no país, as opiniões femininas não eram levadas em conta – fez com se disseminasse entre as gerações. Dada a necessidade de se perpetuar os feitos do pai surge Aniano Tamele, um músico nato, a quem pertence a missão de elevar o sobrenome que carrega.

Texto & Foto: Reinaldo Luís

A carreira artística de Aniano Tamele inicia em 1976, graças à influência do seu pai, Eusébio Johane Tamele, ou simplesmente Zeburane. Na época, o músico a que nos referimos recebeu instruções sobre o canto por parte do seu progenitor, como também contou com o apoio dos irmãos Gustavo e Borges. O primeiro já faleceu. Para alicerçar o gosto musical dos filhos, Zeburane chamava-os sempre que ia cantar para fazerem o papel de solistas.

Em 1978, Aniano Tamele entra, pela primeira vez, nos estúdios de gravação. “Tive a sorte de, muito cedo, aprender a tocar um instrumento musical a partir de uma viola precária feita com uma lata de azeite de cinco litros com três fios de sisal”, recorda-se o artista acrescentando que “então publiquei a música ‘Vulavula Nkata’, o mesmo que ‘Expressa-te esposa’”.

Gravada nos estúdios da Rádio Moçambique, na altura, o único lugar que ajudava os artistas que pretendiam abraçar a vida artístico-musical, a obra “Vulavula Nkata” versa sobre as traições a que os homens são sujeitos, aquando das viagens para uma determinada região, dentro ou fora do país, protagonizadas pelas suas esposas e os seus amantes.

Na área da música, o visado recomenda à sua mulher que peça perdão dizendo onde esteve durante a sua ausência, afinal, apesar de ser um vacilo, a traição nem sempre determina o fim de uma relação amorosa. Depois dessa música, no mesmo ano, o criador lança “Tshunela papai” e “África”, um dos hinos que alavancaram a sua carreira artística.

“Produzi o meu primeiro trabalho musical em 1987, mas, antes disso, em 1984 fiz um dueto com o meu irmão Borges num disco familiar. Sempre gostei dos meus pais por tudo o que fizeram por mim. No título ‘Tshunela papai’, por exemplo, fui buscar uma citação na qual o meu pai dizia, numa das suas canções, que ‘Bava anga pswalanga oyo pswala swigüevenga’, o mesmo que ‘O papá não gerou filhos, só criou bandidos’”.

São tantas as narrativas deste homem, cujo ponto máximo é a mulher. Por exemplo, na música “Nibiwa kangaki mina hisiku linwe?”, ou seja, “Quantas vezes sou espancada por dia?”, o artista fala sobre a violência doméstica a que a mulher é sujeita no lar. Essa verdade não só se verifica nessa música. Nas outras, Zeburane fala sobre ‘a violação sexual’, que se encontra no título “Tsunela seyo a nwana a vabvuaka” o mesmo que “Afaste-se porque a criança está doente”.

Entretanto, na música que versa sobre uma suposta má conduta dos músicos, Zeburane fala do comportamento dos seus irmãos e, se calhar, de todos os músicos moçambicanos pois, na altura, os artistas eram considerados marginais. Bandidos. Então, “quando ele nos ensinava a cantar eu perguntava: ‘porque nos ensina a música se o senhor é considerado salteador? O que será de nós? Outros patifes?’”

Embora o seu estilo musical seja diversificado, segundo narra, a obra “África”, baseada na realidade, revela o sofrimento dos povos africanos confrontando-se com as guerras. A música foi criada numa época em que se assistia em Moçambique uma espécie de abuso de poder, ao mesmo tempo que na África do Sul vigorava o apartheid.

“Então falo da fome e da guerra que assola(va) o nosso continente. Num sentido metafórico, coloco-me a suplicar à mãe-África para que veja as lágrimas dos seus filhos que choram diante dela na esperança de um dia alcançarem a salvação”.



Talento suburbano

À semelhança de vários artistas autodidactas cuja arte foi desenvolvida no espaço doméstico, Aniano Tamele narra que “nunca frequentei nenhuma escola de música. Tudo começou em casa quando imitava diversos artistas conceituados da África do Sul, Tanzânia, incluindo o meu pai, a minha inspiração”.

A sua relação com a música surgiu na época em que no seu bairro, Ntchanwane, na província de Gaza, se faziam rodas para se cantar e dançar ao ritmo de Makwaela e Xingomane. Mais tarde integrou o Grupo Polivalente Provincial. Trata-se de uma colectividade fundada por volta de 1978, composta por várias associações culturais. Nesse sentido, devido à relevância do trabalho que os artistas faziam, a administração local decidiu uni-los, em 1981, a fim de actuarem como uma única colectividade.

Na referida formação artística – o Polivalente Provincial, que se dedicava à música, teatro, poesia, dança tradicional entre outras formas de arte – integravam artistas de Xai-Xai, Chokwé, Macia, Chongwene e Chibuto.

“Infelizmente os grupos sumiram com o decorrer dos anos. As bandas do meu pai, por exemplo, desapareceram porque as solistas, depois de uma certa idade, abandonavam-no para cumprirem o papel de donas de casa. Entretanto, por sua vez, os homens emigraram para a África do Sul onde iam trabalhar nas minas”.

Portanto, foi em resultado desse abandono dos membros no seu grupo que Zeburane preferiu passar o testemunho da arte para os seus filhos.

O sumiço na música

Aniano Tamele está há anos sem gravar e, consequentemente, sem novas melodias no mercado. O seu último trabalho foi feito em 1993. Desde essa época até os dias actuais, o artista sumiu dos estúdios de gravação. Quais são as razões? “É impressionante a forma como o tempo passa rapidamente. Há 21 anos que não realizo um concerto. Mas tudo se deve à minha saída da cidade de Maputo. Fiquei 11 anos a trabalhar nas províncias, o que dificultou a minha inspiração e a consequente criação”.

Por essa razão, o artista quer voltar a alegrar os seus fãs, estando, presentemente, a editar e a gravar novas ritmos. Segundo conta, trata-se de um projecto com mais de 10 músicas, esperando-se que sejam lançadas até Outubro deste ano.

Dificuldades

De acordo com Aniano, comparativamente às dificuldades que os artistas vinham enfrentando com as actuais, são mais ‘pesadas’ as do presente, pois, “há anos só nos faltavam casas de ensaio, aparelhagem, patrocinadores, estúdios de gravação e escolas de música no país”.

Contrariamente a um passado recente em que as pessoas enfrentavam essa carência dos materiais e dos devidos espaços, hoje “as

condições estão criadas para o desenvolvimento da arte, o problema é que há uma forte desigualdade de oportunidades. As empresas preferem apostar em dois ou quatro artistas e nunca mais do que isso”.

O pior é que “não temos indústrias culturais e nem empresários firmados nas artes e cultura, no geral e na música, em particular”, lamenta.

A contrafacção discográfica?

“Eu costumo dizer que ninguém anda a vender droga à vista de todo o mundo porque se sabe, de antemão, que se pode ser preso. Agora, vendem-se discos contrafeitos porque se acredita, e isso é visível, que não haverá sanção”. É, na verdade, com base nessas declarações que Aniano Tamele lamenta o facto de encontrar trabalhos discográficos de músicos moçambicanos expostos na rua, à venda, sem nenhuma consideração.

“E eu não posso estar no Xipamnine, no Zimpeto, em Xai-Xai a recolher esse material. Cabe às autoridades competentes realizar esse trabalho, o que, infelizmente, não fazem. O pior é que essa prevaricação é feita diante das autoridades”.

Segundo Tamele, por mais dura e caricata que seja a situação, os artistas são incapazes de detê-la. “Alguns músicos, quando encontram os vendedores, arrancam-lhes o material contrafeito para destruí-lo, esquecendo-se de que o que se devia atacar é a fonte da produção desse material”.



Gimo Mendes reaparece com as “Raízes da Minha de Terra”

O ícone da música clássica moçambicana e fundador do Eyuphuro, Gimo Abdul Remane Mendes, radicado na Dinamarca, decidiu presentear os seus fãs, amigos e familiares da sua terra natal, com o lançamento da compilação dos seus dois últimos álbuns (Meló e Luz) intitulada “Raízes da Minha Terra”. Nas suas composições, o artista apresenta uma série de ritmos macuas, concretamente da zona litoral, fazendo uma fusão das danças Tufu, Nigungo e N'sope. O @Verdade aproveitou a sua passagem pela cidade de Nampula para manter dois dedos de conversa com este conceituado músico.

Texto & Foto: Júlio Paulino

@Verdade (@V): Como começou a sua carreira artística?

Gimo Abdul Remane Mendes (GM): O Gimo Mendes não difere de tantos outros artistas moçambicanos que lutaram (e continuam a lutar) pela preservação das raízes culturais da sua terra natal. Nasci em 1955, na vila sede do distrito de Mossuril, mas vivi e cresci na cidade da Ilha de Moçambique, influenciado pela cultura dos povos árabes que por ali passaram. Comecei a cantar em 1974 com alguns grupos dos bairros da Ilha de Moçambique. Cantávamos em todas as línguas maternas.

Foi na Ilha de Moçambique onde descobri que, com a música, poderia ter outras oportunidades na vida. Sempre apreciei as danças locais, nomeadamente o Tufu, Nigungo e N'sope. Danças, essas, de origem afro-árabe que, na altura, eram interpretadas na língua emakhua, e achei que podia compor as músicas usando instrumentos acústicos e batuque.

Não foi fácil interpretar as músicas na língua emakhua, porque na altura era considerada um idioma de indivíduos pés-des-calços, e as pessoas queriam que eu cantasse em português. Na sequência disso, alguns amigos descriminavam-me, mas nunca desanimei, prossegui com o meu estilo musical até me mudar para a cidade de Nampula. Importa referir que na Ilha de Moçambique ganhei muita simpatia da população local e quase todos encorajavam-me a dar continuidade ao trabalho.

@V: Nessa altura, existia alguma possibilidade de crescer profissionalmente na Ilha de Moçambique?

GM: Não havia espaço para uma possível evolução profissional, razão pela qual me mudei da Ilha de Moçambique para a cidade de Nampula, onde consegui compor a minha primeira música com o título “Amuara a N'Raki”, que significa em português “a Esposa do Senhor Raqui”. A música descreve a vaidade duma mulher que, por se achar muita bonita e aproveitando-se da ausência do marido, aplica mussiro no rosto e expõe-se na via pública. Esta música foi produzida por mim em 1981 nos estúdios da Rádio Moçambique, e fez muito sucesso. No mesmo ano, fui a Maputo à procura de oportunidade, por lá, as coisas estavam muito difíceis, razão pela qual regressiei a Nampula.

@V: Com quem Gimo Mendes trabalhava nessa altura?

GM: Eu trabalhava com Omar Issa e, mais tarde, integrámos no grupo o já falecido Salvador Maurício. Desenvolvemos a ideia de compor músicas, cruzando as nossas experiências culturais. Usávamos instrumentos acústicos e o batuque, mas havia alguns constrangimentos no que tange à realização de concertos. Alguns anos depois tivemos um desentendimento com Salvador Maurício, e passei a trabalhar apenas com Omar Issa.

@V: Como surgiu a ideia de produzir o seu primeiro álbum?

GM: Não tínhamos álbum, fomos trabalhando e, com o andar do tempo, houve a integração de mais elementos no grupo, nomeadamente Zena Bacar, Mussa Abdala, o falecido Chico Ventura e Belarmino Junteiro. Continuámos a apostar no ritmo tradicional e fomos fazendo arranjos das músicas, combinação de sons, entre outras técnicas, e conseguimos vencer algumas dificuldades. Depois disso, achei por bem criar um agrupamento musical, o qual baptizei com o nome de Eyuphuro, que



traduzido em português significa “Remoinho”, e compusemos cinco músicas novas.

@V: Como é que o grupo adquiriu instrumentos musicais?

GM: Os primeiros instrumentos musicais são resultados de donativos, numa acção de solidariedade de algumas pessoas estrangeiras que, de forma singular, se simpatizaram com o grupo e acharam que era capaz de atingir outros patamares. Alguns instrumentos foram feitos localmente, como é o caso dos batusques. Quiseram dar-nos dinheiro, mas nós recusámos. Pedimos apoio ao governo provincial, mas não tivemos sucesso. Não ficámos de braços cruzados, continuamos a trabalhar e como resultado disso recebemos um convite para fazer uma digressão pela Europa, onde durante seis meses visitámos os seguintes países: Holanda, Bélgica, Dinamarca e Suécia. Refira-se que tivemos algum apoio do governo da nossa província relativamente às despesas com as passagens aéreas para Maputo.

@V: A banda Eyuphuro produziu quantos álbuns?

GM: Tivemos dois álbuns, todos gravados fora do país. No nosso próprio país, sobretudo em Nampula, a nossa terra de origem, éramos descriminados por causa do batuque que usávamos nas nossas composições. Não tínhamos espaços para realizar os concertos, não havia carinho por parte da Direcção Provincial da Cultura, entre outras situações. Tenho muito material masterizado que não chegou a ser produzido, e localmente não conseguimos vender os nossos discos.

O divórcio com o Eyuphuro

@V: O que esteve por detrás do rompimento das relações entre Gimo Mendes e o agrupamento Eyuphuro?

GM: Eu trabalhava bastante e quase sozinho, fazia os arranjos das músicas, procurava organizar espectáculos, através duma empresa que eu havia criado para o

efeito, e os meus colegas aguardavam pelo trabalho final. Já estava a sentir-me esgotado e, como expliquei anteriormente, dentro do país era difícil vender os nossos discos com vista a suportar as despesas do grupo, incluindo alguns ordenados. Recordo-me ainda de que, em algum momento, tive de pedir dinheiro a minha esposa para pagar salários aos colegas. Foi na sequência deste cenário que, em 1992, tive de partir para Dinamarca onde se encontrava a minha família (esposa e filhos).

@V: Presentemente, o que tem feito?

GM: Durante os 18 anos na Dinamarca, eu concluí o nível superior em Música, tenho um estúdio próprio, no qual, na companhia de alguns estudantes e outros artistas, tenho feito a produção das minhas músicas, além de realizar concertos por aquele país. Tenho estado em alguns países africanos, onde fui convidado para leccionar música nalgumas instituições de ensino superior.

@V: Tem alguns projectos ou planos para Moçambique?

GM: Viver da música em Moçambique é difícil por causa da pirataria, um facto que faz com os empresários não invistam neste ramo. Gostaria de abrir uma escola de música, caso haja alguém que possa ajudar. Com a experiência adquirida além-fronteira, estou aberto para transmitir os meus conhecimentos aos meus irmãos moçambicanos. Ainda é prematuro avançar projectos para o meu país.

Importa salientar que, apesar de residir fora de Moçambique, ainda me inspiro nos diferentes ritmos tradicionais da Ilha de Moçambique e, no âmbito da minha carreira de músico, fundei a associação “Artist Take Action (ATA)”, uma agremiação de carácter cultural e humanitário na qual, dentre vários objectivos, procuro juntar músicos, jornalistas e outras pessoas ligadas ao mundo da cultura dinamarquesa para um intercâmbio com os artistas moçambicanos.

Continuo a compor músicas inspirando-me nas raízes moçambicanas e, em 2007, fui galardoado com o prémio “Danish Wold Awards” na categoria de “Melhor Música do Ano” na Dinamarca, e, em 2009, fui nomeado para a categoria de “Melhor Artista Africano do Ano”.

@V: O que se pode encontrar neste seu novo trabalho?

GM: “Raízes da Minha Terra” é um trabalho discográfico a solo, dedicado a Nelson Mandela e pretendo “retornar”, através da música, às minhas origens africanas, particularmente moçambicanas. Por outro lado, o álbum faz uma crítica à má imagem que o Ocidente tem do nosso continente sobretudo por causa de conflitos armados com que alguns países se debatem, as catástrofes naturais, doenças, a pobreza, entre outros problemas. É um trabalho que levou quatro anos a ser concluído.

Quem quer descobrir o interior do universo?

Estimado leitor, já cogitou a possibilidade de, através da música, descobrir o interior do universo? Caso negativo, eis a oportunidade. A banda Patsi Phantima, Universo Interior, actua na noite deste sábado, 23 de Agosto, a partir da 22 horas, no Café e Bar Gil Vicente, em Maputo.

Texto: Redacção • Foto: Bernícia Cotela

Patsi Phantima, que significa Universo Interior, é uma banda moçambicana, originária da cidade de Maputo, que se dedica à fusão de ritmos tradicionais e modernos, com o objectivo de a divulgação dos instrumentos e da música tradicional no país.

A colectividade incorpora, no seu espólio de ferramentas artísticas, a fim de preservar a cultura africana, gerando composições musicais em que se aglutinam mensagens



didácticas acerca de uma infinidade de temas, como, por exemplo, a necessidade da preservação da paz, a manifestação do amor ao próximo, e o espírito de solidariedade entre os moçambicanos.

Ainda em processo de inserção no mercado local, a banda Patsi Phantima já actou em concertos de artistas cuja com carreira consolidada como, por exemplo, Xixel Langa, Mingos Massala, Isabel Novella e Ali Faque. Instrumentos como Xigovia, Camcubwe e Chocalhos são os mais empregues nas fusões que os artistas fazem com a

música moderna, criando um resultado sonoro em que se estabelece algum equilíbrio entre os gostos musicais de quem absorve a sua música.

Presentemente, o agrupamento prepara-se para a produção do seu primeiro single cujo lançamento está previsto para ocorrer ainda no ano corrente. No entanto, o seu primeiro trabalho discográfico – em acelerado processo de preparação – já tem um título definido, “O Sabor da Mbira”.

Segundo a banda, a música é um grande vector para a produção do bem-estar social bem como para educação de uma sociedade. Por isso, “estamos a trabalhar afinadamente para, brevemente, fazermos uma digressão nas casas de pastos da cidade de Maputo, e em algumas províncias do país”.

Fazem parte do grupo o tocador da Mbira, Auro Meireles dos Marquíl, o percussionista, Alfredo Nora Esmeralda Quilambo, o flautista João Ernesto Paulo Lápis, o baterista Raimundo Xavier Licenga, o baixista Silva Paulo Macamo e a gestora e tocadora de Mbira Silva Bernícia Cotela. A não perder, este sábado, um concerto revelador, com a banda Patsi Phantima, no Café e Bar Gil Vicente, em Maputo.

Kanye West está a gravar com Paul McCartney

Os músicos Paul McCartney e Kanye West deverão promover um encontro de gerações e estilos musicais em breve. De acordo com fontes ouvidas pelo site do jornal americano *The New York Post*, o ex-Beatle e o rapper estão a gravar músicas, que deverão fazer parte de um novo trabalho discográfico. No entanto, ainda não se sabe se será um disco inédito de algum dos artistas ou uma obra colectiva.

Texto & Foto: **Revista Veja**



Segundo a publicação, West ter-se-ia aproximado de McCartney há alguns meses e foi visto durante um show do músico britânico em Los Angeles na última semana.

Ambos já teriam gravado uma música intitulada *Piss on My Grave*. Uma fonte próxima dos artistas disse ao tabloide *The Sun* que eles já tiveram alguns encontros, mas que preferem manter as colaborações que fizeram em sigilo até o último minuto.

Os representantes do rapper americano não comentaram o assunto. Paul McCartney, por sua vez, declarou numa entrevista recente que gostaria de trabalhar com algum rapper como Jay Z e o próprio West.

More Jazz Series abrange Maputo, Matola e Marracuene

Arranca na sexta-feira, 22 de Agosto, na cidade de Maputo, a partir das 19 horas, a quarta edição do More Jazz Series. O projecto foi criado em 2002 e, este ano, traz à Moçambique a conceituada cantora beninense Angélique Kidjo, que vai actuar e lançar o seu mais recente trabalho discográfico “Eve” e uma autobiografia intitulada “Spirit Rising. My Life, My Music”.

Na abertura, para além de Kidjo, irão actuar o elenco The Moreira Project, liderado pelo saxofonista moçambicano Moreira Chonguica, o músico angolano Filipe Mukenga, incluindo o mais recente projecto More Jazz Big Band,

constituído por crianças e jovens que estudantes de música. No segundo dia, 23, a partir das 15 horas, num concerto a ser realizado no Porto de Maputo, na zona baixa da cidade, vão actuar artistas como Walter Mabas, John Hassan, e far-se-á ainda o lançamento do primeiro trabalho discográfico do projecto Kuche's Quintet, liderado pelo saxofonista Timóteo Cuche.

Para finalizar a digressão, já no dia 30 de Agosto, o More Jazz Series irá actuar na cidade da Matola, a fim de realizar mais um concerto no espaço da Folha Verde, enquanto no dia seguinte, a actuação acontecerá em Ricatla-Marracuene.

Justin Bieber tenta ser ‘pessoa melhor’ por Selena Gomez

Para reatar com a ex-namorada, o cantor foi à igreja e tem estado a publicar mensagens edificantes na rede social Instagram.

Texto & Foto: **Revista Veja**



Justin Bieber e Selena Gomez voltaram entenderam-se novamente. O casal, que reatou o relacionamento há poucos dias, passou o fim-de-semana num clima de amor total. A volta seria, então, mais que um revival. De acordo com o site americano *TMZ*, um já estaria chamando o outro de namorado e namorada, como nos bons e velhos tempos.

Apaixonado, o intérprete de *Baby* estaria quase servil com a amada, bajulando Selena constante-

mente, para o deleite da actriz. Bieber estaria ainda a fazer práticas como visitar uma igreja para provar que deseja ser “uma pessoa melhor”. Sabe-se, porém, que dois foram juntos a uma igreja na quarta-feira passada.

No dia seguinte, coincidência ou não, o cantor publicou uma mensagem bíblica no Instagram: “Depois de você sofrer um pouco, Deus vai restaurá-lo, confirmá-lo e fortalecê-lo”.

Na sexta-feira, ele voltou a postar uma mensagem edificante: “Esqueça o mal, e foque no bem. Ame as pessoas que o tratam direito e ore pelas que não o tratam da maneira devida”. Ele também chegou a publicar, mas apagou em seguida, uma foto em que Selena aparecia beijando o seu queixo.

Não é a primeira vez. Justin Bieber e Selena Gomez foram vistos juntos, diversas vezes, em 2010, mas só assumiram o namoro na festa que a revista *Vanity Fair* promoveu após a entrega do Óscar de 2011, realizada em Fevereiro. As ciumentas fãs do cantor, então com 16 anos, ficaram tão revoltadas com a revelação que ameaçaram a moça, com 18 anos, de morte pela internet.

Michael Jackson pode ter mais oito álbuns póstumos



Uma matéria publicada recentemente pela revista americana *‘Rolling Stone’*, Michael Jackson pode ter mais oito álbuns póstumos, dado o facto de existem faixas musicais descartadas ou não finalizadas suficientes para compor futuros discos do cantor, além do recém-lançado *Xscape*.

“Temos algumas surpresas pela frente”, disse à publicação o produtor Rodney Jerkins, que trabalhou no álbum mais recente de Jackson ao lado de Timbaland, Stargate, Jerome “Jroc” Harmon e John McClain. “Tenho certeza de que existem mais algumas coisas boas e espero que todos nós possamos ouvi-las em breve”, concluiu Jerkins.

Não se sabe ao certo quantas músicas foram deixadas na prateleira pelo cantor. Em entrevista à revista, o ex-diretor da Sony Music Tommy Mottola diz acreditar que Michael Jackson tenha composto entre 20 e 30 músicas para cada um dos dez álbuns de estúdio lançados entre 1972 e 2001.

Entretanto, sabe-se que o novo clipe de Michael Jackson, *A Place with No Name*, canção de seu segundo disco póstumo, *Xscape*, foi lançado na noite de quarta-feira no Twitter e traz cenas raras do cantor morto em junho de 2009.

De acordo com o site *Huffington Post*, as imagens mostram Jackson nos bastidores do clipe *In the Closet*, de 1992, em que ele dança num cenário abandonado com a modelo Naomi Campbell. A música é o segundo single do novo álbum de Jackson, gravada por si em 1998, e baseada na canção *A Horse With No Name*, da banda *America*.

A produção, dirigida por Samuel Bayer, o responsável por sucessos como *Smells Like Teen Spirit*, do *Nirvana*, foi o primeiro videoclipe da história a estreitar no Twitter e, nesta quinta-feira, foi publicado no YouTube.

Vilão de ‘Thor’ é o favorito para protagonizar ‘Ben-Hur’

O actor Tom Hiddleston, famoso por viver o vilão Loki na franquia *Thor* e no filme *Os Vingadores*, está cotado para ser Judah Ben-Hur no remake do filme *Ben-Hur*, previsto para 2016. As informações são do site *Deadline*.

Texto : **Revista Veja**

Baseado no romance de Lew Wallace, *Ben-Hur* narra a história do judeu Judah Ben-Hur, que é traído por um amigo e escravizado. Ele luta pela sua liberdade e precisa escolher entre o perdão e a vingança. As peripécias decorrem nos tempos de Jesus e o personagem chega a cruzar com o personagem bíblico. Entre as adaptações mais famosas do livro, está o filme de William Wyler, lançado em 1959, que conquistou onze estatuetas no Óscar.

Os estúdios responsáveis pela nova versão da história, Paramount e MGM, convidaram o casal Mark Burnett e Roma Downey, os criadores da elogiada minissérie *A Bíblia*, para trabalhar na produção. John Ridley, vencedor do Óscar por *12 Anos de Escravidão*, ficou encarregado do roteiro.

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...



A casca de laranja é inflamável porque tem um combustível formado por uma mistura de óleos essenciais. Cerca de 90% desses óleos são constituídos por limoneno, substância pertencente aos hidrocarbonetos (composição de carbono e hidrogénio). Esse composto é inflamável. A gasolina, produto derivado do petróleo, também tem uma mistura de hidrocarbonetos.

Às vezes, quando estamos a ser tomados pelo sono, temos a sensação de que estamos a cair. Isso é uma alucinação que acontece no momento exacto em que o sono está a ser gerado. Acontecem abalos motores que, quando mais intensos, se reflectem nos músculos, criando a sensação de queda.

Os chefs de cozinha usam chapéus brancos e altos porque era um costume no século XV, quando os cozinheiros eram bem pagos e respeitados pelos gregos na era bizantina. Quando os turcos derrubaram o Império Bizantino, em 1453, os bons chefs esconderam-se entre os monges. E para não serem identificados, adoptaram as vestimentas dos monges, incluindo um chapéu negro, alto e inflado. Com o tempo, mudaram a cor do chapéu para se diferenciarem do clero.

PENSAMENTOS...



- A voz da consciência fala baixo.
- A cabeça é poderosa mas não manda no coração.
- A boa caridade começa em casa.
- A calúnia é como o carvão; quando não queima suja.
- Cada um na sua casa. Deus na de todos.
- O castigo tarda mas não falha.
- Boca e carteira, abrir com cautela.
- Casamento sem amor leva a amor sem casamento.

SAIBA QUE...



A pele dos animais foi o primeiro vestuário do homem na pré-história, protegendo-o do frio. A pele mantém entre ela e o corpo uma camada de ar quente produzida pelo organismo, limitando, assim, a troca de calor entre o corpo e o meio ambiente. Foi o mundo grego que deu impulso a esse tipo de comércio, pois juntava-se a capacidade isolante das peles dos animais à sua beleza, dando características sofisticadas ao vestuário.

O beija-flor é a única ave capaz de voar para trás. Vários factores fazem com que tal seja possível. Em primeiro lugar, a articulação dos seus ombros é muito flexível e, portanto, pode ser movimentada mais livremente do que a de outras aves. A asa, em contrapartida, é pouco flexível, fazendo com que o conjunto se comporte como uma hélice. Esta, aliada a potentes músculos peitorais, faz com que o beija-flor seja capaz de se movimentar em qualquer direcção.

RIR É SAÚDE



O bêbado está sentado à esquina duma rua, altas horas da noite, quando passa uma patrulha da Polícia.

- O que faz aí? - pergunta o oficial.
- Vejo que a terra anda à roda, e estou à espera que a minha casa aqui passe para eu entrar.

Numa casa de antiguidades, o cliente pergunta ao funcionário:

- Diga-me: este armário é antigo?
- Sem qualquer dúvida, meu caro senhor. Aqui todos os móveis que fabricamos são antigos.

Uma senhora queixa-se de dores de cabeça:

- É a pior dor que há.
- Ó D. Josefina, não diga isso. Pior que todas é a dor de ouvidos.
- Ai, não, não. Tenham paciência. Pior que a dor do parto é que não há nenhuma.
- Vê-se bem - diz um cavalheiro - que nenhuma das senhoras ainda apanhou um pontapé nos testículos.

O patrão, distraído, para o empregado:

- Que estás a fazer, João?
- Nada, senhor.
- Então, quando acabares, vem cá.

Um judeu, muito doente, prometeu cem mil meticais ao médico se este o curasse.

- Passados meses, encontram-se.
- Então, como tem passado?
- Ótimo, doutor! Sinto-me outro.
- O médico aproveita a oportunidade para lhe lembrar da promessa dos cem mil meticais.
- Mas eu prometi isso? - diz o judeu, fingindo-se admirado.
- Pois prometeu.
- Calcule, doutor. Só agora vejo como estive tão mal.

A senhora vai dar a esmola e pergunta:

- E esses ataques de tosse duram-lhe muito tempo?
- O mendigo:
- Oito horas por dia. É o que manda o horário de trabalho.

Um carro pára em frente duma loja. O condutor desce, entra no estabelecimento e, com certa delicadeza, pede esmola ao lojista, que lhe pergunta o que desejava.

- Mas... você anda a pedir esmola de automóvel? - exclama o comerciante, espantado.
- Que quer o senhor que eu faça? Estou cheio de pressa.

O pai está a aquecer-se à lareira. A mãe e o filho estão perto da cozinha, a rachar lenha.

- Minha mãe: que cheiro é este?! Parece que estão a queimar cornos!
- Larga o machado e vai lá para dentro, a ver se o teu pai caiu para o lume.

O vagabundo bate à porta de uma quinta.

- Tenho sede - diz à proprietária.
- Espere uma pouco - afirmou a senhora. Vou à cozinha buscar um grande jarro de água.
- Perdão - protesta o indigente - Disse-lhe que tinha sede, e não que estava sujo!

HORÓSCOPO - Previsão de 15.08 a 21.08



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: As suas finanças estão bem e poderão proporcionar-lhe uma fase caracterizada por alguma tranquilidade. Boa oportunidade para proceder a alguns investimentos.

Sentimental: O seu envolvimento sentimental será caracterizado por um entendimento quase perfeito; este comportamento terá grande efeito no casal e o resultado será uma ligação muito fortalecida. Aproveite este bom momento.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Os aspectos relacionados com dinheiro encontram uma fase positiva. Assim, este aspecto contribuirá de uma forma muito acentuada para que a semana lhe corra da melhor forma.

Sentimental: A estabilidade para os nativos do Caranguejo será uma realidade na sua relação amorosa. Conviva com o seu par, abra o seu coração e divida com ele a sua vida. O retorno será, naturalmente, uma grande aproximação e muito carinho e ternura.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Este é um bom período em tudo o que envolva finanças. Investimentos e aplicações de capital atravessam um bom momento com retornos bastante positivos, mas exigindo muita precaução. Poderá verificar-se uma entrada de dinheiro que embora inesperada será recebida com agrado e ajudará a resolver algumas questões.

Sentimental: Boas oportunidades no campo sentimental. Os relacionamentos do casal serão intensos e muito agradáveis. Uma forte sexualidade caracterizará este período.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Este aspecto poderá caracterizar-se por dificuldades acrescidas para os nativos do Capricórnio. Despesas inesperadas poderão constituir um motivo de grande preocupação.

Sentimental: Poderá encontrar no seu relacionamento sentimental a compreensão e ajuda que lhe permitirá ultrapassar com alguma calma e serenidade questões que de outra forma seriam motivo de desequilíbrio e ansiedade.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: Aspeto favorecido para investimentos que deverão ser bem analisados antes de tomar decisões, ponderando os prós e os contras. Esta semana, astrológicamente encontra-se em alta e se tomar as decisões certas os resultados serão muito positivos.

Sentimental: Período muito favorecido em que a aproximação do casal será manifestamente favorecida por umas boas condições astrais. O entendimento terá como suporte principal o diálogo.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: As questões que envolvam dinheiro encontram-se numa fase que recomendam algum cuidado. Evite as despesas desnecessárias. Poderá ser confrontado com um compromisso antigo que lhe poderá criar alguns problemas.

Sentimental: Não se esqueça que um entendimento saudável passa pelo casal partilhar os problemas, e não optar pelo fechar-se deixando o seu parceiro nervoso pelo desconhecimento do que se poderá estar a passar.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Embora com algumas dificuldades no presente este aspeto tende a apresentar ligeiras melhorias. Uma entrada de dinheiro não prevista poderá ajudar a equilibrar o seu orçamento. Este período recomenda alguma atenção nos movimentos financeiros.

Sentimental: Dificuldades de diversa ordem poderão caracterizar as relações sentimentais dos nativos do Escorpião. A má influência de terceiros poderá constituir um fator desestabilizador que deverá ser encarado e resolvido com frontalidade.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Período desfavorável para tudo o que passe por dinheiro, investimentos e despesas. Assim, modere a sua vontade de efetuar compras, por muita falta que lhe façam. Obviamente que as despesas em supérfluos é uma questão que nem merece a pena referir.

Sentimental: Um pouco mais de atenção com o seu par é o mínimo que poderá fazer. Aproxime-se mais e verá que os seus problemas e preocupações se tornam mais simples e suportáveis.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Seja prudente com todas as questões que passem por dinheiro. Esta não é uma fase favorecida, seja cuidadoso nas suas despesas pessoais. Proceda de forma equilibrada e evite os exageros.

Sentimental: Será neste aspeto (sentimental) que se poderá equilibrar a balança. Um relacionamento tendo como base o diálogo e a aproximação física contribuirá, de uma forma muito positiva, para que este período se torne mais suportável e até agradável.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: As suas finanças irão conhecer um período muito favorecido e que se bem aproveitadas poderá ter resultados muito positivos. É uma boa altura, depois de bem ponderada, para investimentos de baixo risco.

Sentimental: Nada como a abertura e o diálogo para um bom entendimento de ordem sentimental. Abra o seu coração com o seu par e esclareça algumas dúvidas que têm sido a origem de alguns mal entendidos.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Este aspeto não se pode caracterizar como positivo. Algumas dificuldades tornarão este período muito complicado para os nativos do signo do Sagitário. As despesas, durante esta semana, deverão ser moderadas e aguarde com serenidade por dias melhores.

Sentimental: Cuidado com este aspeto que apresenta uma semana um pouco turbulenta em que manifestações de falta de confiança poderão ser uma constante. Tente ser contemporizador e evite as discussões que poderão ter más consequências.





goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Estou com minha esposa há cinco anos. Quando teve o primeiro bebé ela fez o teste de VIH/SIDA na altura da gravidez. O resultado do teste foi negativo e nasceu um bebé saudável, graças a Deus. Ao engravidar pela segunda vez, ela fez o teste de VIH/SIDA e o resultado foi positivo. Levei a minha esposa ao hospital e pedi para me testarem. O teste acusou negativo e os médicos recomendaram que voltasse meses depois. Fui ontem com a minha irmã e a minha esposa, e os meus resultados foram negativos de novo. Os médicos recomendaram-me que usasse o preservativo nas relações sexuais com a minha esposa e esta história parece-me triste. Já fiz uma casa de alvenaria/melhorada para vivermos. Até hoje ainda não tive relações sexuais com ela! O que posso fazer? Estou confuso. Posso divorciar-me dela? Peço uma opinião. RESPOSTA DA TINA EM <http://www.verdade.co.mz/pergunte-a-tina/48209>



Odnanref Seugirdor Solescnirdor Divorciar-se dela porque mano? Poem-te no lugar dela. Voce ia gostar de ser abandonado por estar infectado? Lembre-se sempre que doença nao se escolhe. Por mim continuavas com ela porque ela precisa de ti, indepentemente do estado de saude em que te encontras. O que deves é cuidar dela e de vossos filhos. Abraços · Ontem às 0:41



Mig Saranga Triste cenário! É nesses momentos que ela necessita do seu apoio, carinho, amor, respeito, felicidade e companhia. Ela não cometeu nenhum crime por isso apoia a ela pra sempre... · Ontem às 0:52



Neta Chirandzane Pq voxes gostam de atixar mais as coisas? Esta sra pode n ter traido o marrido em momento algum. Aham voxes k so se contrai o virus so por via sexual? N vamos ser injustos,perto da mnha casa tem uma velha dos seus 80anos, ano paxado ji acusar positiva, e viuva a anos, ela ta numa situacao em k ja n se envolve c homem nenhum, cmo ela contraiu o virus? Vamos pensar cmo gente k ta informada em todos sentidos. N insentivem a destruicao dexe lar e criarem situacoes de deixarem crianas dezamparadas Homem, n divorcie so pq sua mulher e positiva,procure psicologo k poka te dar instrucoes de cmo viver normalmente c tua xposa. · Ontem às 1:24



Dulce Caridade Caridade Olha HIV nao é doença é apenas uma infecção k pessoa tem. isso nao mata com tratamento. se fores a ver maior parte das pessoas São HIV+ mas nao deixam de viver seus casamentos por conta disso a tua mulher precisa de ti nesse momento! quando vces casaram disseste que aceitavas ela na pobreza e na doença! pôs é agora é a hora de provares que realmente lhe aceitas... · Ontem às 3:25



Julio Armindo Artur Se na verdade amas a tua esposa, certamente que não irás te separar dela! Meu caro amigo, é importante que saibas que qualquer pessoa no mundo, seja rico, pobre, homem, mulher, adulto, criança, em diante, pode ser infectado pelo HIV, devendo ainda saber que o mesmo não só se contrai pelo contacto sexual, saiba ainda que as mulheres são mais susceptíveis à contaminação pelo HIV do que o homem devido à estrutura complexa do seu aparelho reprodutor, para além de que a mesma entra em contacto muitas vezes com muitos factores de risco como a partilha de facas para o uso diário, lava roupas se calhar de pessoas infectadas que tenham manchas de sangue, etc! Agora, no meu entender, a tua esposa pode ter sido alvo de todos esses riscos e muito mais, e, é bom que saibas que em um casal seropositivo é possível nascer um filho livre do HIV, e o HIV não é SIDA, é bom que fique bem claro nisso... A tua esposa precisa da tua ajuda, teu apoio moral e psicológico para aderir ao Tratamento Anti-Retroviral (TARV), sem descriminá-la e sem estigmatizá-la! É bom que sempre que tiveres dúvidas recorras imediatamente a uma unidade sanitária ou a um provedor de saúde ou entre em contacto com: 847891466 ou www.julio.enfermagemasau-de@comunidade.net · Ontem às 4:42



Jose Nuvunga Meu irmão, existem várias maneiras de ser infectado pelo vírus da sida, para além do contacto sexual, sou da opinião de que se tu a amas de verdade, é possível serem felizes, claro, usando sempre o preservativo, pois vejamos, coloca-te tu no lugar dela, sabendo tu que não trais a sua esposa e por algum descuido qualquer contraíste o vírus, seja por um corte, ou mesmo até no salão de cabeleireiro, etc, e um dia por alguma razão tens de fazer o teste e da positivo a ti e ela negativo, gostarias que ela te rejeitasse??? · Ontem às 0:55



Julio Armindo Artur Eu acredito plenamente que a criança seja dele, não devemos usar as redes sociais para destruímos relacionamentos, se não é dele, de quem é? Temos que perseber uma coisa, a pessoa pediu ajuda, não procurou confusão! Antes de comentar numa determinada publicação é necessário que paremos e pensemos antes de dar a nossa opinião, acima de tudo vamo-nos colocar no lugar deste pobre homem que precisa de ajuda! #Tenho_dito_, muito obrigado! · Ontem às 4:22



Marisa Tavira Ibrahim gostei da tua respospa como bom profissional de saude, outros falam se conhecimentos, para eles HIV e igual que cornos, a ignorancia e muito atrevida · 22 h



Nilza Magno A questão que o preocupa é saber como ela contraiu a doença? Como vai ser o vosso relacionamento? E se deve continuar casado? Ela pode ter contraído a doença de variadíssimas formas não só a infidelidade. Se a amas de verdade porquê deixa-lá neste momento que ela mais precisa do teu apoio e carinho.nao tens que desfazer os teus



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO REPORTA:
É normal na Conservatória dos Registos e Notariado de Maxixe ficar sem funcionários durante as horas normais de expediente. Desaparecem todos os funcionários por longo tempo sem dar nenhuma satisfação aos utentes. Mesmo estando presentes, a lentidão é a técnica deles de trabalho, consequentemente todo momento fica cheio.



Orlando Joao Muando Se a gente nao tem algo por comentar vale apenas ficar no silencio aki falou se dos notariados e alguem vai meter assuntos dos partidos. Nao se fala mal de alguem que nao era propositadamente, outra coisa é falhar humanamente outra coisa é erar por nao querer acertar · 17/8 às 13:38



Gilson Remane da G-pro Nao exercem o dever que o povo lhes confiou. Estes devem ser punidos nos termos da lei pork sao criminosos. Crime nao é só roubar ou matar, abandonar o trabalho é crime. Devem ser tomadas as medidas punitivas de acordo com a gravidade do caso. Ou podem ser demitidos ou mesmo expulsos. · 17/8 às 23:44



Abdul Joao Ha mas ixo n é novidade p moç.o teor de “xpere um minuto so é um lema grande” e abandonam de vez o setor por ixo n ha nada de xpulsao e nem de punicao se n acabaremos de punir todos. · há 10 horas



Mussunduya Dom Mais a gente se vira sao lagrimas e suor. Salario minimo nao da pra nada. · 17/8 às 23:16



Polardo Humberto Pohu Agora ja nem é deixa andar + sim deixa fugir... · 17/8 às 23:08



Cesar Banngo É o deixa andar · 17/8 às 22:45



Flz A. Guiho Nesta instituição juro vos que deve se impor alguma mudança emergente... tos nós de Maxixe sabemos q ali é casa de injúrias ao público. “1 colecção de senhoras cheias de chilikes e desdém ao público utente.” Realidade notável a olho nu... · 17/8 às 21:48



Alex Fernando Guirruogo Richa da luisa é o mamparra do facebook n sabe se esprestar com os outro; fala mal seu regionalista · 17/8 às 21:23



Nelson Antonio Buramo Parece que este é o normal da funcao publica. · 17/8 às 14:10



Moises Jesus Alberto Forca da mudanca. Cada um muda do jeito que pode · 17/8 às 13:10



Reynaldo Duarte a realidade do país do pandza há 7 horas



Lourenco Mondlane Mondlane Pura verdade, o povo é obrigado a pagar impostos e quando chega a hora de ser atendido não ha respeito. Muito triste há 9 horas



Acacio Salvador Esse cidadao que reportou isso pode ser desempregado e acha que essa pode ser melhor via para o enquadramento, essa loucura nao deve existir. Nao procurou a causa da ausencia dos funcionarios mas sim extrair a foto e publicar. “COMPORTAMENTO DOS MAL EDUCADOS”. Qual foi a reaccao do estado perante a sua vaga queixa? O que deve saber o estado analisa tudo quanto voce reporta nunca perdera seus quadros pela causa de um chuta-latas... há 10 horas



Domingos Jone Nada d punicao sem perceber no terreno, olhem k as condicoes d trabalho nao justifique alguem sentem n gabinete ate 12, nao tem Ac, ja nao me dia papeis A4 há 11 horas



Lina Bie Medidas drásticas devem ser tomadas há 18 horas



Armando Paiva Monteiro Safados há 20 horas



Raul Macuacua Isto neste país pandza é frequente quem não acredita é filho de governante ou é o tal governante há 22 horas



Nordine Ossufo Eu acho que isso já é o dinamismo do mandato, pois que em Nampula são atendidos documento que entrem pela porta de trás, primeiro, e mais tarde os dos que desde de manhã estavam na bicha. Estamos mal nós o povo e família de camponês. há 23 horas



Parmenides Luis Luso O Povo ja acostumou e sempre gostou daquilo que o cabrito faz onde foi amado. Ontem às 7:19



Mateus V. Matanopa Emprego é tao como pedir namorar. Muito bom quando procura mas quando encontra nao é nada. Ontem às 6:14



Rijány Charles Brown Charles E problema do ser humano quando nao tem trabalho reclama. Ontem às 5:33



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Ali Niwompwe, de 71 anos de idade, foi escorraçado, no passado dia 22 de Julho, do Hospital Central de Nampula (HCN), por um médico porque o idoso não tinha três mil meticais para beneficiar de cirurgia a uma hérnia testicular, por sinal gratuita, naquela que é a maior unidade sanitária da região norte do país. <http://www.verdade.co.mz/nacional/48213>



Rondão Cuacua Moçambique, necessita rigorosamente uma mudança radical, novas leis que diz sociais, para os idosos · 15/8 às 23:02



Rubi Bosco N'tanganda Nas esqadras, hospitais, conservatoria, enqase todas istituicoes publicas, sem dinheiro vais sofrer muito, so unico sitio onde nao se paga e' quando vais nas urnas votar futuros presidentes · 15/8 às 6:57



Fernando Bismarque Hehehehehehehehe...os vossos comentários são verdadeiras comédias...como se não soubessem da caducidade desde governo. Como pode penalizar o médico se os actos de corrupção estão enraizados no sistema da administração pública? Vocês só reclamam, o que já fizeram para expulsar o governo que permite isso tudo. Continuem a votar neles, vocês serão os próximos a serem corridos do hospital. · 15/8 às 8:11



Matias Lucas Vinte Gratuita? Aonde? HCN? Aqui tudo se paga. · 15/8 às 6:47



Vanilton Xavier Fardo Que acto desumano. Até os idosos que tem incapacidade de ter algum fundo para pagar a sua saúde sao feito isso imagina os jovens. E esse tal médico afinal de contas é pago para quê? · 15/8 às 6:46



Danito Neves Só k algumas pessoas nem sabem falar sera k o governo foi falar com o médico pra ele cobrar 3 mil mets ou isso saiu da cabeça dele? Saibamos comentar e culpar kem é culpado ok. · 15/8 às 11:57



Tonne Tonne Solução.. Ta n dia 15 d Outubro 2 · 15/8 às 11:36



George Alaska de Coaneh este é o Moçambique real, com a sua corrupção real... com o seu “bussalismo” real · 15/8 às 11:49



Martinho Duarte “O pais de marabenta vai de mal ao pior” 1 · 15/8 às 11:30



Xavier Artur LAquene Que maldade... · 15/8 às 10:18



Castigo Passe O comportamento reflecte a moçambicanidade! · 15/8 às 9:54



Raisse Da Jacinta Malipiha Irmaos vem ai o Nyusi com GRANDE GANANCIA DE DRIGIR O PAÍS E AI VAMOS CHORAR DE VERDADE, TEMOS QUE PENSAR MUITO E BEM ANTES DE DICIDIRMOS. · 15/8 às 9:14



Gabriel Mazive Neste pais tudo esta estragado, · 15/8 às 8:38



Aiasse Amimo Essa e a tal greve silenciosa gente pena do cotha mocambique o pais da marrabenta 17/8 às 1:51



Emilio Lorenzo Isso ja xt a dominar o pais, em tdos setores 16/8 às 23:59



Marqex Baptista O culpado é o médico. Pode se mudar mais de 1000 governos mas se nao se mudar a mentalidade das pessoas isso continuara assim como xta, mudem vossas mentalidades para acabar com isso tudo 16/8 às 23:34



Jr PNacoma Sentimos mais quando as pessoas de direito percebem e mantém se sedentarios. Moz Moz Moz 16/8 às 21:41



Nordine Ossufo Falem como falarem, nós médicos fomos ditos para trabalhar assim para compensar o nosso magro salário porque o governo não tem dinheiro para nos pagar. O que acham se fossem vocês? 16/8 às 21:35



Picke De Melo M K vergonha 16/8 às 20:50



Carla Light k vergonha: o pior é k muitos estão envolvidos nesse esquema e tal médico não será sancionado. Desgraçados de mier... Afinal é pra isso que se formam? Nthlam...! 16/8 às 20:45



Bek Uandela Isso é mentira! 16/8 às 11:09



Abreu Timóteo Que maldade. 16/8 às 9:13



Lucia Jeremias Siteo Siteo O fim ta no principio: medico espanca paciente.. 16/8 às 8:39

VERDADE

todos os dias

A verdade em cada palavra.

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade

twitter.com/verdademz